

# Itaytera

---

NUMERO 21

ANO 1977

---

"Sinto-me, Srs. Deputados, na infugível obrigação moral de declarar que voto contra esse dispositivo do Projeto da Constituição, há pouco submetido à apreciação desta Assembléia.

O meu silêncio equivaleria a julgar perfeitos ou indiscutíveis todos os atos que pratiquei como Interventor no Ceará, assumindo, **ipso facto**, a função de Juiz em causa própria; e a consciência de cidadão e de católico não me permite aceitar, e, ainda menos, sancionar um prévio indulto aos meus possíveis erros, privando da reparação todos aqueles aos quais, por força da contingência humana, eu haja lesado em seus direitos."

(Palavras do Deputado Manoel do Nascimento Fernandes Távora, por ocasião da votação do Art. 14 das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1934, que aprovava os atos do Governo Provisório e dos Interventores dos Estados, excluída qualquer apreciação judicial dos mesmos atos e seus efeitos).



# ITAYTERA

CRATO

N.º 21

ANO 1977

CEARÁ

## DIRETORIA DO ICC PARA O ANO SOCIAL DE 1976/77

Presidente

Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa

Vice-Presidente

Dr. Plácido Cidade Nuvens

Secretário-Geral

Dr. Antônio Nirson Monteiro

Secretário

Jornalista Jurandy Temóteo de Sousa

Tesoureiro

Antônio Correia Coelho

### COMISSÃO DA REVISTA *ITAYTERA*

J. Lindemberg de Aquino — Dr. Germano Francisco de Almeida — Pe. Francisco Salatiel de Alencar — Jornalista Francisco H. Esmeraldo Cabral

#### *Comissão de Sindicância*

Dr. Jósio de Alencar Araripe — Dr. José Peixoto de Alencar Cortez — Prof. João Mendonça Leite — Dr. José de Paula Bantim

#### *Comissão de Ciências, Letras e Artes*

Elói Teles de Moraes — Pe. Antônio Teodósio Nunes — Divâni Esmeraldo Cabral — Prof. Ronald de Albuquerque

## INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Fundado em 18 de outubro de 1953

Reconhecido de utilidade pública pela Lei Municipal n.º 453, de 22-8-1958  
Registrado no Cartório Civil de Pessoas Jurídicas, sob o n.º 6, fls. 4/7,  
Livro A-1, em 30 de setembro de 1954, em Crato-CE.

Praça Juarez Távora, 950 — Caixa Postal, 74 — 63.100 — Crato-Ceará

# INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

## Cadeiras da Seção de Letras

- N.º 1 — João Lindemberg de Aquino  
Patrono: Padre Ibiapina
- N.º 2 — Dr. Raimundo de O. Borges  
Patrono: Bruno de Menezes
- N.º 3 — Vaga
- N.º 4 — Edmélia Arraes de Alencar  
Patrono: Alexandre Arraes
- N.º 5 — Maria de Lourdes Esmeraldo  
Patrono: Monsenhor Esmeraldo
- N.º 6 — Padre Antônio Gomes de Araújo  
Patrono: Irineu Pinheiro
- N.º 7 — Otacílio Anselmo e Silva  
Patrono: Barbosa de Freitas
- N.º 8 — José Newton Alves de Sousa  
Patrono: Álvaro Bomilcar
- N.º 9 — Mons. Rubens Gondim Lóssio  
Patrono: D. Francisco Pires
- N.º 10 — Thomé Cabral dos Santos  
Patrono: Padre Emílio Cabral
- N.º 11 — Pedro Gomes de Matos  
Patrono: Raimundo Gomes de Matos
- N.º 12 — General Raimundo Teles Pinheiro  
Patrono: Leandro Monteiro
- N.º 13 — Joaquim Lobo de Macedo  
Patrono: Otacílio Macedo
- N.º 14 — Francisco Sousa Nascimento  
Patrono: Manuel Monteiro
- N.º 15 — General Joaquim P. Monteiro  
Patrono: Dr. Ratisbona
- N.º 16 — Professor Aécio Feitosa  
Patrono: Padre Francisco Pitta
- N.º 17 — Nertan Macedo de Alcântara  
Patrono: João Brígido
- N.º 18 — José Arraes de Alencar  
Patrono: Monte Arraes

## SEÇÃO DE CIÊNCIAS

- N.º 1 — Napoleão Tavares Neves  
Patrono: Barreto Sampaio

*Os conceitos emitidos em cada trabalho são de responsabilidade do Autor  
— Aceita-se permuta com publicações congêneres, nacionais e estrangeiras*

## Mais um número de Itaytera

*Na marcha inexorável do tempo, eis que surge, fruto do esforço, da abnegação e do devotamento da Diretoria, mais um número da nossa revista ITAYTERA, o 21, que retrata as atividades do Instituto Cultural do Cariri e opulenta-se pela variada e rica colaboração dos seus associados e amigos.*

*Sentimo-nos, assim, compensados de tanto esforço, na tarefa a que nos impomos, desde 1953, a jornadear pelo mundo das letras, das artes e da cultura, em benefício da documentação histórica e literária da região onde atuamos.*

*Mais uma vez, a IMPRENSA UNIVERSITÁRIA do Ceará, graças ao espírito clarividente do Magnífico Reitor Pedro Teixeira Barroso e do Diretor da instituição gráfica, acolhe ITAYTERA e publica um outro número da nossa revista.*

*É uma colaboração valiosíssima e sem par ao Instituto Cultural do Cariri, carente de ajuda como essa, para melhor desempenho de suas atividades estatutárias.*

*Agradecemos, antecipadamente, à Universidade Federal do Ceará e à Imprensa Universitária por essa publicação.*

*Às demais autoridades do Estado, da região e do Município do Crato, bem como à valiosa Diretoria do ICC, também externamos os nossos agradecimentos.*

*Às instituições que conosco mantêm intercâmbio, reafirmamos o nosso firme desejo de que tudo continue marchando sempre assim, para gáudio nosso.*

*Aos nossos benévolos leitores, a expressão de nossa gratidão, pela generosa e acolhedora recepção que têm dado à nossa Revista.*

*Transcrevemos, a seguir, o Relatório das nossas atividades no ano que passou, e que traduz, na sua expressividade, o que foram os nossos esforços em prol da cultura cariense.*

## Empossada a Diretoria do Instituto Cultural do Cariri

Em solenidade realizada na noite do dia 4 de fevereiro de 1977, tomou posse a Nova Diretoria do Instituto Cultural do Cariri, com a presença de autoridades, representações de classe, associados, diretores e imprensa, na sede da entidade.

A mesa dos trabalhos foi composta por Dr. José Newton Alves de Sousa, Dr. Jéfferson Albuquerque e Sousa, jornalista Lindemberg Aquino, Deputado Hermano Teles, Dr. Germano Almeida, Padre Gonçalo Farias Filho, Antônio Correia Coelho e Dr. Nirson Monteiro.

Em obediência ao programa, houve o juramento e posse da nova Diretoria, composta dos seguintes membros: Presidente: Dr. Jéfferson Albuquerque e Sousa; Vice-Presidente: Prof. Plácido Cidade Nuvens; Secretário-Geral: Dr. Nirson Monteiro; Secretário: jornalista Jurandy Temóteo de Sousa e Tesoureiro: Antônio Correia Coelho.

Comissão da *Revista Itaytera*: Dr. Germano Almeida, jornalista J. Lindemberg de Aquino, Pe. Francisco Salatiel e jornalista Humberto Cabral.

Comissão de Sindicância: Dr. Jósio Araripe, Dr. José Peixoto de Alencar Cortez, Prof. João Mendonça Leite e José de Paula Bantim.

Comissão de Ciências, Letras e Artes: Pe. Antônio Teodósio Nunes, Elói Teles de Moraes, Divâni Cabral e Ronald de Figueiredo Albuquerque.

Na parte oratória, usaram da palavra: o ex-Presidente jornalista J. Lindemberg de Aquino, que apresentou um relatório de sua dinâmica gestão, à frente do ICC, destacando-se a instalação da sede própria.

Depois, falou o presidente empossado Dr. Jéfferson Albuquerque, prestando uma homenagem aos ex-presidentes J. de Figueiredo Filho, Jósio Araripe e J. Lindemberg de Aquino e traçando as metas de sua gestão.

Na palavra facultada, ocuparam a tribuna o sr. Antônio Correia Coelho, tesoureiro do ICC e Secretário de Administração, representando o Prefeito Ariovaldo Carvalho; Dr. Germano Almeida, Juiz do Trabalho, e o deputado Hermano Teles.

Encerrando a reunião, houve lançamento dos novos Estatutos do Instituto Cultural do Cariri e de duas publicações pelo autor, Prof. José Newton Alves de Sousa, da Universidade Católica de Salvador: No Instituto Cultural do Cariri (discursos pronunciados no ICC) e "Poeminhas de Era uma Vez."

Por fim, ocorreu um brinde de champanhe, em comemoração à posse da nova Diretoria, que terá um mandato de dois anos.



## Encerrando o mandato no Instituto Cultural do Cariri

*J. Lindemberg de Aquino*

“Meus Senhores  
Minhas Senhoras:

Por força de um dispositivo estatutário, concluo o meu mandato de Presidente do Instituto Cultural do Cariri, iniciado a 18 de outubro de 1974 e prorrogado de 18 de outubro de 1975 a esta data.

Com o mesmo entusiasmo d'alma e os mesmos alevantados propósitos com que cheguei à Presidência desta Casa, aqui me despeço, com a consciência tranqüila de haver cumprido o meu dever.

Nova Diretoria se empossa e, com ela, novos valores se preparam para dar o contributo de sua colaboração, para a maior grandeza de nossa Instituição. Assim vem sendo e assim será, por muitos e dilatados anos.

Considero que já era chegada a hora de encerrar as minhas atividades presidenciais, e fui o primeiro a não aceitar mais o primeiro posto da Diretoria, porque acho que todos devem ter sua oportunidade de trabalho, sendo o rodízio

---

(Discurso pronunciado pelo ex-Presidente João Lindemberg de Aquino, em 4.2.77, ao passar a Presidência do ICC ao dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa, na sessão solene de posse da nova Diretoria).

uma forma excelente e saudável de dar continuidade aos planos de expansão do ICC.

Entrego o bastão da Presidência ao Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa, homem experimentado e cheio de boa vontade, com uma enorme folha de serviços prestados ao Crato e ao ICC. E o faço com a tranqüila certeza de que o ICC encontrará nesse grande líder um período de grandeza e de realizações, mercê da perene juventude do seu espírito, do entusiasmo contagiante e da personalidade forte que são as características marcantes de sua figura de escol.

Cumpre-me relatar o que foi possível fazer nesses dois anos de meu mandato, acrescidos de mais alguns meses em face da campanha eleitoral que agitou a nossa cidade e que motivou o ICC adiar suas eleições e sua posse.

Procurarei ser breve e conciso, e vos prometo que não tomarei demasiado o vosso tempo.

O ICC passou a fase mais crítica de sua existência quando do desaparecimento de J. de Figueiredo Filho, que era vida e alma da entidade.

O eminente Dr. Jósio de Alencar Araripe sucedeu-lhe no posto por um ano, e a ele coube a virtude de, com pertinácia, não deixar cair por terra o ideal do nosso grande líder.

Ao assumir a Presidência, encontrei, ainda, o ICC simbolizado apenas numa mesa grande de madeira, na sala de visitas do saudoso Presidente, algumas estantes e algumas centenas de livros, tudo traduzindo a sua pobreza franciscana.

Passei a empenhar-me para corporificar o velho ideal de uma sede e, graças ao Dr. Antonio de Alencar Araripe, que havia herdado este local, dele consegui a cessão, sem ônus, por dez anos, para aqui funcionar o ICC.

Junto ao Ministério de Educação e Conselho Federal de Cultura, apresentei-me com planos e orçamentos, e consegui recursos de quinze mil cruzeiros para reformar este prédio, onde nada se aproveitou, nem piso, nem forro, nem instalações elétricas e hidráulicas, sendo necessário começar tudo da estaca zero. E foi com beneditina paciência, consa-

gradadora parcimônia, que transformei o velho pardieiro nesta Casa que hoje vêdes.

Junto ao Estado do Ceará, graças ao eminente Governador Adauto Bezerra e ao Secretário para Assuntos Municipais, Deputado Humberto Bezerra, consegui a ajuda de vinte mil cruzeiros, com que completei estas atividades, e mobiliei a Casa, dotando-a de toda infra-estrutura para a sua condigna instalação e funcionamento.

Hoje está o ICC com tudo o que aqui existe, sala de visitas e cadeiras distintas, mais estantes, novos *bureaux*, máquina de escrever, arquivo de aço para resguardar futuras filmagens e gravações, e instalações físicas que causam admiração, se se tiver em conta os poucos recursos contados.

Na minha administração consegui publicar 3 edições da revista ITAYTERA, uma delas, dedicada a J. Figueiredo Filho e duas dedicadas ao centenário do Seminário.

Realizei, com o apoio do Rotary Club do Crato, Governo do Estado e órgãos federais e estaduais, o II Seminário Para o Desenvolvimento do Sul do Ceará, cuja repercussão foi nacional, e cujos arquivos aqui se acham, documentando para a posteridade o nosso esforço.

Uma das edições de ITAYTERA conseguí imprimir pela Universidade Federal do Ceará. Outra, consegui recursos do Conselho Federal de Cultura.

Transformei em realidade, com instalações próprias, o Clube dos Amigos do Folclore, que hoje tem, inclusive, sua biblioteca especializada, e tem sido um dos autênticos sustentáculos da fama do nosso ICC.

De par com tudo isso, o ICC manteve sua esplêndida atuação, com recursos próprios e outros, conseguidos através de dotações dos senhores deputados do Ceará, todos os anos requeridas com paciência e destemor.

Ressalto a ajuda recebida dos senadores Wilson Gonçalves, Virgílio Távora e Mauro Benevides, e dos deputados federais Ossian Araripe, Mauro Sampaio, Hildo Furtado Leite, Humberto Bezerra, Januário Feitosa e Figueiredo Correia.

A Prefeitura Municipal do Crato nos ajudou nesses dois anos com 2 mil cruzeiros. Alguns empresários nos deram pequeninas ajudas, todas contabilizadas, que permitiram o prosseguimento da vida normal do ICC.

O Presidente fez palestras com Colégios, grupos comunitários e escolas primárias, sobre o ICC, o Crato, o Cariri e nosso folclore.

As exibições folclóricas patrocinadas pelo ICC dominaram nas Exposições e festas da Padroeira. Grupo folclórico local foi a Brasília e a Fortaleza, representar o Instituto, em festivais memoráveis.

Estivemos presentes em conclaves e Seminários, e em solenidades, aqui em Fortaleza, notadamente na Academia de Letras e Instituto do Ceará.

Empossamos dois imortais — JOSÉ ARRAES DE ALENCAR e MOZAR SORIANO ADERALDO. Procedemos uma atualização, reforma e publicação dos Estatutos, e fomos centro de permanente visita de intelectuais, artistas, visitantes ilustres, aos quais fornecemos informações sobre a região e distribuimos publicações.

Diversos livros e plaquetas foram lançados com o patrocínio do ICC, que ajudou, também, a escritores e jornalistas locais a publicarem suas obras.

Foco irradiador de cultura e de sadios movimentos intelectuais, o ICC alicerçou a sua fama, e hoje é das entidades mais respeitadas e acreditadas do Nordeste.

Cumpre-me, nesta oportunidade, testemunhar os meus agradecimentos e da Diretoria, ao Conselho Federal de Cultura, ao Governo do Estado do Ceará, à bancada federal do Ceará, à Prefeitura Municipal do Crato, ao eminente amigo, General Raimundo Teles Pinheiro, que nunca se furtou a dar sua ajuda e colaboração para o crescimento do nosso ICC, em todas as áreas onde pode atuar.

Agradeço aos esforços e à dedicação das duas diretorias que me ajudaram, destacando-se, sem querer ferir aos demais, a ajuda de um Antonio Correia Coelho, de um Jeffer-

son de Albuquerque e Sousa, de um Jurandy Temóteo, de um Nirson Monteiro, de um Pedro Esmeraldo.

O ICC passa à nova Diretoria, pronto para ser acionado, em busca de outros cometimentos, certamente mais valiosos e audaciosos, que as limitações antes encontradas não permitiram desenvolver a contento.

A Diretoria inaugurou a galeria dos ex-Presidentes e manteve estreita colaboração com outras entidades e meios de divulgação, procurando, sobretudo, elevar o nome do Crato.

Senhores:

Desculpai o vosso tempo tomado, o permiti, ao final, que aduza ao que acima foi dito, uma verdade incontestante:

— Ninguém mais conseguirá deter o ICC e sua segura rota traçada para o futuro. Essa cristalina verdade afirma a confiança de uma ação dinâmica e eficiente da nova Diretoria, em quem repousam os destinos da instituição, notadamente do seu novo Presidente, o Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa, a quem auguro votos pessoais de felicidade e de êxito na missão que hoje se inicia.

Muito obrigado.

## **Autoridades enaltecem ICC**

Na sessão solene de posse da nova Diretoria, 3 importantes pronunciamentos foram feitos, por autoridades presentes, enaltecendo as atividades da Diretoria e o próprio ICC.

O Juiz Francisco Germano de Almeida, da Justiça do Trabalho, considerou de alto nível o que o ICC vem realizando, e se prontificou a ajudar, na "ala jovem" que forma a vanguarda de nossa Casa.

O Deputado Hermano Teles, a quem agradecemos, juntamente com o General Teles Pinheiro (este, representado na posse, pelo ex-Presidente J. Lindemberg de Aquino), a publicação no Diário Oficial, dos novos Estatutos, foi taxativo em afirmar que o Instituto é quem mais projeta e dilata a fama cultural do Crato, merecendo a continuada ajuda e estímulo dos poderes públicos.

O pronunciamento do Sr. Antonio Correia Coelho foi de uma admirável lucidez. Secretário Municipal de Administração, em Crato, e representando, no ato, o Prefeito Ariovaldo Carvalho, Correia Coelho fez admirável síntese do que o ICC vem realizando e reafirmou, categoricamente, o apoio da Municipalidade à nossa instituição.

Foram três pronunciamentos espontâneos, que muito nos cativaram.

**Circular distribuída pelo  
Instituto Cultural do Cariri  
comunicando a sua nova Diretoria**

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI tem a satisfação de comunicar a V. Sa. a eleição e posse de sua nova Diretoria, para o corrente exercício. A posse se dará a 4 de fevereiro do ano de 1977.

Ficou assim constituída a nova Diretoria:

Presidente: Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa

Vice-Presidente: Dr. Plácido Cidade Nuvens

Secretário-Geral: Dr. Antônio Nirson Monteiro

Secretário: Jornalista Jurandy Temóteo de Sousa

Tesoureiro: Antônio Correia Coelho

Comissão de Organização de "ITAYTERA":

J. Lindemberg de Aquino

Dr. Germano Francisco de Almeida

Pe. Francisco Salatiel de Alencar

Jornalista Francisco Humberto Esmeraldo Cabral

Comissão de Sindicância:

Dr. Jósio de Alencar Araripe

Dr. José Peixoto de Alencar Cortêz

Prof. João Mendonça Leite

Dr. José de Paula Bantim

Comissão de Ciências, Letras e Artes:

Elói Teles de Moraes  
Pe. Antônio Teodósio Nunes  
Divâni Esmeraldo Cabral  
Prof. Ronald de Albuquerque

Crato, Ceará, Fevereiro de 1977  
Endereço: Praça Juarez Távora, 950  
Caixa Postal, 74 — 63.100 — CRATO (CE)



## Assumindo a Presidência do I.C.C.

*Jéfferson de Albuquerque e Sousa*

Senhores:

1. Esta "fala" não lhes tomará muito tempo. Será concisa. Tem como objetivos: primeiro, trazer à lembrança nossa o encontro havido, em nossa casa, e do qual resultou a fundação deste Instituto. Segundo, lhes dar sumária enumeração dos alvos visados pela Diretoria que agora se empossa. Terceiro, um agradecimento.

2. Quando se cogitava, em Crato, organizar o programa das festividades do 1.º centenário da cidade, convocamos:

ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE, advogado, jornalista e então, deputado federal;

DÉCIO TELES CARTAXO, médico, ao tempo, Prefeito Municipal;

IRINEU NOGUEIRA PINHEIRO, médico e escritor;

RAIMUNDO GIRÃO, professor, escritor e membro do Instituto Histórico do Ceará e da Academia Cearense de Letras;

J. FIGUEIREDO FILHO, professor, jornalista, escritor.

Todos eles, exceção de Figueiredo Filho (depois sócio honorário do Rotary Club local), rotarianos. Todos interessados

---

(Palavras do Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa, na Sessão do I.C.C. em 4 de Fevereiro de 1977, ao assumir a Presidência da entidade.)

pela comunidade cratense e regional. Todos tendo como ideal **SERVIR**.

A convocação teve um fim: dar corpo à idéia surgida no Rotary Clube de Crato. Tal idéia objetivava a criação de uma entidade que congregasse os intelectuais da região do Cariri, pessoas escavadoras da sua história — rica pela participação da sua gente em ações heróicas nas lutas pela independência política nacional; que agrupasse interessados pelas artes, pelo folclore; que reunisse aqueles que cultivassem as letras, que se dedicassem à literatura.

Da conversa, da troca de idéias, das sugestões despontadas, nasceu, então, este INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI (nome sugerido por Raimundo Girão), oficialmente instalado a 4 de outubro de 1973.

3. A evocação desses nomes tem força de uma homenagem aos que daquela reunião foram partícipes, e que, neste instante, ou estão ausentes, ou já faleceram. Vale como destaque do seu esforço pela fundação do Instituto e, depois, pela sua colaboração para continuidade da sua notória reputação.

4. Um daqueles participantes do encontro referido, já morto, nos parece merecer uma menção com destaque porque, segundo Martins Filho, *“nenhum homem do Cariri se ocupou mais com os problemas do seu povo e da sua terra, ninguém como ele se ocupou obstinada e pacientemente dos assuntos que falavam mais de perto aos interesses de sua gente e de sua região, ninguém os estudou com mais devotado e permanente amor”*. Referimo-nos a J. FIGUEIREDO FILHO, que tomou a si o encargo de prover o necessário à vida do Instituto e que foi seu presidente várias vezes, que, nos seus últimos anos de vida, quase se confundia com o mesmo.

5. Sempre vimos na figura de um Presidente a de um Coordenador. Sempre acreditamos mais no trabalho da equipe. Não somos dos que seguem a trilha do monarca francês que afirmava e praticava — *“L’Etat c’est moi”*. Também não somos pelo *“presidente perpétuo”*. De outro lado,

acreditamos que o elogio continuado termina por anular o elogiado, que é um modo de o "inutilizar sem luta". Envenena. Além disto, somos de opinião de que, para se criticar, deve-se conhecer o objeto da crítica. Assim, aceitamos a crítica. Mas crítica com o intuito de colaboração, sempre acrescida de sugestões no sentido de reparação dos enganos, ou dos erros. Repelimos o derrotista. Não afinamos com o louvaminheiro, nem com o maledicente. Daí esperar que, primeiramente, os membros da Diretoria nos dêem sugestões, também façam as suas críticas quando nos enganarmos, ou errarmos. Isto esperamos, também, de todos os que tenham interesse pelo desenvolvimento deste Instituto, pelo seu renome. Apontem os caminhos certos, soluções também.

6. Dos contactos que temos tido com os membros da Diretoria eleita e que se empossa, são estes os objetivos prioritários visados pelos que a compõem:

Continuar o relacionamento com as instituições do gênero, e, se possível, ampliá-los;

Organização da biblioteca — já com, aproximadamente, 4 mil volumes; franqueá-la ao público interessado;

Incentivar o folclore regional;

Realizar convênios com escolas de nível universitário, da região, para pesquisas de nossa formação histórica;

Publicar a revista ITAYTERA, em 1977 e 1978 (já assegurada a edição da mesma, este ano, pela Universidade Federal do Ceará);

Comemorar o 1.º centenário do Senador Manoel do Nascimento Fernandes Távora.

7. Afinal, queremos externar o nosso agradecimento e a nossa homenagem a J. LINDEMBERG DE AQUINO, a quem sucedemos na Presidência deste Instituto. Isto fazemos por seu devotamento, por seu trabalho. Na sua simplicidade (poderíamos até dizer, na sua humildade), fez elo-

giável administração e dela resultou a sede própria com tudo que nela há, e onde nos reunimos agora. Com a singeleza desta nossa manifestação, há sinceridade, sinceridade que sempre tem caracterizado as nossas palavras, os nossos atos.

8. E a todos os que aqui vieram, que aqui se encontram, a nossa gratidão. A todos o nosso muito obrigado.

## Relatório ao Sr. Ministro da Educação e Cultura

Exmo. Senhor Ministro da Educação e Cultura:

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI comparece, respeitosamente, à frente de V. Excia., para relatar as suas principais atividades no exercício que passou, em obediência aos dispositivos legais.

O mandato da Diretoria teve início a 18 de Outubro de 1975 e se prolongou até o dia 4 de Fevereiro de 1977.

Os meses que se prolongaram à data normal de um ano, que era o exercício da Diretoria, se deveram a uma decisão da mesma por estarmos em plena campanha político-eleitoral, o que motivou o adiamento das nossas eleições e posse da nova Diretoria.

Muitos foram os frutos da Diretoria que passou, no seu ano social.

Em Assembléia Geral de 18 de Setembro de 1976, foram reformados e atualizados os Estatutos, que já contavam com 23 anos de existência, e já estavam completamente superados em face à dinâmica dos tempos presentes.

Referidos Estatutos foram publicados, para sua oficialização, no Diário Oficial do Estado do Ceará, em 25 de Novembro do mesmo ano, e impressos em folhetos, para distribuição ao quadro social.

O nosso Setor do CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE, que é um dos principais do Instituto, e um dos que mais merecem a atenção da Diretoria, teve ênfase destacada no ano que passou.

Foi escolhida e adaptada uma sala para o seu funcionamento, na sede nova, e devidamente instalada uma Biblioteca especializada em Folclore, além de terem sido iniciadas as coleções de objetos folclóricos e de medicina popular do Nordeste.

Procedeu-se à solene inauguração do CLUBE DOS AMIGOS DO FOLCLORE, a 28 de Agosto de 1976, com a presença, inclusive, de nossas autoridades.

A Decisão da Assembléia Geral dos Estatutos, que procedeu a reforma e atualização dos mesmos, elasteceu o mandato das Diretorias subseqüentes aquela data (e a primeira é esta) para dois anos.

A posse da atual Diretoria se verificou em sessão solene no dia 4 de Fevereiro do corrente ano.

Nossa Biblioteca, por sinal uma das maiores da região, já tem um salão inteiramente pronto, com mesas e cadeiras, iluminação e ventilação próprias, para atender ao público.

Ela tem sido ampliada dia a dia, com doações de livros da Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade da Paraíba, Universidade de Pernambuco, Instituto Nacional do Livro, escritor Pinto do Carmo, e mais algumas aquisições que a Diretoria tem feito.

Entre essas aquisições, vale salientar que foram incorporadas à Biblioteca do ICC as bibliotecas particulares dos falecidos médicos conterrâneos, Dr. Jézer de Oliveira e Dr. José de Alencar Arraes, cujos acervos foram conseguidos pela Presidência que passou, junto aos seus familiares.

A Biblioteca, todavia, ainda não foi aberta ao público, por dois motivos:

Primeiro, porque falta catalogar todos os seus livros e coleções, inclusive de jornais, mapas e periódicos, por técnicos formados em Biblioteconomia.

Segundo, porque precisamos de, pelo menos, 4 funcionários, para ali atuarem, dois no turno da manhã e dois no turno da tarde, atendendo ao público.

Por ter seus recursos muito limitados, o ICC não pôde contratar esses funcionários, o que implicaria em assinatura de Carteira Profissional e recolhimento de todas as contribuições trabalhistas legais.

Estamos tentando conseguir, junto à Prefeitura Municipal, pelo seu Departamento de Educação, aludidos funcionários, para serem postos, pelo Prefeito, à disposição do ICC, ganhando seus salários na Municipalidade. Os entendimentos marcham para uma satisfatória concretização.

Quanto à catalogação, tentamos conseguir bibliotecônomos na Universidade Federal do Ceará, Universidade de Fortaleza, Governo do Estado, SUDENE e Banco do Nordeste, sem resultado.

Na região, não dispomos de pessoas especializadas nesse setor.

Agora vamos tentar junto ao PROJETO RONDON, para que, quando enviar os rondonistas para o Ceará, incluam pessoas especializadas em organizar Bibliotecas, visto entendermos que o funcionamento da nossa só se deve processar em termos modernos e funcionais.

Não obstante, mesmo descolecionada como se encontra, tem sido muito visitada, e os próprios Diretores orientam os leitores que comumente aparecem.

Procedemos no ICC ao lançamento dos livros CUBOS DE GELO, da escritora Mary Schultze (memórias) no Instituto Cultural do Cariri, discursos pronunciados em nossa entidade, POEMINHAS, os dois últimos do professor José Newton Alves de Sousa, da Faculdade Católica de Filosofia, de Salvador — Bahia.

Igualmente foram lançados no Instituto Cultural do Cariri, a revista HY-HY-TÊ da Faculdade de Filosofia do Crato, e a revista CRATO AGROPECUÁRIO, da Associação dos Criadores do Crato, bem como o livro UM POETA BIS-

**SEXTO**, de Jurandy Temóteo, com estudo sobre a obra poética de Manoel Patrício de Aquino.

Isso sem falar no número 20 da revista **ITAYTERA**, publicação do próprio ICC, que foi dedicada ao Centenário do Seminário Diocesano S. José, de Crato.

O fato mais marcante do ano social do Instituto Cultural do Cariri foi a realização, em Crato, do **II SEMINÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO SUL DO CEARÁ**, patrocínio do nosso Instituto, e do Rotary Club do Crato.

Referido certame teve apoio maciço da **SUDENE**, Banco do Nordeste, Banco do Brasil, **CEBRAE**, **NAE**, Universidade Federal do Ceará, **DNOCS**, Governo do Estado com todos os seus órgãos técnicos, e estudiosos de diversas procedências.

Esse Seminário chamou a atenção de todo o Ceará, pela sua organização e pelos frutos que ofereceu, à base de estudos seríssimos sobre os nossos processos de desenvolvimento econômico.

Técnicos de alto gabarito, conferencistas renomados, estudiosos de renome, todos compareceram ao **SEMINÁRIO**, de 11 a 15 de Maio de 1976. Os trabalhos foram todos publicados pelo ICC.

Para o encerramento compareceram o Governador de S. Paulo, Dr. Paulo Egydio, especialmente convidado, o Governador do Estado do Ceará, Cel. Aduato Bezerra, e o Presidente do Banco do Nordeste, além do representante do Superintendente da **SUDENE**.

O Instituto está cuidando, agora, da publicação dos seus Anais.

O Presidente do Instituto compareceu a diversos locais, fazendo palestras sobre o Crato, sua formação histórica e seu folclore. Nesse sentido, esteve no Colégio Madre Ana Couto, no Colégio Professor Bezerra de Brito, no Colégio Santa Teresa, na Faculdade de Filosofia e na própria TV Ceará, Canal 2, em Fortaleza.

Procedemos a duas solenidades de posse em Cadeiras do do Instituto — a do Dr. José Arraes de Alencar, na Cadeira que tem como patrono **MONTE ARRAES**, e Dr. Mozart So-



riano Aderaldo, na cadeira que tem como patrono nosso saudoso Presidente J. de Figueiredo Filho.

O Presidente do Instituto, mais em homenagem ao ICC do que a si próprio, foi eleito sócio correspondente do INSTITUTO DO CEARÁ — Histórico, Geográfico e Antropológico, e da ACADEMIA SOBRALENSE DE ESTUDOS E LETRAS, de Sobral, Ceará.

A sede do Instituto continua sendo visitada, freqüentemente, por estudantes, artistas, pesquisadores, etc., à cata de informações sobre a região.

O pessoal do PROJETO RONDON passou uma tarde inteira no ICC, colhendo dados sobre nossa história.

Recebemos a visita do Júri do FESTIVAL REGIONAL DA CANÇÃO, formado de musicistas de renome, que, de vários Estados do Nordeste, se deslocaram para o Crato.

Igualmente fomos visitados pelo famoso pintor e gravurista Sérvulo Esmeraldo, que realizou uma exposição de seus quadros em Crato.

Continuou o ICC mantendo proveitoso convênio de caráter cultural com a Faculdade de Filosofia do Crato, participando em todos os seus grandes acontecimentos, bem como dando colaboração ao MUSEU DO CRATO, por nós criado, e cedido para a administração da Prefeitura Municipal do Crato.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI tem continuado pugnando em defesa de assuntos que dizem de perto à exaltação de nossa memória histórica.

Tem mantido permanente campanha em defesa do nosso folclore, tanto que patrocinou a ida de conjunto folclórico local a Recife e Brasília, para exposições especiais, tendo o mesmo sido recebido, inclusive, pelo Presidente da República, o eminente General Ernesto Geisel.

Uma campanha que o ICC sustentou há muitos anos foi a campanha para a criação de um Arquivo Público, em Crato, onde se possam guardar, colecionar e zelar os principais documentos de nossa história.

Recentemente, o Prefeito Municipal do Crato, sensível aos nossos apelos, decidiu criar uma Comissão Especial para o estudo do assunto, já que vai criar o Arquivo Municipal do Crato.

Pela primeira vez, o Governo do Estado, através do eminente Governador Adauto Bezerra, filho da região, e profundo conhecedor de nossa realidade sócio-econômica e cultural, concedeu uma ajuda ao ICC, à base de vinte mil cruzeiros, que foi muito importante para a nossa programação, e foi inteiramente contabilizada e prestada conta.

O Presidente esteve em S. Paulo, quando manteve entendimentos para a participação do Crato, na sua parte folclórica, na FEIRA NACIONAL DA BONDADE, a ser promovida pela APAE brasileira.

Deputados e Senadores cearenses consignaram no presente orçamento da União, como o vêm fazendo há anos, pequenos recursos para o nosso ICC, numa prova incontestada de confiança que depositam em nossa instituição.

Industriais e empresários locais também deram pequenas contribuições ao ICC, para a sua manutenção e pagamento dos seus impostos e taxas.

O Instituto empenha-se, agora, para a construção do monumento ao herói local Joaquim Pinto Madeira, no local do seu fuzilamento, em Crato, já tendo promessa do Prefeito, de que será atendido.

São essas, em resumo, as atividades do ano social que passou, e que foi bastante movimentado para a nossa instituição.

Por isso, o Instituto julga haver cumprido com o seu dever e obedecido as suas normas estatutárias.

Face ao exposto, pede a Vossa Excia. liberar e mandar pagar a subvenção do corrente ano, com que foi contemplado, pela bancada cearense.

Respeitosamente,

*Jéfferson de Albuquerque e Sousa*

Presidente

Crato, CE, 14 de Fevereiro de 1977

## Relembrando Figueiredo Filho

*Pedro Gomes de Matos*

Figueiredo Filho foi uma das inteligências mais agudas que a cultura e a pesquisa histórica tiveram a seu serviço na região sul-caririense.

Nasceu com a marca do escritor. Começou pelo jornalismo e tão logo recebeu em 1925 o título de farmacêutico pela Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, assumiu em Crato a direção da Farmácia Central do Cariri, fundada por seu genitor.

Exerceu a profissão em localidades do interior. Nelas, recolheu elementos que lhe permitiram enfeixar em livro — “Meu Mundo é uma Farmácia” — problemas e aspectos da vida brasileira.

Em “Meu Mundo é uma Farmácia” Figueiredo Filho tudo viu com o olho de psicólogo e de farmacêutico penetrado de sua árdua missão.

Além de sócio da Academia Nacional de Farmácia e do Instituto Arqueológico de Pernambuco, Figueiredo Filho ocupou a Cadeira 35 da Academia Cearense de Letras.

Dedicou-se à pesquisa histórica regional. Nesse empenho, teve como colaboradora a sua esposa — Zuleika Pequeno de Figueiredo. “Cidade do Crato” e “História do Cariri”, (4 volumes), “Engenhos de Rapadura do Cariri”, “O Folclore no Cariri” e “Folguedos Infantis Caririenses” são frutos de sua atividade nesse absorvente setor.

Ao lado de Irineu Pinheiro e do Pe. Antônio Gomes de Araújo, de Otacílio Anselmo e do general Raimundo Teles Pinheiro, — Figueiredo Filho foi um dos que mais investigaram, e com erudição, as origens, a evolução e os sucessos do Cariri.

Seguro na informação, é citado por autores do porte de Câmara Cascudo e Sílvio Rebelo, Gilberto Freire e Raimundo Girão. Por outro lado, é citado em caracteres nipônicos — “Terra e Gente do Nordeste”, de J. O. Ando. Também no alemão, no inglês, no espanhol.

Freqüentou a Revista Brasileira de Medicina, a Revista de História, de São Paulo, a Revista do Instituto do Ceará, a Gazeta da Farmácia, Jornal do Comércio e Diário Carioca.

Fez palestras no Instituto Histórico Nacional, no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, na Academia Pernambucana de Letras, na Casa de Juvenal Galeno e na Assembléia Legislativa do Piauí. A convite, participou de Congressos, Simpósios e Seminários tanto em São Paulo e Minas como em Goiânia e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Das mais destacadas foi a participação de Figueiredo Filho no V Congresso Nacional de Folclore realizado em Fortaleza. Um dos seus títulos (“Cidade do Crato”) foi editado pelo Ministério da Educação. Outro, (“Engenhos de Rapadura do Cariri”) pelo Ministério da Agricultura, com prefácio de Gustavo Barroso; publicou, pela Editora Odeon, o romance “Renovação”.

Presidente do Instituto Cultural do Cariri, fundado em 1953 e que tem como órgão oficial “ITAYTERA”, à revista emprestou Figueiredo Filho o máximo de sua colaboração e capacidade de trabalho. Fê-la apreciada em todos os círculos intelectuais do País. Para isso, muito contribuiu o seu espírito simples, plástico, ecumênico.

Contando o Instituto Cultural do Cariri no seu quadro social com jornalistas, escritores e radialistas, desde o seu primeiro número, “Itaytera” vem prestando à região inestimáveis serviços. Assim, e com ufania, pôde escrever ao ensejo dos seus 10 consecutivos anos de lutas:

“Já não somos letra morta nas lides e nas pesquisas históricas e sociológicas do Ceará e mesmo do Nordeste. A revista “Itaytera” vem a lume, todos os anos, com cerca de duzentas páginas, sempre repletas de bons, proveitosos e instrutivos trabalhos”.

Do Instituto Cultural do Cariri foi a idéia de fundação do Museu do Crato, localizado na Faculdade de Filosofia do Crato. Dispõe de peças do maior interesse, tais como o cacimbo incaico, encontrado no Exu, e um colar de amazonite, doação de José Loiola de Alencar quando prefeito de Araripe.

O tópico que se segue é de uma carta de Eduardo Girão, civilista e pensador:

“O Crato pelo esplendor de seu passado, pelos seus designios e afirmações do presente, é toda uma perenidade de patriotismo, um culto de amor constante à grandeza do seu radioso destino.

“Itaytera” é um elo de ouro nessa cadeia de glórias”.

A instrução pública serviu Figueiredo Filho como Inspetor Regional Escolar. Foi aluno do Colégio Diocesano do Crato (fase do Seminário do Crato) e do Liceu do Ceará. Com inusitado entusiasmo, promoveu as comemorações do primeiro centenário do jornal “O Araripe”, fundado em Crato por João Brígido, e bem assim as do sesquicentenário da adesão da Vila Real do Crato à Revolução Pernambucana de 1817.

Dos títulos de Figueiredo Filho são de citar-se: “Pata-tiva do Assaré” e “No Asfalto e na Piçarra”, este em colaboração com a sua esposa Zuleika Pequeno de Figueiredo.

Figueiredo Filho foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Crato, estabelecimento no qual ocupou, como titular, a cadeira de História do Cariri e História do Ceará e exerceu, por quatro anos (1966-1970), as funções de Vice-Diretor. Lecionou Química e História Natural no Colégio Diocesano do Crato, na Escola Normal Santa Teresa de Jesus e na Associação dos Empregadores do Comércio do Crato.

Figueiredo Filho (José Alves de Figueiredo Filho) nasceu no Crato a 14 de julho de 1904, filho de José Alves de Figueiredo e Emília Viana de Figueiredo.

Em 1926, contraiu núpcias com Zuleika Pequeno de Figueiredo, que lhe deu os seguintes filhos: Eneida de Figueiredo Araripe, casada com o advogado Jósio de Alencar Araripe; e Cauby Pequeno de Figueiredo, casado com Maria Regina Castro Figueiredo. Morreu com 69 anos.

Com esse registro, rendo a minha homenagem póstuma à memória de Figueiredo Filho. E valho-me do ensejo para repetir a frase de Lao Tseo — A imortalidade pertence àqueles que por suas obras não podem ser esquecidos.

*O Povo*, — 8.6.74

## II Seminário para o desenvolvimento do sul do Ceará

Constituiu-se ponto alto do ano social de 1976, no Instituto Cultural do Cariri, a realização do II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará.

Foi co-patrocínio do ICC e do Rotary Club do Crato, contando com o trabalho das duas Diretorias.

Ressalte-se, em particular, a atuação do Engenheiro Eudoro Walter de Santana, líder incontestado do movimento, e o trabalho da Fundação Pe. Ibiapina.

Do que foi o Seminário, sua organização, sua programação, suas palestras, teses, conferências, moções, órgãos públicos que ajudaram, personalidades presentes, enfim, toda a gama de observações que o referido conclave ensejou, publicaram, agora, os Anais, que servirão de documentação para o futuro.

No ICC ficou um grande arquivo, em estante própria, de trabalhos sobre o Seminário de Desenvolvimento.

Ao fazer este registro, o ICC agradece a todos os que cooperaram para o êxito da iniciativa, desde os mais elevados aos mais humildes. Impossível citar todos os nomes.

E transcreve, na ITAYTERA n.º 21, os dois documentos básicos, para registro histórico, o que foi o I e a Memória Justificativa do II, num preito de homenagem aos seus autênticos líderes.

## O QUE FOI O I SEMINÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO SUL DO CEARÁ

### IDÉIA CENTRAL

Preparar a comunidade para a chegada da energia de Paulo Afonso que viria trazer possibilidades de industrialização. O Seminário teve como finalidade, portanto, amplo planejamento da realidade econômico-financeira da área do Cariri e de suas potencialidades a serem aproveitadas com a energia abundante e barata que chegava à região.

### PROMOÇÃO

- Prefeitura Municipal do Crato
- Instituto Cultural do Cariri
- Rotary Club
- Lions Club
- Diocese do Crato.

### PATROCÍNIO

- Banco do Nordeste do Brasil S/A — BNB
- Universidade do Ceará

### SEDE

- Crato - Ceará

### LOCAL

- Ginásio Ana Couto

### PERÍODO

- 17 a 20 de agosto de 1961



## COMISSÕES TÉCNICAS

- A - Educação e Saúde
- B - Crédito e Finanças
- C - Indústria e Energia
- D - Agricultura
- E - Pecuária
- F - Transporte e Comunicação
- G - Açudagem e Irrigação
- H - Cooperativismo.

## PARTICIPANTES

- Representantes dos Ministérios
- Prefeitos da Região
- Membros da equipe técnica e Diretores do BNB
- Membros da equipe técnica e Diretores do Banco do Brasil
- Técnicos da Universidade do Ceará
- Entidades regionais — SUDENE — DNOCS e CHESF
- Representantes do IAA, DNER e DAER
- Conselho Estadual de Educação
- Instituto Nacional do Ensino Pedagógico
- Técnicos e lideranças da região

## MUNICÍPIOS PARTICIPANTES DISTRIBUÍDOS POR ZONAS

### ZONA I

Abaiara, Barro, Mauriti, Milagres.

### ZONA II

Brejo Santo, Jardim, Jati, Porteiras, Penaforte.

### ZONA III

Altaneira, Antonina do Norte, Assaré, Potengi.

#### ZONA IV

Araripe, Campo Sales, Nova Olinda, Santana do Cariri.

#### ZONA V

Caririaçu, Farias Brito, Grangeiro, Várzea Alegre.

#### ZONA VI

Barbalha, Crato, Juazeiro do Norte, Missão Velha.

### RECOMENDAÇÕES DAS DIVERSAS COMISSÕES

#### A — COMISSÃO DE AGRICULTURA

Esta comissão apresentou recomendações concernentes ao fomento da produção agrícola, defesa sanitária vegetal, ensino e extensão agrícola, pesquisa agrícola, cartografia dos solos do Cariri, política de conservação dos solos, adubação, mecanização da lavoura, culturas do algodão, mandioca, abacaxi, batatinha, uva, arroz, cana-de-açúcar, bem como relativas à fruticultura e apicultura. Recomendou ainda, de modo especial, reaparelhamento das diversas repartições do Ministério da Agricultura atuantes na área.

#### B — COMISSÃO DE CRÉDITO E FINANÇAS

Esta Comissão aprovou as seguintes recomendações: pleitear junto ao Banco do Brasil a elevação para 80% da taxa de adiantamentos sobre o algodão em rama, nas bases do preço mínimo fixado pelo Governo Federal e avaliação anual do valor venal das máquinas e benfeitorias para efeito de concessão dos adiantamentos em apreço; solicitar aos Bancos oficiais financiamento aos produtores de farinha de mandioca da Serra do Araripe, arrendatários e usufrutuários, mediante garantia de maquinismo e benfeitorias, por prazo de 5 anos; solicitar a elevação das dotações das Agên-

cias do Banco do Brasil de Crato e Juazeiro do Norte; sugerir aos Bancos oficiais o elastecimento dos limites extras das agências, de conformidade com os volumes da safra algodoeira da região; solicitar a instalação de escritórios rurais em Assaré e Nova Olinda; de Agências de Bancos oficiais em Missão Velha e Várzea Alegre; de Agências da Caixa Econômica em Crato e Juazeiro do Norte; solicitar ao BNB que desconte duplicatas com seguro de aceite nas mesmas condições das duplicatas aceitas; sugerir a ampliação das unidades móveis de crédito rural e a progressiva desburocratização do crédito agrícola; solicitar à Diretoria Geral do BNB que instrua sua Agência de Juazeiro do Norte sobre o processamento das operações de "Warrantagem"; pleitear a redução em 50% da taxa de recolhimento à SUMOC sobre os depósitos em poder dos Bancos particulares sediados no Nordeste; solicitar a instalação de um escritório regional da ANCAR em Crato e de escritórios locais em Municípios circunvizinhos; pleitear junto à SUMOC prioridade na concessão de Cartas Patentes para estabelecimentos bancários que se desejem instalar na região; pleitear junto aos Bancos oficiais facilidades relativamente à abertura de contas caucionadas aos Bancos particulares da região, nos termos da Instrução 182 da SUMOC; solicitar a prorrogação dos benefícios da Instrução 208 da SUMOC; pleitear junto à SUMOC que aceite títulos pecuaristas em substituição aos depósitos compulsórios; solicitar aos bancos oficiais financiamentos para o plantio de forrageiras, a longo prazo, bem como para construção de estábulos e aquisição de arame farpado; formação de núcleos de seleção de animais adaptáveis à região; conservação de forragens; construção de silos-trincheiras; formação de pastagens etc., sugerir que as equipes móveis de crédito rural façam chegar aos criadores a orientação necessária ao aprimoramento de sua atividade e mais conveniente aplicação de crédito no setor zootécnico; finalmente, solicitar ao IAPC e IPASE que instalem nas suas agências de Crato a Carteira Imobiliária para financiamento de casa própria.

## C — COMISSÃO DE INDÚSTRIA E ENERGIA

Esta Comissão recomendou que a CHESF intensifique os trabalhos de eletrificação; que se realizem estudos sobre o cimento, calçados, laticínios, açúcar, carne e derivados, fiação e fabricação de sacos, óleos vegetais e curtumes; que sejam realizados estudos em caráter permanente para identificação de outras oportunidades industriais na região; que se faça uma sugestão ao IAA para realizar estudo e propor medidas para recuperação do parque industrial rapadureiro cariense; que seja criado o Grupo de Desenvolvimento do Sul do Ceará.

## D — COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

Esta Comissão apresentou as seguintes recomendações: multiplicação das unidades escolares nas sedes municipais, distritos e núcleos mais populosos; reaparelhamento das unidades escolares; imprimir maior rendimento ao ensino da região; aprimoramento da formação cultural e pedagógica do professor primário; criação de escolas de iniciação profissional; distribuição regular de merenda escolar; realização do plano de assistência social da Diocese; apoio integral às escolas normais da região para preparo adequado da professora primária; recrutamento de candidatas às escolas normais na população da zona rural com instituição de um sistema de bolsas para internamento das candidatas nas próprias escolas; criação de cursos de extensão cultural intensivos e aperfeiçoamento profissional para as professoras; adoção de medidas para a fixação da professora rural ao meio, pelo menos durante dois anos, a contar de sua nomeação; extensão de tais medidas para evitar que as transferências de professoras primárias importem na transferência das respectivas cadeiras.

No Setor Saúde foram as seguintes as reivindicações: instalação de obras de abastecimento de água e serviço de

esgoto; conclusão em regime de urgência das referidas obras nos Municípios de Assaré, Barbaiha, Brejo Santo, Crato, Campo Sales, Juazeiro do Norte, Mauriti e Várzea Alegre; construção de chafarizes e lavanderias públicas; campanha de educação sanitária; intensificação do serviço de combate às endemias rurais e criação de postos de Higiene, Puericultura e Lactários.

## E — COMISSÃO DE PECUARIA

Esta Comissão recomendou a criação de Postos de Monta; criação de equipes móveis para defesa sanitária animal; criação de uma granja modelo; construção de Barreiros na Chapada do Araripe e melhoria dos existentes; inventários das forrageiras nativas e exóticas; organização de grupo de estudos para investigação das carências minerais nos solos e nas pastagens da região; instalação de laboratório de pesquisas, Posto de Defesa Sanitária Animal em Crato, melhor aparelhamento de suas instalações, construção de sede própria e aquisição de transporte; ensino aos agricultores sobre manejo de pastos, fenação, ensilagem e normas racionais de alimentação. Finalmente sugeriu que com as equipes móveis de crédito, chegasse aos criadores a orientação técnica necessária ao aprimoramento de sua atividade, propondo-se ao Governo Federal um auxílio para tornar permanente o Parque de Exposição de Animais em Crato.

## F — COMISSÃO DE TRANSPORTES E COMUNICAÇÃO

Esta Comissão apresentou relatório contendo reivindicações de todos os Municípios que integram a região; construção de rodovias e instalação de Postos dos Correios, Agências Postais, Telegráficas e Telefônicas.

## G — COMISSÃO DE AÇUDAGEM E IRRIGAÇÃO

Esta Comissão sugeriu seja solicitado ao DNOCS a conclusão dos açudes públicos Quixabinha e Latão; a construção do açude S. Vicente; conclusão dos trabalhos de abastecimento de água em Assaré, Campo Sales, Crato, Juazeiro do Norte, Nova Olinda, Porteiras e Várzea Alegre; perfuração de poços profundos e respectiva instalação, de preferência na Chapada do Araripe; que se solicite ao Governo do Estado a inclusão em sua Agenda para a reunião de Governadores em Natal, a construção de serviços de abastecimento de água nas cidades da região; que seja solicitada ao DNOCS a construção de barragens no Vale do Carás, em caráter experimental; ainda ao DNOCS que envie técnicos para orientar os pescadores dos açudes da região; que se officie ao serviço de Irrigação do Departamento Nacional de Produção Mineral solicitando continuar as obras de canalização nas nascentes do Batateiras e executar obras em outras fontes; que se indenizem as terras e benfeitorias das bacias hidráulicas dos açudes Poço da Pedra, Latão e Quixabinha; finalmente, que seja criada uma Comissão autônoma ou residência fixada no Cariri, com a finalidade de concluir suas obras paralizadas e construir outras projetadas.

## H — COMISSÃO DE COOPERATIVISMO

Esta Comissão concluiu que o movimento cooperativo atuante na região do Cariri apresenta-se pouco satisfatório, não obstante o elevado índice populacional e as grandes possibilidades econômicas da região; que é uma preocupação quase generalizada a formação de cooperativas agrícolas nos municípios desprovidos desses órgãos de assistência econômica e social; que o Banco do Nordeste vem aumentando consideravelmente as operações de financiamento às Cooperativas da região, tendo, no corrente ano, atendido a cinco entidades, com recursos no total de Cr\$ 18.500.000,00. E opinou pela necessidade de o Departamento de Assistência ao Coopera-

tivismo (DEC) prestar assídua e eficiente assistência técnica e orientação às Cooperativas existentes na região, de um modo geral, e fomentar a criação de novas entidades nos municípios que ainda não contam com entidades dessa natureza.

## RESOLUÇÃO MAIOR DO SEMINÁRIO

Ao final do Seminário, foi aprovada a criação de uma Comissão ou Grupo para o Desenvolvimento do Sul do Ceará. Esse organismo objetivava o assessoramento e assistência aos órgãos encarregados do desenvolvimento de subáreas na região do Cariri.

O grupo teria um Conselho Deliberativo integrado por representantes da SUDENE, Banco do Nordeste, Banco do Brasil, DNOCS, Governo do Estado do Ceará, Ministério da Agricultura, DNER, Universidade do Ceará, Diocese do Crato e dos Municípios constantes da área da Diocese do Crato.

Cabia ao grupo a tarefa de estudar e encaminhar aos órgãos competentes os problemas relacionados com o aproveitamento da energia de Paulo Afonso, e, conseqüentemente, a implantação de indústrias nas referidas áreas.

Para realização dos trabalhos o grupo contaria com verbas da SUDENE, BNB, Governo do Estado e Prefeituras da Região.

O objetivo do grupo era, portanto, reunir todos os homens responsáveis pelo desenvolvimento da região, que, orientados por técnicos, coordenariam as atividades e os programas esparsos, evitando assim o desperdício de recursos humanos e materiais. O Grupo deveria equacionar os problemas para solução a curto prazo e fazer a programação a longo prazo, cumprindo-lhe coordenar os esforços dos órgãos federais, estaduais e municipais da região. A sugestão da criação do Grupo foi o resultado mais auspicioso do Seminário.

Treze anos depois o Governo do Estado, consubstanciado em diretrizes do Governo Federal, criava a CONDECA.

## I — INTRODUÇÃO

Há quatorze anos atrás a comunidade caririense promovia, sob os auspícios do Banco do Nordeste do Brasil S/A — BNB e da Universidade do Ceará, o I Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Estado, cujo objetivo principal era preparar a comunidade para a chegada da energia de Paulo Afonso, despertando em suas lideranças as aspirações de se implantar algumas indústrias de relativa importância econômica na região.

Com uma experiência industrial que já tem a sua história, o Cariri pretende se reunir novamente para fazer um balanço do que foi o seu desenvolvimento nestes quatorze anos e, estudando as potencialidades de hoje, examinar, com a orientação dos diversos órgãos de desenvolvimento, a viabilidade de novas oportunidades industriais e agrícolas.

O encontro permitirá uma troca de experiências e de reflexões teóricas e práticas, fundamentais ao crescimento de nossa região. E, considerando-se que o enfoque regional constitui o melhor nível de interpretação da realidade objetiva, será uma contribuição concreta ao plano de ação estadual.

Pretende também o II Seminário fazer um estudo das causas que determinaram a inviabilidade econômica do tão conhecido projeto Asimow. Pois, no bojo daquela experiência, há de se encontrar muita lição realista e muitos frutos positivos, capazes de orientar uma nova etapa de desenvolvimento para a região. É esse tal motivo que, apesar das frustrações de um projeto que não teve êxito, a comunidade caririense, hoje, reanima-se e se movimenta, e se auto-analisa, e crê.

Esperamos que a iniciativa deste encontro possa trazer subsídios valiosos ao planejamento regional, que se constitui, sem dúvida, a base da estratégia de Interiorização do Desenvolvimento, objetivo principal do I PLANDECE.



## II — OBJETIVOS DO SEMINÁRIO

*Gerais* — discutir temas de interesse do desenvolvimento regional e apresentar sugestões e/ou indicações de diretrizes visando a implementação de Programas de Desenvolvimento Integrado da região.

### *Específicos*

- a) revisão das resoluções do I Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Estado;
- b) análise do Projeto Asimow;
- c) sugestões para elaboração de perfis econômicos para a região, com indicação das oportunidades, fontes de financiamento e prováveis investidores.

## III — ORGANIZAÇÃO E METODOLOGIA

O II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Estado foi uma idéia nascida do Rotary Club do Crato e do Instituto Cultural do Cariri.

Como se trata de um conclave para o desenvolvimento regional, sua estratégia de ação deverá envolver o engajamento de todos os técnicos e lideranças do grande Cariri.

O Seminário — que é constituído de duas fases: 1.<sup>a</sup>) a de pesquisa e mentalização e a 2.<sup>a</sup>) do Seminário propriamente dito, será preparado por quatro comissões técnicas e oito comissões executivas.

Na primeira fase, que é, sem dúvida, a mais importante, porque dela haverá de sair o conteúdo do próprio Seminário, será realizada ampla pesquisa das condições econômicas e das potencialidades da região. O referido trabalho será executado pelas comissões técnicas, que serão compostas de técnicos dos órgãos de desenvolvimento em nosso Estado e técnicos, empresários e líderes de todo Cariri. Por outro lado,

com o objetivo de mentalizar a comunidade, serão realizados neste período mini-seminários com vistas ao debate de temas específicos em cada município, como por exemplo: cana-de-açúcar em Barbalha, Missão Velha, Brejo Santo, Jardim; artesanato em Juazeiro do Norte; café em Crato e Carriagu etc. etc.

Esta primeira fase será oficialmente iniciada no dia 12 de fevereiro e deverá se prolongar até o dia da abertura da segunda fase do Seminário.

Do resultado destes trabalhos preparatórios das várias comissões técnicas serão elaborados documentos para serem apresentados durante a segunda fase do Seminário. Estes documentos, além das constatações, deverão conter diretrizes para um programa de desenvolvimento integrado na região.

Na segunda fase, que é o Seminário propriamente dito, será cumprido um programa de: conferências, obedecendo aos temas previamente determinados; apresentação dos estudos das comissões técnicas; trabalho em grupo; e assembleias para homologação do documento final. Esta etapa desenvolver-se-á no período de 11 a 15 de maio de 1976.

#### IV — PARTICIPANTES

Será adotado um sistema de inscrição prévia para os participantes da comunidade caririense. As comissões que funcionarão durante a primeira fase do Seminário serão constituídas previamente por lideranças da região e técnicos dos órgãos de desenvolvimento indicados pelas suas chefias. Participarão ainda convidados especiais, notadamente investidores.

#### V — TEMÁRIO

##### Tema I — *Potencialidades da Agricultura*

1. racionalização e expansão da agro-indústria das culturas de cana-de-açúcar e mandioca;

2. viabilidade econômica da exploração da cultura do café;
3. atividades alternativas do setor agrícola.

Tema II — *Potencialidades da Pecuária*

1. formação de mão-de-obra especializada bovina;
2. atividades alternativas no setor pecuário.

Tema III — *Potencialidade industrial*

1. industrialização de frutos (doces e sucos) e produtos hortícolas;
2. industrialização da carne, massas alimentícias, leite e produtos derivados;
3. industrialização de produtos minerais não metálicos;
4. turismo.

Tema IV — *Sistemas educacionais para Programas Integrados de desenvolvimento*

1. formação de mão-de-obra especializada nos setores primários, secundários e terciários;
2. ensino do segundo grau profissionalizante;
3. ensino superior de curta duração.

VI — APOIO LOGÍSTICO

Além de todo apoio que iremos receber do Sr. Governador do Estado, que é um homem da região e acima de tudo tem como meta principal de seu Governo a Interiorização do Desenvolvimento, contaremos ainda com a colaboração decisiva de todos os órgãos de desenvolvimento sediados no Ceará, notadamente BNB e SUDENE, bem como das Prefeituras e Clubes de Serviço da Região do Cariri.

## VII — FINANCIAMENTO

A Comissão Coordenadora do II Seminário, após ter se reunido em Fortaleza, nas dependências da SUDEC, com grande parte de representantes dos órgãos de desenvolvimento do Estado, resolveu anotar como patrocinadores do encontro:

- Governo do Estado do Ceará
- Banco do Nordeste do Brasil S/A — BNB
- S U D E N E
- Polonordeste
- Prefeituras da Região.

## VIII — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final, desejaríamos esclarecer que antes mesmo de lançarmos oficialmente a idéia do II Seminário, endereçamos correspondência a todos os órgãos de desenvolvimento no Estado. Pretendíamos, assim, sentir a viabilidade de realizarmos o referido encontro. Como a idéia foi muito bem recebida por todos, resolvemos dar outro passo. Assim é que, sob a liderança do Sr. Superintendente da SUDEC, promovemos um encontro com cerca de 22 representantes dos órgãos de desenvolvimento no Estado, que teve lugar em Fortaleza, no próprio auditório da SUDEC e ao qual estiveram presentes, entre outras personalidades, o Dr. Alberto Silva, do Polonordeste, o Dr. José Flávio Costa Lima, Secretário da Indústria e Comércio, o Dr. Faustino de Albuquerque, Vice-Reitor da U.F.C., e várias outras autoridades.

Daquele encontro nasceu então a idéia de elaborarmos uma minuta justificativa, cujo objetivo principal era pedir o apoio integral do Governo ao II Seminário, como também solicitar do Sr. Governador a indicação de um órgão de seu Governo que pudesse coordenar os contatos junto às entidades de desenvolvimento no Ceará, e, por outro lado, assessorar e orientar a Comissão Coordenadora no Planejamento e

Execução do II Seminário para o Desenvolvimento do Sul do Ceará.

O documento foi elaborado e entregue ao Governador Adauto Bezerra, tendo a Comissão Coordenadora do II Seminário recebido do mesmo a certeza de apoio técnico e financeiro por parte do Estado, bem como a indicação da Secretaria do Planejamento para assessorá-la e orientá-la em seu trabalho.

Da mesma forma já temos certo a integral participação do BNB, SUDENE e de vários outros órgãos que fazem desenvolvimento no Ceará.

## A N E X O I

### 1. DIREÇÃO

As sessões de trabalho serão dirigidas por:

- um moderador
- um expositor
- um secretário
- quatro debatedores
- quatro comunicadores

### 2. TÉCNICA E TEMPO

- apresentação do currículo do expositor — 5 minutos
- exposição — 45 minutos
- debatedores — 20 minutos
- discussão em grupo — 90 minutos
- assembléia — 90 minutos.

### 3. ATRIBUIÇÕES

#### 3.1 — Ao MODERADOR compete:

- apresentar sumariamente o assunto que vai ser exposto, salientando a sua importância;
- apresentar o currículo do expositor;
- controlar o tempo.

3.2 — Ao EXPOSITOR compete:

- apresentar o assunto a ser debatido pelos Grupos de Trabalho (GTs) em 45 minutos, no máximo, fornecendo no final o texto de apoio para o debate dos Grupos de trabalho;
- acompanhar os Grupos de Trabalho nas duas etapas de trabalho;
- atender às interposições, responder às perguntas e prestar esclarecimentos na Assembléia.

3.3 — Ao SECRETÁRIO compete:

- anotar o desenvolvimento dos trabalhos;
- anotar as perguntas e respectivas respostas;
- informar à Comissão de redação final do Seminário.

3.4 — Aos DEBATEDORES compete:

- ouvir o expositor sem interferência;
- anotar os pontos que devem ser esclarecidos;
- participar dos debates;
- orientar os grupos de trabalho.

3.5 — Aos COMUNICADORES compete:

- apresentar à assembléia os resultados dos estudos das comissões técnicas e dos debates dos Grupos de Trabalho;
- participar dos debates na assembléia juntamente com os debatedores e o Expositor.

## DOS DEBATEDORES

Os debatedores serão constituídos de pessoas que tenham participado das Comissões Técnicas e/ou especialmente convidados.

## DOS COMUNICADORES

Os comunicadores serão escolhidos entre os elementos que constituem as Comissões Técnicas.

## ANEXO II — FUNCIONAMENTO DAS COMISSÕES

1. O II Seminário consta de uma Comissão Central, quatro Comissões técnicas e oito Comissões Executivas.
- 2.1 As Comissões Técnicas são constituídas por um elemento da Comissão Central e dois representantes, no mínimo, de cada uma das três cidades do Triângulo CRA-JUBAR.
- 2.2 As Comissões Executivas serão organizadas pela Comissão Central e coordenarão a execução física do Seminário.
- 2.3 As Comissões Técnicas competirá promover as reuniões para debater cada um dos problemas específicos constantes do temário, emitir parecer sobre as teses que lhes forem encaminhadas, elaborar e encaminhar as recomendações finais ao II Seminário em forma de projetos.
- 2.4 As Comissões dividir-se-ão em tantas subcomissões quantos forem os projetos por elas objetivados.
- 2.5 Cada projeto abrangerá todos os aspectos funcionais e para cada aspecto a subcomissão procurará a colaboração dos técnicos especializados, quer de repartições públicas, quer de organizações financeiras ou industriais.
- 2.6 Cabe à subcomissão angariar o maior número possível de colaboradores e técnicos, proceder ao levantamento bibliográfico e experimental de acordo com suas

possibilidades, coordenar o trabalho dos técnicos que estudam os vários aspectos do projeto, e, finalmente, apresentar, na data fixada pela Comissão Central, seu projeto devidamente elaborado para estudo e apresentação durante o II Seminário. Os técnicos que colaborarem com a subcomissão e os seus componentes comporão, em princípio, a mesa dos debatedores.

- 2.7 A Comissão Central já conta com a colaboração dos técnicos do Ministério da Agricultura, do Ministério da Ind. e Comércio, do NAE, da SUDEC, Governo Estadual, SU-DENE, DNOCS, DAER, EMATER, EMBRATER, BB, BNB, BEC, IAA, IBC, IBDF etc. Todos os órgãos técnicos e seus membros prestarão sua colaboração ao II Seminário através das Subcomissões.
- 3.1 Cada comissão calendarizará seus trabalhos e manterá a Comissão Central devidamente informada sobre o andamento dos mesmos.
- 4.1 As Comissões funcionarão na Fundação Padre Ibiapina em data e horário a serem fixados pela Coordenação de cada comissão.

### ANEXO III — INTERROGAÇÕES PARA DEBATE

- 1 — Qual será a nova filosofia do progresso do Cariri?  
Será a continuação do desenvolvimento econômico e social na sua ortodoxia?  
Será o desenvolvimento ecológico, humanista e científico?
- 2 — Como conciliar os interesses dos produtores rurais e dos consumidores na distribuição e na comercialização das safras?
- 3 — É possível a união e a cooperação da classe rural para a defesa de seus interesses econômicos e políticos, em face do crescente prestígio de outras classes e açambarcamento de privilégios e influências nos centros de decisões?



- 4 — Como preparar o operário rural dentro da Fazenda, para evitar a atual desambientação do ensino profissional?
- 5 — Qual será a solução para os problemas agrícolas diante dos custos dos insumos e do tabelamento dos preços dos alimentos?
- 6 — Poderia ser implantada uma indústria produtora de álcool motor, tendo como matéria-prima as raízes de mandioca e de manipeba, como lavoura de chuva? Que outro aproveitamento dar à mandioca?
- 7 — É viável o melhoramento genético do faveleiro visando o aumento da produção de bagas a fim de proporcionar mais óleo comestível e torta para alimentação do povo?
- 8 — É possível melhorar o fruto do umbuzeiro diminuindo o caroço, afinando a casca e aumentando o açúcar da polpa para transformá-lo em ameixa para secar e exportar?
- 9 — Seria possível a industrialização do gesso para a produção de peças pré-moldadas a serem usadas na construção de casas populares?
- 10 — Valeria a pena se pensar em pedir ao governo federal a instalação de uma grande indústria no Cariri para produzir ácidos sulfúrico e sulfurídrico a partir do gesso?
- 11 — E o calcário, além da produção de cimento, será que não valeria a pena ser utilizado na produção de argamassa pré-fabricada para reboco, hoje largamente usada nos grandes centros, especialmente no Sul, que é aplicada com máquinas especiais?
- 12 — O beneficiamento do calcário para ser usado na agricultura, na correção da acidez e para a calagem não seria outra alternativa?
- 13 — A instalação de novas cerâmicas para o aproveitamento de nossas argilas já conhecidas não teria viabilidade?

- 14 — Será que o Cariri teria outros minerais economicamente viáveis de ser explorados? Quais seriam?
- 15 — Há viabilidade de implantação da lavoura cafeeira na Chapada do Araripe?  
Quem financiará? Quem dará assistência técnica?
- 16 — Se para esse financiamento se faz necessária a garantia hipotecária, que medidas jurídicas devem ser tomadas para que os posseiros obtenham os títulos definitivos de domínio?
- 17 — É viável o cultivo racional do maracujá nativo da Serra do Araripe com a finalidade de produzir suco concentrado?

## Os Militares do Instituto do Ceará

*Gen. Raimundo Teles Pinheiro*

No eficiente e saudoso Colégio Militar do Ceará ensaiamos os primeiros passos de humilde e bisonho escrevinhador, despertado pela expressão “não cora o sabre de ombrear com o livro, nem cora a pena de ombrear com o sabre”, se não nos trai a memória, bem como estimulado pelo eminente Dr. Waldemar Cromwel do Rego Falcão, emérito professor da cadeira de História Universal, que nos premiou com a publicação, na Revista Pátria, de trabalho histórico realizado em aula... Alimentou, também, a obsedante fome do conhecimento da História, agora do Brasil, o querido mestre Padre Misael Gomes, nosso proeminente consócio e Cel. Honorário, Professor reformado.

Isto posto, principiemos a cumprir a missão que nos foi atribuída, partindo da necessidade imperiosa de divulgar, secundando J. Denizard Macedo de Alcântara, que foi o Exército o pioneiro do nosso ensino universitário, lamentando não poder explanar detalhes, por angústia de espaço na imprensa diária, embora permitindo-nos divulgar que: 1) — Não se pode entender o progresso da Geografia brasileira sem recordarmos os nomes ilustres do Marechal Beaurepaire Rohan, do General Moreira Guimarães, do Marechal Conrado Jacob Niemeyer, do Marechal Mário da Silva Travassos, na impossibilidade de citar outros de igual merecimento; 2 — Não se pode olvidar os estudos naturais e antropoló-

gicos do General Couto de Magalhães e do insigne cientista Marechal Cândido Mariano Rondon, mundialmente consagrado como naturalista e etnógrafo, constantemente empenhado com os “problemas da nossa Geografia e Antropologia física e cultural do índio brasileiro”; 3) — E que, no Brasil, “a ciência histórica consagra a valiosíssima contribuição do 2.º Tenente artilheiro Francisco Adolfo de Varnhagen, dos Generais Tasso Fragoso, Genserico de Vasconcelos, Mário Barreto, Cordolino de Azevedo, Souza Doca, Paula Cidade, Borges Forte, Marechal Tristão de Alencar Araripe” e outros.

É uma pequena amostragem, e “não corando o sabre de ombrear-se com o livro, nem corando a pena de ombrear-se com o sabre”, compreende-se e justifica-se a inclusão de militares no quadro de sócios dos Institutos Histórico-Geográfico-Antropológicos. E mãos à obra, apresentando um sintético esboço biográfico dos militares sócios efetivos do INSTITUTO DO CEARÁ:

A) *Gen. Div. RI Professor* CARLOS STUDART FILHO

Nascido em Fortaleza aos 17 de junho de 1896, é filho legítimo do Farmacêutico Carlos Gordon Guilherme Studart e D. Maria Pereira Studart; foi casado com D. Neusa Dinoá da Costa, nascendo sete filhos do casal: Maria Belatrix, Cini-res Elfe, Carlos Heber, Marcelo José, Marcelo Gladio, Enio Druzo e Astrilde Margarida. Enviuvando, casou novamente em 1976.

Fez os seus estudos, sucessivamente, nos: Ginásio Amazonense, em Manaus, Colégio S. José, em Quixadá, Faculdade de Filosofia e Letras, da Academia de Altos Estudos do Rio, e no Colégio Aukentaller de Ouch, Lousanne, na Suíça, formando-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 31 de dezembro de 1918.

Ingressou, mediante concurso, no Corpo de Saúde do Exército, no qual serviu nas Formações Sanitárias de Corpos de Tropa e Colégio Militar, de Tenente a Capitão; foi incluído

no Quadro do Magistério Militar no posto de Maj. R1 e foi reformado nesse Quadro no posto de Gen. Div. Professor, com mais de 37 anos de serviço, havendo exercido as funções de catedrático de História e Geografia dos Colégios Militares de Fortaleza, do Rio e EPF. Exerceu inúmeras comissões no Exército, inclusive a de Comandante interino da EPF, e fora dele, onde exerce ainda funções de relevo; é portador de várias medalhas e condecorações meritórias, inclusive a da ABOLIÇÃO e a do MÉRITO CULTURAL da UFC.

Ingressou no Instituto do Ceará em 20 de setembro de 1928, e é sócio honorário ou correspondente de inúmeras instituições culturais, inclusive da Academia Cearense de Letras, da qual é 1.º Vice-Presidente.

É Presidente Perpétuo do Instituto do Ceará e publicou cerca de duas centenas de trabalhos, particularmente versando sobre História e Antropologia, dos quais destacamos: "OS ABORÍGINES DO CEARÁ", "O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS", "ANTONIO DE SAMPAIO", "CAPITANIA DO PIAUÍ", "ESTUDOS DE HISTÓRIA SEISCENTISTA", "FUNDAMENTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS DO ESTADO DO MARANHÃO E GRÃO-PARÁ", "HISTÓRIA DO CEARÁ HOLANDÊS", "INSTITUTO DO CEARÁ", "NOTAS PARA A HISTÓRIA DAS FORTIFICAÇÕES DO CEARÁ", "PÁGINAS DE HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA", "A REVOLUÇÃO DE 1817 NO CEARÁ", "O USO DE METAIS NA AMÉRICA PRÉ-HISTÓRICA", "A ANTIGA HISTÓRIA DO BRASIL", "ANTIGUIDADES INDÍGENAS DO CEARÁ", "A BANDEIRA DE PERO COELHO", "DADOS PARA UMA HISTÓRIA ECLESIASTICA DO CEARÁ", "TEMAS OBSOLETOS", "POLUIÇÃO MENTAL" etc.

**B) Cel R1 Professor JOSÉ AURÉLIO SARAIVA  
CÂMARA**

Nascido em Quixeramobim aos 22 de junho de 1921, é filho legítimo do Tabelião Miguel Fenelon Câmara e D. Tereza Heloísa Saraiva Leão Câmara, e foi casado com Fer-

nanda Maria de Castro Câmara, de cujo consórcio houve os filhos: Cláudio Henrique e Marcos Aurélio.

Cursou, sucessivamente, escolas primárias na sua terra natal, o Colégio Militar do Ceará, a Escola Militar do Realongo, a Escola de Artilharia de Costa, a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, bem como a de Engenharia Civil na Universidade da Bahia.

Exerceu várias funções militares, como brilhante oficial de Artilharia, ingressando muito jovem no Magistério Militar, como professor de Matemática na Escola Preparatória de Cadetes, e, com a extinção desta, no Colégio Militar de Fortaleza (iniciou no posto de Maj. R1 em 1952).

Exerceu altas funções político-administrativas no setor governamental, e no DNOCS; e após ter sido assessor chefe do Ministro da Educação Jarbas Passarinho, exerceu meteoricamente a função de Diretor da Casa do Brasil em Madri, onde o colheu a moléstia fatal que o vitimou no ápice do desabrochar de sua robusta formação de historiador sério e honesto, em que afloravam exuberantemente qualidades altamente positivas.

Foi agraciado com várias medalhas e condecorações, como: Medalha Militar de Prata, Medalha Marechal Trompowsk, Medalha do Mérito Cultural da UFC etc.

Ingressou no Instituto do Ceará em 1954 e foi sócio de outros sodalícios afins, como Instituto do Nordeste e, principalmente, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Apesar de haver falecido, lamentavelmente, na flor da juventude espírito-cultural, aos 53 anos de idade, em 3 de abril de 1974, deixou publicados os seguintes trabalhos de alta categoria, como classificaram o mestre José Honório Rodrigues e outros: "ASPECTOS DO DOMÍNIO HOLANDÊS NO CEARÁ", "CORRESPONDÊNCIA DO SENADOR POMPEU" (organização, introdução e notas), "AS FONTES CEARENSES DE EUCLIDES DA CUNHA", "O TEMPO E OS HOMENS", "CAPISTRANO DE ABREU", "TRIUNFOS E FRACASSOS NA LUTA CONTRA AS SECAS", "FATOS E DOCUMENTOS DO CEARÁ PROVINCIAL", "UM SOLDADA-

DO DO IMPÉRIO — O GENERAL TIBÚRCIO E SEU TEMPO” (inédito, infelizmente).

C) *Gen. Bda. R1 Professor OSWALDO DE OLIVEIRA RIEDEL*

Nascido em Curitiba, aos 20 de julho de 1913, é filho legítimo de Hugo Oswaldo Riedel e D. Aracy de Oliveira Riedel; é casado com Ivone Maria Montenegro Riedel, de cujo consórcio houve os filhos: Oswaldo Hugo, Elisabeth e Luis Eduardo.

Cursou sucessivamente os: Colégio da Divina Providência, Colégio Progresso, Ginásio Paranaense, Farmácia da Faculdade de Medicina, todos de Curitiba; Medicina da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Escola de Saúde do Exército (Bromatologia e Química Farmacêutica) bem como fez mais 17 cursos de extensão da sua especialização.

Exerceu os seguintes cargos na área militar: de 2.º Ten. a Cap. Farmacêutico, no quadro de Farmacêuticos do Serviço de Saúde do Exército, (1936 a 1953); Auxiliar de Ensino do Colégio Militar do Ceará (Inglês e Ciências Físicas e Naturais) de 1936 a 1938; Chefe de Farmácia e Gabinetes de Pesquisas Químicas, e Instrutor de vários cursos de sua especialidade; de Major a Gen. Bga. R1: Professor Adjunto de Catedrático de Química na Escola Preparatória de Cadetes (1953 a 1961), e no Colégio Militar de Fortaleza (1962 a 1965), além de, no setor civil, exercer o magistério na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, complementado pela realização de inúmeros cursos e brilhantes conferências proferidas, tanto na área científica como na de cultura geral.

Ingressou no Instituto do Ceará em 1.º de novembro de 1967, e pertence a seis Instituições Científicas no Brasil e a uma no exterior (Illinois, USA).

Possuidor de profunda e sólida cultura geral, apresenta a substancial produção de 41 publicações histórico-científicas, que dispensam apreciação, em virtude do seu valor intrínseco, e mingua de espaço.

#### D) CEL. R1 Senador VIRGÍLIO FERNANDES TÁVORA

Nascido em Fortaleza aos 29 de setembro de 1919, é filho legítimo do eminente médico, político e intelectual Dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora e D. Carlota Augusta de Moraes Fernandes Távora; é casado com D. Luiza Moraes Correia Távora, de cujo consórcio nasceram Carlos Virgílio e Teresa Maria.

Cursou os Colégios Militares do Ceará e do Rio de Janeiro, a Escola Militar de Realengo, onde saiu declarado Aspirante a Oficial da Arma de Engenharia, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Escola Superior de Guerra, e é Técnico de Administração.

Exerceu várias funções arregimentadas em unidades de sua Arma e de Estado-Maior, inclusive no QG da 10.<sup>a</sup> Região Militar, até que optou pela carreira política, onde há revelado uma vocação robusta e privilegiada.

Nessa carreira, exerceu mais de uma vez o mandato de Deputado Federal, foi Ministro da Viação e Obras Públicas, no Governo parlamentarista da República, Governador do Estado do Ceará, quando iniciou um governo baseado no planejamento, na pacificação e na justiça social; atualmente exerce com brilhante destaque e dinamismo o mandato de Senador pelo Ceará.

Possui várias medalhas e condecorações e títulos honoríficos, como sejam: Medalha Militar de Bons Serviços, Medalha Duque de Caxias, Pacificador, Cândido Rondon etc. Doutor *Honoris Causa* pela UFC, Faculdade de Filosofia do Ceará etc.

Foi eleito para sócio efetivo do Instituto do Ceará em 21 de janeiro de 1974, e apresenta um acervo de trabalhos, que o distingue entre seus pares, como: "Energização do Ceará pela extensão da linha de Paulo Afonso até Fortaleza", "Campanha pela utilização da Energia Nuclear para fins pacíficos", "Campanha parlamentar em favor da PETROBRAS", "Campanha parlamentar pela valorização do Nor-



deste”, Relator de Projetos da TELEBRÁS e PERIMETRAL NORTE etc. É Vice-Líder do Governo no Senado e cumpriu missões no exterior.

E) *Gen. Div. R1 RAIMUNDO TELES PINHEIRO*

Nascido no Crato em 20 de março de 1908, é filho legítimo de Cícero Pinheiro Bezerra de Menezes e D. Teresa de Jesus Teles. Casou em primeiras núpcias com sua prima legítima Eunice Cartaxo Teles, de cujo consórcio nasceu e faleceu prematuramente um filho, e criou como filha a prima legítima, afillhada e cunhada Isolda, que casou e lhe deu os netos Ulisses Filho, Eunice e Jorge; enviuvando, casou novamente com sua prima legítima e cunhada Valdelice Cartaxo Teles, conseguindo a “guarda” de Lucileide Alencar, que casou e deu os netos Janaine e Robson.

Cursou o Colégio Diocesano do Crato (1918-1921), o Colégio Militar do Ceará (1922-1928), a Escola Militar do Realengo (1930-1932), por onde foi declarado Aspirante da Arma de Infantaria, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1946 a 1948), “The Infantry School” Fort Benning, Georgia, USA (1944); possui as medalhas e condecorações: Militar de Ouro, Ordem do Mérito no Grau de Oficial, Medalha do Pacificador, Maria Quitéria, Colégio Militar, Marechal Hermes — 1.º Centenário, Marechal Souza Aguiar etc.

Exerceu as funções de Oficial Subalterno (de Aspirante a Capitão) nos 23.º, 21.º e 37.º B.C. e 3.º Batalhão do 4.º RI, além das de Oficial Suplementar no QG da 7a. RM e Chefe da 1.ª Seção da 25.ª CR; como Oficial superior, de Major a Coronel, chefiou Seções e Subseções no Estado-Maior da 10.ª Região Militar e Estado-Maior do Exército (Chefe das subseções, respectivamente, de Estatística, História e Geografia, quando foi representante do Ministério do Exército no Conselho Nacional de Geografia), foi Chefe do Estado-Maior da 10.ª R.M. e comandou, sucessivamente, o CPOR de Fortaleza, a Escola Preparatória de Cadetes e o

Colégio Militar de Fortaleza, que instalou e dirigiu durante 30 meses.

Foi eleito sócio efetivo do Instituto do Ceará em 21 de janeiro de 1974 (era seu sócio correspondente desde 1965), é sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri, Cidadão Honorário de Fortaleza, Amigo do Colégio Militar e tem publicados os despretenciosos trabalhos: "A HEROÍNA E OS BRAVOS (coletânea de palestras, 1957)", "ESBOÇO HISTÓRICO DO CRATO" (1959), "ASPECTOS POLÍTICOS DA GUERRA DO PARAGUAI" (palestra, 1967), "A DEZEMBREADA" (palestra, 1969), "O DIA SANTO DA PÁTRIA — SEUS ORAGOS" (palestra, 1970), "GUERRAS PLATINAS NO SEGUNDO REINADO — PROJEÇÃO DE CAXIAS NA GUERRA CONTRA O GOVERNO DO PARAGUAI" (palestra, 1970), "AS TRADIÇÕES NACIONAIS — VALORES PERMANENTES E VALORES TRANSITÓRIOS" (palestra, 1971), "MARECHAL HUMBERTO DE ALENCAR CASTELO BRANCO" (palestra, 1973), "OS BEZERRA DE MENESES E AFINS" (Artigo, 1975), "RESPINGOS HISTÓRICOS — ABRIL POLÍTICO" (reconstituição de palestra no Instituto do Ceará, 1976), e outros publicados em jornais e revistas, inclusive sete traduções de trabalhos profissionais de Revistas Militares francesas, publicadas no MENSÁRIO DE CULTURA MILITAR, do Estado-Maior do Exército, anos de 1960 — 1961.

Missão cumprida. Absolvam-nos das omissões.

Fortaleza, 23 de fevereiro de 1977

*Gen. Raimundo Teles Pinheiro*

## Pe. Pita — Apóstolo da Educação

*José Francisco de Matos*

Uma das figuras mais fascinantes da história do Crato, que, pelos seus indiscutíveis méritos, pode ser inscrito na galeria dos grandes vultos do Ceará é, sem dúvida, o Pe. Pita. Como educador, não teve paralelo no Cariri, tal o incalculável acervo de excelentes serviços prestados à comunidade e a todos os rincões sertanejos do Ceará e dos Estados vizinhos.

Quando em 1926 lhe deu na telha separar o Colégio Diocesano do Seminário, pois funcionavam os dois níveis no mesmo casarão do Alto do Seminário, arcou sozinho com as enormes despesas de instalação, cá em baixo, do novo Estabelecimento, auxiliado por seu pai, Fenelon Pita, homem de posses. Viajou para o Rio de Janeiro com a finalidade de equiparar, melhor dizendo, oficializar o ensino do seu Ginásio, junto ao Colégio Pedro II, o Colégio Padrão.

Em 1927 a 1.<sup>a</sup> turma terminava o 1.<sup>o</sup> Ginásial e outra já lhe ocupava o lugar. Numa sucessão por cadeia, ia uma após outra até formar toda a série secundária, cujo primeiro grupo encerrou o curso completo do ginásio, isto é, terminou os preparatórios como se dizia na época, em 1931.

Eu fui da 2.<sup>a</sup> turma de humanistas, 1932, e dela faziam parte Wilson Gonçalves, ilustre Senador da República, Miguel Arraes, ex-Governador de Pernambuco, Quintilio Teixeira, o Teixeira, médico e ex-deputado, Pedro Pinheiro

de Melo, Desembargador em Fortaleza, Luis Gomes, médico, José da Nóbrega, advogado, Vicente de Sousa, advogado, Thadeu de Paula Brito, médico, Homero Esmeraldo, dentista do Rio, Felinto Nunes, maestro da Banda do Ginásio, funcionário aposentado do Banco do Brasil e o signatário desta crônica, também funcionário aposentado do Banco do Brasil e hoje Assessor Técnico do Instituto do Açúcar e do Alcool.

Se houve omissão de alguns nomes, que me desculpem. Já vai tão longe!

Antes do Ginásio do Crato, isto é, antes do Pe. Pita, estudava-se no Colégio Diocesano: português, francês, latim, geografia, história do Brasil, história universal, matemática, etc., e não se fazia nada com o que se aprendia. No máximo, ia-se ser professor do próprio Colégio, da Associação dos Empregados do Comércio, trabalhar no comércio, continuar com escrituração mercantil, visando a ser Guarda-Livros, vestígio embrionário da hoje conceituada atividade de Economista. Se tinha algum recurso, o moço demandava a Fortaleza, ou outra capital, a fim de preparar-se para ingressar em estabelecimento oficializado, onde tirava os preparatórios, com os quais, após vestibular, entrava numa Academia.

Pois bem, Pe. Pita acabou com metade desse itinerário, propiciando à mocidade concluir aí mesmo, no Crato, o seu Curso Ginásial. E, por força é convir, os alunos do Ginásio faziam bonita figura em todas as Faculdades pelas quais passavam.

Neles estava presente a orientação do Pe. Pita, homem eclético, que em qualquer curso, fosse qual fosse a matéria, se o titular da cadeira faltasse, ele só perguntava qual era o ponto. Ocupava o lugar e dava a aula como se tivesse deixado a meio do caminho as explicações.

Fumando muito o seu Mistura Fina n.º 2, tirava umas tragadas após cada gole de café ou de leite quente que lhe vinha trazer a empregada, que nos deixava a todos cheios de inveja. Não vi ninguém saborear com mais prazer um cigarro, com tanta elegância segurá-lo entre os dedos, com o

polegar enfiado no bolsinho da batina, e na mão direita o gis deslizando no quadro negro, demonstrando um intrincado teorema de Aritmética, ou dando uma aula de História, ou incursionando no mundo da Filosofia, da Cosmografia, da Religião, dos Impérios dos quais só se conhecem as ruínas.

Pe. Pita enfeixava na mesma pessoa o financista, o sacerdote, que, com sacerdócio dirigia um estabelecimento de ensino, o pai, o irmão mais velho, o repositório de bons exemplos, de grandes virtudes, de homem humilde, valente e manso.

As provas estão aí. Vejam o cenário político estadual ou nacional, os meios militares, as finanças, o empresariado, o dirigente vitorioso. Quantos, dentre os nomes que se firmaram nessas atividades, passaram pelo seu crivo, e ainda hoje se amparam nos ensinamentos que ele lhes meteu cabeça a dentro, em aulas intermináveis, até às 9 ou 10 da noite, em sessões literárias aos domingos, depois da missa por ele mesmo celebrada, no próprio Ginásio e assistida por todos.

Neste ano em que se comemora o cinquentenário da fundação do Ginásio do Crato, muitos ilustres ex-alunos deverão ser citados como “crias” daquela grande Casa, nos ditirambos elogiosos que costumam acompanhar essas efemérides.

É importante, porém, dar ao Pe. Pita, seu fundador, o destaque de que é merecedor, pela obra inestimável que ele deixou, cujos benefícios transcendem as fronteiras do Cariri, do Ceará e do Brasil.

Quantos dentre nós que talvez nem tenham conhecido o Pe. Pita, mas que usufruem, por extensão, da obra monumental que ele nos legou!

Sou, por motivos óbvios, um entusiasta agradecido do Pe. Pita. A ele devo o que alcancei na vida. Convidando-me a estudar de graça no seu Ginásio, não plantou em terreno avaro a sua generosidade. Capacidade tivesse, e não resistiria ao desejo de escrever a sua fascinante figura e a grande influência que exerceu, com o seu descortínio, sobre o desenvolvimento cultural do Ceará, despertando, lá no interior, e

dando de presente ao Brasil, as inteligências que dormiam na mocidade dos sertões daquela época.

Este registro é um preito de gratidão de quem muito dele recebeu e não encontra outra forma de expressar o seu reconhecimento.

Muito obrigado por tudo, Pe. Pita!

## Alexandre Arrais

*Raimundo de Oliveira Borges*

Traçar o perfil de um homem da estatura moral de Alexandre Arrais não é tarefa de fácil execução.

Tantas, na verdade, são as facetas que a sua invulgar personalidade oferece a quem se proponha estudá-la, que não só o fator tempo, também a competência é condição mais importante ainda para que o estudo empreendido possa responder satisfatoriamente ao ingente cometimento.

Falecem-me, a um só tempo, as duas exigências: convidado há poucas horas para a missão honrosa, não poderia com inúmeros afazeres de permeio proceder a maiores indagações em torno do grande vulto; e, desprovido de competência, nunca poderia também alimentar a veleidade da elaboração de um trabalho à altura do eminente homenageado.

Escritores, jornalistas, intelectuais em geral já traçaram, em páginas memoráveis, a fisionomia social e humana de Alexandre Arrais, apontando-o às novas gerações como exemplo a seguir no lar, na sociedade e no trato da coisa pública, a que se consagrou, sobretudo aqui no Crato, como padrão de honestidade e larga visão administrativa frente aos destinos da municipalidade.

Sinto-me desvanecido em recordar, a este ensejo, que é esta a segunda vez que rendo, como filho do Cariri e hoje

---

(Palestra proferida pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, na solenidade de instalação do Centro Cívico Alexandre Arrais do Colégio Madre Ana Couto).

como cidadão honorário do Crato, o meu preito de admiração ao homem que desapareceu mas continua vivo, atuante, na memória do povo reconhecido desta cidade. De outra feita, se não me engano, quando era ele alvo de tocante homenagem na Câmara de Vereadores, cujos anais devem guardar a consagrada efeméride.

Desejo assim, apenas, como representante do Instituto Cultural do Cariri, cuja Cadeira n.º 4 tem Alexandre Arrais como patrono e é ocupada pela sua filha, Professora Edméia Arrais de Alencar, ressaltar a expressividade deste ato e a sua oportunidade que é a de perpetuar através das gerações o nome do grande benfeitor desta terra que elegeu como seu segundo berço.

Não sei de homem público cujo nome se ajustasse tão bem a uma instituição como o de Alexandre Arrais a este Centro Cívico.

Civismo é prova de disciplina, de aperfeiçoamento das virtudes do cidadão no culto superior da Pátria.

Não apenas o culto simbólico, exterior, admirativo ante as opulências da terra e a grandiosidade dos seus decantados acidentes geográficos, o ufanismo sentimental, enfim; mas o culto das potencialidades dinamizadas, das riquezas em crescimento, das rendas públicas convertidas em obras, do impulso de todas as energias vitais da nacionalidade para a conquista do seu lugar de honra no concerto das demais nações civilizadas.

Esse culto Alexandre Arrais professou, como ninguém jamais o fez nestes chãos do Cariri, e, especialmente, no Crato.

Pátria não é só o país na sua grandeza territorial. Pátria é cada uma das suas regiões que, entre si unidas pela comunhão de sentimentos e de interesses de seus habitantes, se amalgamam para a formação do grande todo. Quem se dedica a cada parcela serve tanto, ou mais, quanto os que enfeixam nas mãos o poder na sua totalidade e assistem de cima a marcha ascensional do desenvolvimento no grande esforço comum da integração nacional.



Alexandre Arrais foi pioneiro dos novos moldes de administração pública no Crato. Antes dele era a rotina. Introduziu novos métodos nos serviços municipais, e de então para cá, salvante, felizmente, breves períodos de desídia administrativa, nenhum prefeito pôde mais recuar aos desacreditados expedientes de outrora, e a comuna, sob a inspiração do seu exemplo construtor, vai conquistando, a duras penas, mas vai, lugar de destaque entre as demais unidades administrativas do nosso Estado.

Alexandre Arrais revelou-se homem de ação desde o lar paterno, desfeito em parte pelo desaparecimento inesperado do seu venerando genitor.

Tenha ele a palavra para expressar, nesta página de profunda sensibilidade e de ternura, o golpe amargo que foi para a sua família a morte do chefe e amigo:

“... no dealbar da aurora da minha tormentosa existência, numa tarde triste de inverno de 1908, fechava os olhos à vida, na minha cidade natal, o austero autor de meus dias.

E a família, autenticamente cristã, que ele constituiu, sob a inspiração da doutrina do Evangelho, viu, naquela mesma tarde fatídica, obumbrar-se a estrela rutilante de sua felicidade. Mas, aquele que se fora precocemente nos legara um imensurável tesouro, tão grande que nunca o desperdiçaríamos, por mais perdulários que fôssemos, o exemplo de uma vida nimiamente cristã, pautada na doutrina infalível e sacrossanta do doce Jesus de Nazaré.”

Ao invés de cruzar os braços, retemperou ele na adversidade as energias que o teriam levado a grandes destinos se a fatalidade não o houvesse colhido quando ainda em plena fase de atividade realizadora.

Confinados eram os horizontes de sua terra natal — Araripe — para os seus remígios. Além do curso primário, na própria cidade de seu nascimento, pouco tempo lhe foi dado para frequentar o Seminário de Fortaleza. Mas a inteligência supre as deficiências do ensino. E o moço sertanejo entregou-se à vida prática de telegrafista, sem esquecer os

prazeres do espírito, lendo e escrevendo para os jornais, a ponto de, ao falecer, ser dono já de um estilo próprio, sóbrio e agradável, do qual dão mostras as encantadoras páginas que deixou insertas na Poliantéia que tem o seu nome — “Natal”, “Discurso sobre a Família” e “Carta a uma filha”, em que, além da estesia, revela o seu aprimorado espírito de religiosidade, a sua formação cristã e a fervorosa dedicação à família que tão bem soube edificar.

Permita-se que me evoque mais um pensamento do homem de letras autêntico que ele foi e que é uma expressiva e lapidar lição aos jovens estudantes de todas as épocas. Página antológica, recolhida na “Carta a uma filha”, que se lastimava saudosa dos encantos do lar distante.

“Tenho implicado, diz ele, com uma expressão que empregas frequentemente: — ‘Aqui da solidão do colégio’... Mas, que solidão é essa em uma casa de educação com trezentas alunas! É um erro de expressão e denuncia um estado d’alma angustioso! É preciso acabar com a falsa concepção de que a vida em colégio seja árida. Tudo depende da nossa situação de espírito.

Procura convencer a ti mesma: 1.º — que esse estágio de aprendizagem é absolutamente necessário à tua formação; 2.º — que é nessa situação que podes melhormente aprimorar tua educação; 3.º — que este período de vida é transitório e que cumpre não te distraíres em cogitações outras que não sejam os próprios afazeres estudantis; 4.º — que o tempo voa e, quando menos pensares, terás deixado definitivamente o colégio.

Espero, pois, que, em face destas considerações, que são filhas da experiência e ditadas pelo amor que te tenho, reformarás os teus sentimentos a respeito da vida colegial, vendo nela, não uma reclusão, mas um recolhimento necessário à tua felicidade futura e à tua perfeição moral”.

Página de ternura e de amor do pai que visualizava e preparava para os filhos um caminho menos áspero da vida que ele, sangrando os pés, foi forçado a perلustrar, investido ainda jovem na condição de chefe de numerosa família.

Viu no Crato ambiente mais propício à expansão das suas atividades. Aqui chegando, breve daria mostras de sua capacidade de trabalho e de realização. Incentivou a indústria local, atraindo amigos indecisos, com a confiança que a sua coragem inspirava, para a formação de uma empresa industrial que tão decisiva projeção teve em nosso meio.

A frente da Prefeitura, foi um exemplo de inovador de largos surtos administrativos para a época. A saúde do povo o preocupou e um dos seus gestos mais meritórios foi instalar um Posto Anti-Rábico junto ao Hospital da cidade. O meio ambiente, quando ainda não se falava em poluição, já o preocupava e entregou-se firmemente na formação de Hortos Florestais e na arborização em larga escala das nossas praças principais. Estendeu à cidade a rede de abastecimento d'água e a eletrificação, com o aproveitamento da energia hidráulica, constituiu uma das mais importantes metas da sua fecunda administração. Dividiu a Serra do Araripe em duas zonas, a agrícola e a de criação. Cuidou das estradas e das escolas.

Não se limitava aos problemas exclusivos do Crato. Posso dar testemunho do empenho com que se dedicou à abertura da rodovia Crato-Lavras, através da Serra de São Pedro, porque sendo eu, então, acadêmico de Direito em Fortaleza, Secretário do Centro Caririense, de que era Presidente Martins D'Alvarez, também me interessei com afinco pela solução desse problema, defendendo os direitos de minha terra natal contra a pretensão de outros municípios de desviar o traçado já em estudo pelo governo estadual de então.

Quando Alexandre Arrais era Prefeito exercia eu aqui as funções de Promotor de Justiça. Fui por ele um dia procurado para que me encarregasse da cobrança da dívida ativa do município. Mas, gentilmente, como devem tratar-se as autoridades, advertiu que tudo fizesse no sentido da solução amigável e não judicial dos débitos, dispensando, sobretudo, acrescentava ele, especiais atenções aos pobres. Era assim o homem, enérgico, mas humano.

Não se conformava em saber pela assessoria a situação em que se achavam as obras em andamento. Ia diretamente fiscalizá-las, e, muitas vezes, a pé, do que dou testemunho pessoal pelas inúmeras vezes em que, residindo eu então em frente ao Colégio Santa Teresa, via-o subir pela Rua D. Quintino acima em direção à Caixa d'Água, do Horto Florestal e de outros lugares onde realizava obras de utilidade e de embelezamento para a urbs a que prestou os mais assinalados serviços.

Para se ter uma idéia do que foi a passagem do grande administrador pela Prefeitura do Crato, basta saber que ainda hoje, guardadas as devidas proporções, é ela lembrada como sem termo de comparação com as que lhe sucederam.

O seu nome está com justiça perpetuado num dos nossos melhores logradouros públicos e muito mais ainda no incorrutível julgamento da história.

Não poderia ser, por isso, mais feliz o Colégio Madre Ana Couto do que prestando a Alexandre Arrais esta patriótica homenagem, dando-lhe o nome ao seu Centro Cívico, com a aposição do seu retrato no recinto.

Os meus aplausos pela idéia magnífica, meus, individualmente, e do Instituto Cultural do Cariri, que tenho a honra de representar, e que consagra como um dos seus mais nobres objetivos prestar aos reais valores da terra, como Alexandre Arrais o foi, as homenagens a que fizeram jus pela sua inteligência, pela sua honestidade e pela sua marcante atuação nos diversos setores da atividade comunitária.

## Reminiscências do Pereiro

*Antônio de Alencar Araripe*

Prendem-me ao município de Pereiro, onde ensaiei os primeiros passos, remotas e inesquecidas recordações, que desejo evitar, por falta de especial registro, caíam em completo olvido.

Foi ali, naquele rincão da fronteira norte-riograndense, que, no decurso de cerca de um quarto de século da vida de meu pai, ocorreram fatos da maior importância para a sua memorização. Chegara ele àquelas plagas serranas nos idos de 1873, já comprometido em casamento, depois realizado, com a prima Matildes Umbelina de Araripe Sucupira, que ali viria a falecer, tempos depois.

Na carta adiante transcrita, de páginas tão esmaecidas pela ação do tempo — 98 anos! — meu pai dá notícia à futura consorte do “juramento” e “posse no emprêgo” e sugere-lhe providências para que ali também se sedie a cadeira do magistério por ela ocupada em Crato. O provimento de cadeiras do ensino primário dependia então de prévio exame de capacidade, realizado a requerimento de quem a pretendesse ocupar; a transferência de uma cadeira para outra conseguia-se através de influências valiosas, já que não dominava o princípio da preferência da servidora do Estado para ocupar vaga existente em local onde seu marido tenha residência obrigatória por força do exercício de função pública.

É essa a situação que retratam as aludidas linhas, assim redigidas:

“Matildes: No dia 5 aqui cheguei e no dia 9 prestei juramento e tomei posse de meu emprêgo. Não encontrei aqui, como esperava, a resposta da carta que lhe dirigi de Maria Pereira, a qual agora solicito, e que muito importa para minha direção. Vi nos jornais que já se acha provida a cadeira do Crato, sem dúvida por você abandonada. Desejo muito que se proponha a uma cadeira e, estando vaga, a da Povoação de Saco da Orelha, distante daqui 2 léguas, acho muito conveniente que você a requeira ao Presidente para mandar pô-la em concurso e tirá-la, porque, depois, se consegue com amigos daí sua remoção para esta Vila. Quando tiver de requerer qualquer coisa, mande entregar seus papéis ao Exmo. Comendador Cunha (assim tratava o Barão de Ibiapaba), que este fará tudo em seu favor, pois neste sentido escrevo a ele. Tome os meus conselhos que, tenho certeza, será você bem sucedida. Consulte sempre sobre seus negócios a Piti e a Macedinho (por este nome era tratado o primo Joaquim de Araripe Macêdo Pimentel). Escreva por este portador e diga-me se aceita o meu conselho e quando deve ser seu exame, que eu talvez vá assisti-lo. Não esmoreça, proponha-se à cadeira, que será sem dúvida nomeada. Estimo que goze saúde perfeita. Eu passo sem novidades e bem satisfeito com o meu emprego. Seu primo muito afetuoso...” (Pereiro, 15.9.1873).

Transferira-se meu pai, da antiga Maria Pereira, onde se situara com os irmãos Pedro Jaime e Filomena, para seu novo *habitat*, na data em apreço, em que assumiu a função de notário público, exercida até os últimos anos do século passado.

Suas segundas núpcias foram realizadas a 13 de janeiro de 1882, com minha mãe, Rita Cavalcante Araripe, na citada povoação de Saco da Orelha, pelo padre Francisco José de Carvalho, vigário da Paróquia, e delas provieram dez filhos só, um destes, nascido sob diversa jurisdição eclesiástica. Constituímos, assim, eu e meus irmãos germanos, apenas

cinco sobreviventes, uma geração quase completa de filhos do Pereiro. Minha mãe, se bem que ali criada pelos tios João Lourenço da Silva e Joana Rita Cavalcante, na fazenda "Remédio", onde, no meado do mês de novembro, às nove horas da noite de um dia de sábado, consagrado, reza a respectiva página da folhinha, à santa Gertrudes e São Leopoldo, vim à luz do mundo, era oriunda de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, residência (na fazenda Aroeira) de seus pais, capitão Alberto Cavalcante de Moraes e Joaquina Maria do Espírito Santo. Em diversas passagens do livro "Tratado Genealógico da Família Feitosa", demonstra Leonardo Feitosa pertencerem à mesma linhagem os Moraes Rêgo, Castro, e Cavalcante, de origem potiguar (págs. 12, 13, 48, 76 e 111). O maioral dos Feitosas, dos Inhamuns, no último século, cel. Leandro, da Barra, de típica origem norte-riograndense, não adotava aquele sobrenome comum da família, e sim o de "Custódio de Oliveira Castro".

Com este último sobrenome, tão peculiar a habitantes de Pau dos Ferros, Portalegre e outros municípios circunvizinhos, assinavam os irmãos e deputados pe. Máximo e Lourenço, Tristão Gonçalves, avô paterno de meu pai, alma no Ceará das lutas da Independência e da República do Equador e portador de "uma granítica coerência política e ideológica", deu a própria vida em holocausto às suas inabaláveis e patrióticas convicções. Pedro Jaime, meu avô paterno, nascido a 7.9.1809 e falecido a 3.7.1862, exerceu em Quixeramobim funções do maior relevo, inclusive a de chefe do Partido Liberal. Sobre a excelência de sua conduta naquela então vila de Campo Maior, quando não tinha sequer completado 21 anos de idade, em carta dirigida ao seu tio, senador José Martiniano de Alencar, a 7 de maio de 1830, depõe o Vigário, padre Bento Antônio Fernandes: "O nosso Araripe continua sempre a mostrar que é sobrinho do padre Alencar, e que se não esquece de suas insinuações. Deus lhe queira dar perseverança".

Três anos depois, isto é, a 28 de janeiro de 1833, o mesmo sacerdote repete ao padre-senador as informações sobre

o sobrinho: "O nosso Araripe foi ao Crato para assistir ao inventário de sua falecida mãe; tem-se conduzido sempre com estima dos homens de bem". ("Correspondência Passiva do Senador José Martiniano de Alencar", in *Anxís da Biblioteca Nacional*, vol. 86, págs. 390/391).

Quem tinha ascendentes assim superiormente orientados na senda da existência, onde quer que se estabelecesse, não poderia limitar suas atividades ao campo restrito dos ofícios de Justiça. Por força, teria de estender sua ação a outros setores públicos de maior importância na vida da comunidade a que se incorporara. Foi isso, exatamente, o que aconteceu a meu pai, conforme evidenciarei nas linhas que a seguir passam a ser redigidas.

No terceiro ano de exercício da função judicial de notário público, meu pai revelou ainda não se ter adaptado ao *statu quo* das cousas da terra, em cujo foro estava a servir. Cogitou da remoção para outra circunscrição judiciária, teve receio da divisão dos ofícios e mostrou-se indisposto com uma das influências políticas locais. Disso falam epístolas a ele endereçadas, e cujos originais carinhosamente conservo, por seu tio, o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, juriconsulto e historiador cearense que, nos três poderes do regime, exerceu funções de mais alta relevância: Ministro da Fazenda e do Interior no governo do marechal Deodoro; Presidente das Províncias do Rio Grande do Sul e do Pará; Deputado Geral em 4 legislaturas e Deputado Provincial e presidente da Assembléia Legislativa do Ceará; Desembargador e, como tal, primeiro presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, e Ministro, tanto do antigo Supremo Tribunal de Justiça, na Monarquia, como do Supremo Tribunal Federal, na República.

A missiva desse irmão de meu avô Pedro Jaime, que em Quixeramobim foi seu hospedeiro e mestre-escola, expedida a 10 de junho de 1875, refere: "Otaviano: Recebi a tua carta de 20 de abril último, na qual me falas em tua transferência para o tabelionato de Maranguape. Nada se pode conseguir,



por isso ser vedado por lei. Sinto, pois, não poder satisfazer o teu pedido. Desejo que goze saúde com todos os teus. Recomendações a Matildes, a quem envio o retrato junto. Abraços. Teu tio am.<sup>o</sup> T. Alencar Araripe.” Em outra oportunidade, ou seja, a 20 de dezembro de 1875, afirma-lhe: “Otaviano: Recebi a tua carta de 8 de outubro último, na qual me pedes procuração para o batizamento da criança que Matildes espera ter. Satisfazendo o pedido, remeto a procuração junta. Quanto ao nome da criança, se for varão, me parece que deverá ser Pedro, e, se for mulher, Isabel. No entretanto, se não agradarem os nomes, escolherão outros. Vejo o que dizes sobre a divisão do teu ofício de escrivão, mas, pelo que me comunicam do Ceará, creio que não se realizará o que receias. A respeito do Paulo Gonçalves, entendo que será bom evitares malquerenças, não procurando contrariar influências, boas ou más, já estabelecidas. És novo no lugar e não convém excitar desavenças e lutas. Por aqui as cousas políticas vão sem alteração alguma. Lembranças nossas à Matildes e aceite as nossas recomendações. Teu tio am.<sup>o</sup> Tristão.” Gira também em torno dos assuntos já versados, linhas acima, a carta que a meu pai dirigiu o seu primo Tristão de Alencar Araripe Júnior — o crítico literário nacional que segundo recente juízo emitido por Tristão de Ataíde, no livro *Evolução Literária do Brasil* foi o mais aberto de espírito e compreensismo dos novos rumos que no início do novo século levou nossas inteligências para novos rumos filosóficos e para novas experiências estéticas, da qual transcrevo os seguintes trechos: “Otaviano e Matildes. Recebi suas cartinhas de 12 do corrente e vejo tudo quanto nelas me dizem. Neste momento acabo de dirigir-me ao Esmerino sobre a nomeação de professora e espero que este amigo atenderá ao seu pedido. Quanto à condição de remoção só com o tempo lhes poderei dizer alguma cousa. No que respeita aos papéis do Tabelionato, vou pedir ao Praxedes que trate logo de retirá-los. A Totônia (sua mulher, Antônia Moreira de Araripe), no dia onze deu à luz um rapaz bem disposto. Contem vocês com mais este primo. Adeus. Lembranças de todos e disponham

dos serviços do P. e am.º certo: Tristão.” (Fortaleza, 24.1.1875).

Afirma José de Alencar, no *Como e Por Que Sou Romancista*, proceder de uma família “para quem a política era uma religião, e onde se haviam elaborado grandes acontecimentos de nossa História”. Como o filho do Senador Alencar, Otaviano, o neto de seu irmão Tristão Gonçalves, por força dessa natural tendência atávica, não poderia se eximir à militância nas falanges daquele colégio eleitoral dos liberais-pompeus, aliados dos conservadores graúdos, assumindo-lhes a respectiva direção política.

Das atividades a que com empenho então se consagrou, destaque o interesse por ele tomado para elevar a Vila de Pereiro à categoria de Cidade, e para ser eleito membro da Assembléia Provincial. Seus irmãos Pedro e Antônio Jaime, atuantes figuras políticas dos colégios de Maria Pereira e Jardim nos biênios de 1882/1883 e 1888/1889, exerceram aquele mandato eletivo, como se verifica do trabalho de Hugo Vitor (*Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará*, págs. 36, 37, 178, 469 e 470).

Cartas políticas endereçadas a meu pai por João Brígido, Nogueira Acióly, Thomás Pompeu, Antônio Frederico, Rodrigues de Andrade e outros destacados próceres das agremiações provincianas mostram às claras o prestígio e consideração de que gozava. João Brígido, a quem estava vinculado por duplo laço de parentesco, ao sentimentá-lo pelo falecimento da primeira consorte, em carta já divulgada (*O Povo* de 17.9.69) e escrita a 18.1.1881, não se furta à oportunidade para aludir a problemas relacionados com a política local.

Nogueira Acióly a 13.11.1883 alude à sua pretensão de conseguir a elevação do Pereiro para a categoria de cidade e aborda a questão de sua candidatura à representação provincial: “Fico certo de que V. Sa. não cede de sua candidatura, como alguém desejaria, o que entendo faz muito bem. Mas é necessário que nos entendamos com toda a franqueza sobre o pleito eleitoral no 1.º e no 2.º escrutínios. É impossí-

vel elegermos dois deputados no 1.º escrutínio, portanto, um deve ficar para o 2.º. Temos combinado com os amigos de S. Mateus, Têlha (ora Iguatu), Várzea Alegre, Icó, Lavras e Umari que seja o Belisário eleito no 1.º escrutínio e V. S.<sup>a</sup> no 2.º. Mas para isso é preciso que o Belisário tenha aí uns 30 votos. Posso contar com eles? Se o Belisário não tiver essa votação aí, corre o risco de não ser eleito no 1.º escrutínio e, passando para o 2.º, não pode dispensar a votação de que dispõe para V. S.<sup>a</sup>. No interesse de ambos convém que o Belisário tenha aí a votação acima mencionada. Desejo saber com toda a franqueza se posso contar com ela. Se for possível dar-me uma resposta urgente sobre a eleição do Belisário, sendo ela favorável pode mandar um portador à minha custa”. Em carta de 16 de outubro de 1883, Acióly já abordara o mesmo assunto: “A eleição provincial foi marcada para o dia 17 de dezembro. Tenho combinado que seja eleito no 1.º escrutínio o nosso amigo Belisário e no 2.º V. S.<sup>a</sup>. No 1.º escrutínio é bastante V. S.<sup>a</sup> ter 50 votos aí e o Belisário 30 ou 40 para sair este e passar V. S.<sup>a</sup> a 2.º, quando terá toda a votação de S. Mateus (colégio que apresentou o Belisário), quase toda a da Têlha e o que dispormos no Icó, Lavras e Várzea Alegre”.

O comendador Antônio Pinto Nogueira Acióly, grande figura política do Império, quando representou o Ceará na Câmara dos Deputados (1880), foi escolhido senador, exerceu o cargo de Vice-Presidente do Estado e só não ocupou a Presidência da Província do Espírito Santo por ter recusado a nomeação, constituiu-se, conforme opinam autorizados cronistas, o maior vulto da política cearense no primeiro vintênio da República, a que serviu em duas oportunidades, como senador federal e, em três, como chefe do Executivo estadual.

Desse eminente chefe político, com tanta projeção em dois regimes antagônicos, também procedem outras cartas escritas ao meu genitor, as quais, por seu conteúdo, bem definem, na época da respectiva expedição, sua qualidade de mentor de uma das correntes partidárias existentes.

A de 5.12.1885 está assim redigida: "Ilm.º Am.º Major Otaviano. Recebi sua carta de 23 do mês passado e fico certo de que trabalhará pelo triunfo do nosso amigo Belisário, o que muito lhe agradeço. Creia que nem de nossa parte nem da do Belisário, há propósito de excluí-lo da representação provincial; tanto assim que tenho recomendado aos amigos sua eleição em 2.º escrutínio, se esta for livre ou se V. S.ª tiver tido aí algum voto que o habilite. Se assim tiver acontecido, convém V. S.ª ir aos diferentes colégios do círculo e trabalhar com todas as forças para vencermos. As novidades estão nos jornais. De V. S.ª Amigo e Cr.º Obrm.º."

A que se segue, de 17 do mês e ano supracitados, reza: "Inteirado do ocorrido no pleito eleitoral nesse colégio, agradeço-lhe os bons serviços que prestou ao nosso candidato. Sinto muito não ter V. S.ª se habilitado para o 2.º escrutínio, porque seria eleito e teríamos mais um amigo na Assembléia. O major José Ozório escreveu-me dizendo que deu 11 votos ao Belisário. É conveniente discriminar-se a política dessa localidade e acabar-se com certa farça que representa alguém. Antes só, do que mal acompanhado. Continue a dar suas ordens".

O problema da candidatura de meu pai à representação provincial já fora objeto de cogitação por parte de Acióly, em correspondência anterior, de 11.11.1881, assim redigida: "A eleição provincial foi marcada para o dia 25 de dezembro. Peço-lhe, pois, que empregue todo seu prestígio, a fim de que nossos candidatos Belisário e padre Carvalho tenham a maior votação possível nesse Colégio. No segundo biênio, V. S.ª será o nosso candidato. É compromisso meu e do partido. O Ministério Cotegipe vai vivendo ingloriamente e pensa-se geralmente que, em maio, teremos mudança política"; a 23 do mesmo mês e ano reitera: "Sou o primeiro a reconhecer seus bons serviços à nossa causa e o direito que tem a uma cadeira na representação provincial onde espero vê-lo no próximo biênio. Assim pensando, não poderia ter o pensamento de contrariar sua justa aspiração que teria sido por mim aceita, se V. S.ª me tem com antecedência manifestado.

A vista disso, confio em que V. S.<sup>a</sup> fará pelos nossos candidatos o mesmo que faria se se tratasse de sua eleição. Contamos vencer a eleição provincial em cinco distritos e fazer três nos outros, pelo que teremos maioria na futura Assembléia”.

Da correspondência entretida entre meu pai e Thomás Pompeu só resta, no arquivo da família, a carta que este dirigiu àquele, do Rio, a 19 de agosto de 1885, noticiando a crise ministerial ocasionada pela retirada de Saraiva, crise que se resolveu com a chamada do Barão de Cotegipe para organizar novo gabinete, e dizendo: “Temos, portanto, os conservadores de posse do poder e com eles a reação. Não sei o que será do nosso Ceará, onde as paixões e os sentimentos políticos são tão violentos. Quero crer que o Ibiapaba há de ter grande preponderância na direção da política provincial. Se assim for nossa sorte não piorará muito. Ainda tive tempo de salvar nossos amigos do 7.<sup>o</sup> Distrito, reorganizando a G. N. (Guarda Nacional) de Iguatu, São Mateus, Lavras e Várzea Alegre. Fiz o que pude. Creio que serei forçado a apresentar-me mais uma vez candidato à deputação geral. Se continuassem os liberais, certamente não me apresentaria: com os conservadores, parece-me um dever partidário fazê-lo”.

Sobre a circunstância de meu pai ter sido votado e diplomado na eleição provincial de 1884, narra a carta que do Icó, a 12 de fevereiro daquele ano, escreveu ao tenente Ovídio de Paz Botão o cel. Lúcio Ribeiro Guimarães, tradicional influência naquele colégio eleitoral: “Aí vai o nosso Otaviano com o diploma que lhe conferiu a Mesa apuradora de hoje. Ele manifestou-me algum receio de ser depurado na abertura da Assembléia pela comissão de verificação de poderes mas acho que ele e V. S.<sup>a</sup> devem descansar a este respeito”. O Dr. A. Frederico Rodrigues de Andrade, em carta de 23 de fevereiro de 1884, escrita de Iguatu, onde creio que jurisdicionava, salienta: “Está V. com o seu diploma e, agora, mais que nunca, deve portar-se com o critério e moderação que tanto já o distinguem. Não sei, não posso saber o que será de V. na Assembléia, onde temos somente

15 amigos: considere maduramente sobre todas as conseqüências de ser ou não ser V. reconhecido e predisponha-se a ter prazer ou desprazer, mas sempre fazendo justiça aos amigos que não lhe deram e jamais darão razão para duvidar da lealdade e interesse que tomaram para as suas pretensões e as do Ovídio. Já lhe disse: com a sua derrota nada perderá V. político, candidato da primeira viagem e cuja apresentação foi tardia: jamais perderá os seus créditos por ter sido traído por infames que não prezam a dignidade própria”.

A intervenção do Poder Judiciário na realização e apuração das eleições é uma inalienável conquista da revolução de 1930. Antes, mesmo na vigência do Império, o poder competente para agir a tal respeito era o Legislativo, provindo daí os inqualificáveis abusos cometidos por seus órgãos, em regra influenciados por interesses de ordem partidária. Eleito e, em conseqüência, diplomado deputado provincial por junta ou mesa apuradora, meu pai foi, afinal, vítima de injunções de tal natureza, de que se imbuíu a Assembléia, onde estavam em minoria os seus correligionários, assim impossibilitados de evitar a receada depuração.

A política do Pereiro, nas últimas décadas do século passado, girava em torno das figuras de meu pai, do tenente Ovídio, do capitão Thomás, do Paulo Gonçalves de Souza (deputado provincial do biênio 1874/1875), do padre Francisco José de Carvalho também deputado provincial, de Ciriaco (Freire de Andrade, creio) e Alcoforado. Ovídio de Paz Botão, diletíssimo amigo de meu pai, falecido, parece-me, inupto e em meia idade, era uma pujante expressão de valoroso chefe político, a quem não faltavam os necessários requisitos para o galhardo exercício da função: família tradicional, numerosa e abastada, coragem, energia, espírito de luta, desprendimento e lealdade a toda prova. Conforme o que por múltiplas vezes ouvi dos lábios de meus genitores sobre o conjunto das virtudes que enalteciam a personalidade do prócer político sertanejo em apreço, ficou-me nítida impressão de que o mesmo, por seus atributos excepcionais,

realmente se projetou muito acima da craveira comum ao meio e ao tempo que viveu. Apadrinhou o segundo filho do casal meu irmão Tristão, nascido a 25.11.1883, representou o padrinho de Cícero, nascido a 17.10.92, no ato do batizamento. Tudo isso, aliado à circunstância de lhe ter sido dado o próprio nome a um dos filhos do casal, bem indica o alto grau da estima que o prendia à minha família.

No período da permanência de meu pai no Pereiro, ali exerceram a função de Juiz Substituto, entre outros, os Drs. Antônio Augusto de Vasconcelos, Thomás Gomes da Silva, Oliveira Sobrinho, Eugênio Bêco, Luna Freire e Francisco de Sales Ribeiro Campos, magistrados com os quais manteve as mais cordiais relações de amizade.

Nos primeiros decênios do século em curso, as forças políticas do Pereiro agrupavam-se ao lado dos situacionistas Alcoforado, Odilon Félix, Inácio Tavares Magalhães, Pedro Olívio Severo Holanda e outros, e do opositor Manoel Freire de Andrade, chefe político que, por sua edificante conduta na vida pública, tanto se impôs à reverente memória dos contemporâneos. Tendo-me ausentado do Pereiro com um ano, ou pouco mais de idade, e ali voltado, transitariamente, já em plena adolescência, o que me prende àquele município é sobretudo a tradição de família, filtrada através tantos decênios. Lembro-me de ter retornado à terra natal em dias de 1912 ou 1913, quando meu pai, Promotor de Justiça do Icó, comarca a que pertencia aquele termo, ali foi propor uma ação de indenização por parte de seu constituinte Felizardo da Costa Barros, tratado por Beláu, contra Severo Holanda. Revelando meu interesse em enfronhar-me nos meandros da prática processual assisti a todas as audiências dessa demanda forense, inclusive à produção da prova pericial sobre a existência e estimativa do dano, calculado, no petitório inicial, em quinhentos mil réis, importância muito acima naquele tempo, do que percebia o Juiz Substituto Dr. Pelópidas Fernandes de Oliveira, íntegro magistrado que julgou a ação precedente, como o fez, igualmente, em segunda instância o Juiz de Direito, Dr. Vicente Tavares Ro-

drigues Lima. Foi em tal oportunidade que pela primeira vez visitei a povoação de "Saco da Orelha" (ora Ereré), e conheci pessoalmente, já em idade avançada na sua fazenda "Saco do Aimoré", um dos mais abastados ruralistas da região, o sr. José Ozório de Paz Botão, por sinal irmão do precitado tenente Ovídio.

Do exercício do notariado, passou meu pai, decorridos 25 anos de serviços, à atitude advocacional.

Os conhecimentos adquiridos em tão longo período de prática forense tornaram-lhe fácil a obtenção de uma provisão para advogar Conseguindo a mesma, foi nomeado Promotor de Justiça da Comarca de Senador Pompeu no ano de 1900 quando, a 21 de julho, lhe escreveu Luiz de Miranda, de quem se afirmou possuir "uma intuição jurídica, a maior talvez que o Ceará já produziu", dizendo: "Não o felicito pela nomeação de Promotor porque você muito mais merece".

Dali passou ele às comarcas de Tauá, onde permaneceu de 1904, a 1912, Icó, Jaguaribe, Lavras e Jardim, perfazendo, ao atingir a inatividade, mais de meio século de serviços prestados com inestimável dedicação à causa pública.

Com raízes de família no Cariri, de onde provinha seu pai, e em Quixeramobim, onde nasceu a 22.3.1849, foi batizado, em artigo de morte, no mesmo dia pelo padre José Jacinto Bezerra de Menezes, serviu como escrevente de cartório e escrivão da coletoria geral, e tinha residência com seu avô materno José Joaquim da Silva Lôbo, ocupante de ofício de justiça, meu pai desenvolveu a longa trajetória de bem vividos oitenta e tantos anos através dos citados municípios, entre os quais se destaca, pelo prolongamento da efetiva permanência, aquele sobre o qual com especialidade versam estas reminiscências: PEREIRO.

(*O Povo*, de 27/11 a 11/12/71).



## Conotações Históricas de Barbalha

*Antônio Marchet Callou*

Exmo. Sr. Dr. Fabiano Livônio Sampaio, d.d. Prefeito Municipal.

Exmo. Sr. João Vicente de Macedo, d.d. Presidente da Câmara.

Rev.<sup>o</sup> Sr. Vigário, Pe. Eusébio de Oliveira Lima e demais Sacerdotes da comunidade barbalhense.

Meus, senhores

Em horas claras de contentamento, na Semana da Pátria, no Dia do Município, perante fatos históricos, sociais, a família barbalhense se comporta à altura de qualquer sociedade da vasta e pitoresca hinterlândia nordestina.

Assim não é de admirar-lhe o garboso porte, esfuziante de alegria cívica, neste estrepitoso programa em que o povo barbalhense homenageia o primeiro centenário da sua cidade.

Conseqüentemente se revela esta gente de maneira lhana nesta assembléia, representada pelo seu escol social, quando tentaremos dizer algo sobre seu Município, nesta data que de cem em cem anos só uma vez se comemora.

---

(Conferência proferida no Cetama Clube de Barbalha, CE., a 30 de agosto de 1976, às 22 horas, no encerramento das festividades do 1.<sup>o</sup> Centenário de elevação de Barbalha à categoria de cidade).

E para engrandecer essa assistência, dela tomam parte homens cultos, figuras que elevam tanto, com suas presenças, o programa deste centenário da decantada Terra dos Verdes Canaviais.

Por isso mesmo, descoro diante de vós, ouvintes e amigos meus. Todavia, para disfarçar meu nenhum poder de retórica, a falta de clareza que um estilo literário exige, como que fazendo minha auto-hipnose, consola-me a convicção de que é belo o assunto porque o assunto é Barbalha!

Pensando assim, aceitei a incumbência com a qual me distingui o sr. Prefeito de Barbalha, Dr. Fabriano Livônio Sampaio, que elevou seu governo à altura do desejo dos seus conterrâneos, neste período da sua administração, conforme flagrantes realizados em todo Município, com a mais elevada maneira de governar.

Aceitei com amor, jamais por vaidade, este lugar e posição os quais nunca imaginei, vez que, mais com amor que com paciência, colhi nas fontes puras os dados históricos de uma terra que conta com 259 anos de geografia, com 130 de autonomia, 129 de câmara, com uma comarca de 104 anos e, por fim, de cem anos que hoje goza sua sede da prerrogativa de cidade.

Minhas senhoras, meus senhores.

Como sabemos, o Cariri no fim do século 17 era habitado já por aventureiros vindos principalmente da Bahia e Pernambuco. Entretanto, somente na primeira decúria do 18 é que começa seu povoamento formal. Os portadores da devida permissão, não procediam da famosa Casa da Torres, dos Garcias d'Ávila, como até pouco tempo atribuíam nossos historiadores, mas da mesma Província.

Esta, havendo se desmembrado da Província de Pernambuco, era então a fonte donde se derivavam as ordens expedidas para a ocupação do sul do Ceará. Entretanto os sesmeiros não foram cearenses.

Na segunda década do século 18, em fevereiro de 1717, o capitão-mor Manuel da Fonseca Jaime concedeu permissão a cinco peticionários para ocuparem o centro da região da

qual, em certa parte, iria figurar o futuro Município de Barbalha.

No ano seguinte, 1718, o mesmo dirigente da Província cearense concedeu ao capitão Antônio de Souza Goulart uma légua de terra por três de comprimento que coincidiu com o Oeste de um rio ao qual deu o nome Salamanca que ocupa o centro da propriedade homônima. Aí se instala, conforme costume da época, constituindo a casa de morada, curral e cercado, tudo de maneira tosca e preparado contra a natural reação dos índios Quiriris ou Cariris da nação Tapuia.

Além da sua mulher e uma filha, dois irmãos ficaram com o Goulart. Entretanto, pouco se demoraram na 1.<sup>a</sup> posse do Vale. Eram baianos, da Freguesia de São Pedro Velho.

O dono da propriedade prende-se, por laços da família, aos Alencar do Exu, então pertencente a Cobrobo ou Cabrobó, Pernambuco.

De tão grande, Salamanca é dividida em três propriedades, as primeiras do atual Município de Barbalha: Salamanca, Brito e Lama. Para o feudo Lama, vieram, após o capitão Souza Goulart, os Figueredo Adorno, descendentes do conhecido casal Diogo e Catarina Alves, Caramuru e Paraguassu, nomes da nossa História Pátria.

Aos poucos ia crescendo o número de habitantes e se apossando das terras aquém dos lugares citados, acompanhando o rio.

Abaixo da Salamanca, surge uma nova fazenda, banhada pelo rio, por onde passa uma longa estrada, caminho que liga ribeiras, regiões, províncias. A princípio, batida de índios. Agora, estrada de mascates, comboeiros, peregrinos que vinham da Serra Grande, Ibiapaba, do nosso litoral, dos centros geográficos do Nordeste. Passando por aqui, os transeuntes subiam a Serra do Araripe, desciam por Exu, margeavam o Brígida, afluente da esquerda do São Francisco, até Cabrobó, nas margens daquele rio.

E num lugar (esse lugar é mais ou menos onde estamos), à margem dessa via de comunicação cavalari ou pedestre, uma peregrina instalou uma hospedaria.

Esta estalajadeira chamava-se Barbalha. Fixou-se aqui e, como que nascida para viver da profissão de hoteleiro, recebia na sua pensão os passageiros de toda parte, tornando-se por eles, que iam e vinham das paragens mais distantes, muito estimada.

Em sua homenagem, deram a este lugar o nome de Barbalha, que os índios chamavam-na docemente de "Cetama" e os poetas de "Terra dos Verdes Canaviais", terra doce, que cheira a mel, a mel de engenho.

Aqui viveu a comunicativa, generosa, descontraída e famosa Barbalha, certamente antes de 1735.

Parece-nos que o primeiro dono de Barbalha, foi o capitão João Mendes Lobato, o único da família que ficou na região. O Mendes era dono de muitos feudos, alguns muito grandes. O atual Município de Mauriti era quase todo seu.

Um dos Figueredo Adorno, descendente dos fixados na fazenda Lama, chamava-se Inácio. Casou-se com uma das filhas do Lobato. Recebeu também a patente de capitão e, como genro do primeiro, passou a possuir a grande fazenda Barbalha.

Os historiadores cearenses, ignoro que algum haja descordado, afirmam que dita propriedade passou a ser possuída por Inácio Figuerêdo Adorno, recebida por herança do citado sogro, capitão Mendes Lobato. O novo possuidor logo em 1735 vendeu o precioso legado a Francisco Magalhães Barreto e Sá ou Sá Barreto, fundador do Município de Barbalha.

Acontece que já está na hora de, a quem disser "eu fui por um caminho", não afirmamos: "e eu também". Com a devida vênia, pelo que possuímos em mão e pelo que lemos, com todo acato ousamos discordar, dos doutos senhores do assunto.

Não podemos aceitar que Magalhães tenha comprado a fazenda Barbalha, a Inácio de Figuerêdo Adorno, em 1735, herdada do seu sogro, Mendes Lobato, porque:

Em 1735 Barreto e Sá tinha 10 anos. Era de menor.

Neste ano, o sogro de Inácio Adorno ainda estava casado com a sua primeira mulher e três vezes se casou, conforme a fecunda obra de pesquisa do meu querido amigo pe. Antônio Gomes de Araújo, em quem deposito profunda estima e ele sabe por que. Mesmo que haja engano meu no que li em Pe. Gomes, não tenho a menor dúvida de reafirmar que Francisco Magalhães Barreto e Sá, em 1735, só tinha 10 anos.

Natural que alguém de menor não possa fazer negócio de tão grande monta. Se a fazenda Barbalha era de Magalhães neste ano não o fora por compra dele.

Segundo a tradição, ainda solteiro, com 19 anos, em 1744, assina seu título de capitão.

O fato é que o novo dono, natural de Sergipe, e sua mulher Dona Polucena ou Pulcina de Abreu, tornou-se latifundiário pecuarista e na segunda metade do século 18, quando a Província do Ceará ia se tornando mais organizada, estava com sua família muito bem de vida.

Alguns dos seus filhos, nem todos nascidos neste morro, casaram-se aqui mesmo, na capela que ele começou a construir em 1778 e só chegou a benzê-la na véspera do natal de 1790, pelo 5.º vigário de Missão Velha, pe. André da Silva Brandão, o mesmo amigo que o assistira morrer no dia 18 de outubro de 1795, sepultado com o manto de São Francisco na Capela da Salamanca, a que dera por padroeiro a Santo Antônio, o mesmo taumaturgo da Freguesia natal.

Por esta época, últimos dias de Magalhães, um rico português, fazendeiro e comerciante, casado com uma mulher extraordinária, 1.ª republicana do Brasil, "mãe sublime", como chamou Valdery Uchoa, filha do Exu, bisneta do fundador da Salamanca, Antônio de Sousa Goulart, vieram residir no Sítio Lambedor.

Era João Gonçalves dos Santos e Dona Bárbara Pereira de Alencar. Deste casal, do então Vale do Salamanca, nasceram 2 filhos, os últimos da irmandade. Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e José Martiniano de Alencar, que acompanharam o movimento republicano em 1817, tomaram parte na Confederação do Equador, guerreiro, um, estadista de

renome, outro. Registra-se também filho de Barbalha, Joaquim Pinto Madeira, os quais formaram a "tríade heróica", segundo soneto feito ode do professor Joaryvar Macêdo, com o título "A Barbalha Centenária".

A semente sócio-política plantada por Magalhães, a despeito do pessimismo do jornalista João Brígido, cresce paulatinamente. A seu lado, agrupa-se pequeno número de casas que formam um arraial, aqui mesmo, contíguo à matriz, pois esta não é outra, que não a capela de Magalhães de outrora.

Em 1838, desmembra-se da de Missão Velha a Paróquia de Santo Antônio de Barbalha, cujo 1.º vigário, pe. Pedro José de Castro e Silva, presta uma valiosa contribuição ao futuro Município, cadastrando todos proprietários de terra e o nome das suas referidas posses.

Com tanta abundância de elementos positivos, bom índice demográfico, fundação da paróquia, muitos proprietários de fazenda no vale dadivoso, crescendo sempre a vila, esta se torna sede do território que se desmembra do de Crato, precisamente no dia 17 de agosto de 1846, por resolução n.º 362, sancionada pelo presidente da Província, o então Inácio Correia de Vasconcelos.

É a Autonomia!

Supomos que seja oportuno lembrar porque a Freguesia de Barbalha é desmembrada da de Missão Velha e o território do Município desvinculado do Crato: é que Barbalha canonicamente pertencia àquela; politicamente a este.

Quase um ano após a autonomia, em 16 de julho de 1847, há 129 anos, instala-se a Câmara Municipal sob a presidência do cidadão Raimundo José Camelo. Este, como regendo o legislativo, governava o administrativo pois, como sabemos, ao tempo do Império não havia prefeitos. E os intendentes só surgiram com o advento da República.

Nos primeiros tempos do nosso legislativo, a Câmara encaminhou muitas reivindicações ao Legislativo Provincial, como uma agência de correios, tal a imberiosa necessidade

de correspondência por força do desenvolvimento social, político e comercial.

Também solicitou da Assembléia Legislativa Geral a criação de uma nova província nesta região, sediada em Crato. Permitiu estimular a criação de casas de comércio, estabeleceu preços de gado abatido e impostos à proporção do desenvolvimento sempre crescente da população.

Cerca de 10 anos após a função do Município, por aqui passou o célebre pe. Mestre Ibiapina que fundou uma casa de Caridade no local em que hoje se acham o Colégio e a Escola Normal Nossa Senhora de Fátima.

O Município, em face do seu coeficiente eleitoral, é contemplado com um Colégio Eleitoral Santo Antônio de Barbalha, por lei provincial.

A capela de Magalhães sofre grande reforma ao tempo do vigariato do pe. João Francisco da Costa Nogueira, quando por lei provincial é instalada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Na Vila, começam a surgir residências de bela expressão arquitetônica, distinguindo-se o sobrado construído por Antônio Manuel Sampaio, hoje patrimônio do Município, destinado ao Hotel Municipal.

É intensa a correspondência da nossa Câmara ao Legislativo da Província. Não se registra nenhuma falta nas suas reais prestações de contas.

Encontra-se em franco desenvolvimento o comércio, a pecuária, a agricultura equiparadas às condições da época.

A situação pois, religiosa, eleitoral, política, legislativa, urbana, determina a natural elevação da vila, sede municipal, às prerrogativas de cidade.

Isso se verifica, então, no dia 30 de agosto de 1876 conforme lei n.º 1 740 e não 740 como tenho visto em alguns volumes a este respeito. Deve ter sido erro de revisão.

A vila se levanta à altura de cidade, entre aclamações dos nossos maiores, com os corações feitos guisos a latejar de júbilo, como hoje alegres estamos.

Como em 21 de julho de 1876, Gregório Pereira Pinto Callou, bisneto de Magalhães, fosse o presidente da Câmara, é-lhe atribuída a administração municipal, neste dia. É possível. O período legislativo consta de 4 anos e o major Gregório estava em meio do seu exercício.

Cada vez mais estimulado, o Município vai condensando seus valores naturais e humanos.

São seus representantes na Assembléia Provincial os deputados barbalhenses: Joaquim de Sá Barreto, Dr. José Gomes de Sá Barreto, Antônio Pereira da Cunha Callou, pe. José de Sá Barreto, José Quezado Filgueiras, Antônio Pinto de Sá Barreto e Dr. Mendo de Sá Barreto.

Na era de 80, são instaladas 2 associações, até hoje ativas, uma de caráter sócio-religioso, outro cultural: Sociedade de São Vicente de Paula, 1.º de abril de 1883, Gabinete de Leitura, em 14 de maio de 1889.

Logo após a República, 27 de janeiro de 1890, por ato do governo da Província, entra em vigor o Conselho de Intendência de Barbalha e na mesma data são nomeados os 5 primeiros intendentess: Dr. Manuel Coêlho do Nascimento, Francisco Rodrigues Vieira, Antônio Pereira da Cunha Callou, Antônio Dias Vieira e José Cândido das Dores.

Mais 7 sucedem a estes, até o 1.º semestre de 1892.

A propósito do 1.º, Dr. Nascimento, na 1.ª constituição da República, 1891, foi este barbalhense um dos representantes do Ceará. Aliás no período republicano nenhuma carta constitutiva da Nação deixou de ser assinada por um barbalhense. Também, na 1.ª do Império, realçou o nome do Mirabeau brasileiro, José Martiniano de Alencar, a quem, se seus próceres lhe houvessem aceito as ponderações, Pedro I não teria devolvido a Constituição, evitando assim a efêmera Confederação do Equador.

Ao tempo dos intendentess, no ocaso do século 19, vive em plena aurora o desenvolvimento de Barbalha: a mata florestal do vale Salamanca aos poucos vai sendo substituída pela cana-de-açúcar, que tem dado ao Ceará a maior produção de rapadura. Entretanto são amplos ainda os campos



de criação. É centro comercial que fornece a outros centros dos sertões circunjacentes.

Em 1896 é nomeado Felismino Alves Feitosa que combateu um surto epidêmico de maneira heróica.

Na tarde do último sol do século passado, registram nossos assentamento, uma efeméride piedosa da Paróquia. Na presença de grande público, o pe. Antônio Jatahy de Souza benze a área nova do velho cemitério. Era 31 de dezembro de 1900. Que simbologia: Barbalha, assistindo à agonia, ao enterro do século, pensa nos seus mortos.

Sucedem-se os governos municipais no nosso século, a principiar pelo do jovem advogado José Bernardino Carvalho Leite. Era um pioneiro. Inaugurou o Colégio Leão XVIII e o Jornal do Cariri, tendo como assessores o Juiz de Direito, Dr. Manuel Soriano de Albuquerque e o professor José Marrocos. No fim da sua administração, divulga um opúsculo contendo toda temática do seu governo.

Após este, sobe o Paço Municipal Raimundo Ribeiro da Costa, deposto em 1906, por causa de altas de imposto. Estamos na época do coronelismo. Governa quem pode, não quem deve.

Interinamente, 1906/1907, é nomeado Antônio Duarte Grangeiro, logo sucedido por João Raimundo de Macêdo (Cel. Joca) que por 2 vezes assume o cargo, intercalado pelo saque de 1914.

Este foi um atentado que levou nossa paz, ordem e progresso e a causa foi o espírito democrático do povo barbalhense, por formar ao lado do grande presidente do Estado, cel. Franco Rabelo que, em favor do regime, foi infeliz por querer se utilizar do que de melhor tem o regime, a liberdade de discordar de candidatos que não fariam feliz a Nação.

Entretanto, tudo voltaria à normalidade depois dos governos Cel. Joca, Henrique Lopes, Cláudio Couto, se no traçado da estrada de ferro, projetada em 1908, pelo engenheiro Jósimo Barroso, Barbalha fosse uma das suas estações. Con-

tudo, quando a Rede Viação Cearense penetra no Cariri, em 1925, o traçado natural é substituído pelo político.

Barbalha recebe então como que o tiro de misericórdia. Humilhada e contrafeita, continua na sua decadência. Todavia, consciente do seu valor próprio, sabe sofrer os revezes, sem perda de dignidade exteriorizada no semblante, dignidade que revela o espírito superior em face da adversidade. Mas como a divisa dos seus filhos é “Lutemos com as armas da luz”, frase que esplandece no seu Escudo, em 1917 formaram a Liga Contra o Analfabetismo que, com uma de Minas Gerais, são as únicas existentes das que foram criadas em todo Brasil.

Em 1923 começou a funcionar o Grupo Escolar Senador José Martiniano de Alencar, um dos mais famosos em todo o Estado.

Com a revolução de 1930, é deposto do administrativo Filgueiras Sampaio, médico da Marinha em 1918, para dar lugar ao prefeito revolucionário, advogado Antônio Duarte Júnior. Nesta administração aparece a atual Subestação Experimental que salvou a cultura canavieira do Cariri.

Nas eleições de 1935, é eleito Antônio Lyrio Callou, doutor em medicina que defendeu a tese “Cesariana de Kerr”, aprovada, com distinção e louvor, na Universidade do Rio de Janeiro. Neste período administrativo, surge o golpe do “Estado Novo”, em 10 de novembro de 1937. Continuando a dirigir o Município por nomeação do Interventor do Estado, Dr. Menezes Pimentel.

Durante seu longo período administrativo registra-se a nova sede do Grupo Escolar Martiniano de Alencar, a Cooperativa de Crédito de Barbalha, a inauguração da estrada carroçável Barbalha-Caldas, o decreto que determina o Dia do Município, 17 de agosto, tem lugar a Festa da Rapadura original e comunicativa e, finalmente, o Centro de Melhoramentos em 15 de agosto de 1944, ano em que o operoso pe. José Correia Lima realiza uma Semana Catequética na Paróquia.

Após a morte deste operoso vigário, o Centro de Melhoramentos, com a devida permissão do Sr. Bispo Diocesano, conseguiu sediar na cidade 2 ordens religiosas, a dos padres Salvatorianos e a das Irmãs Beneditinas, para orientarem nossa juventude e dirigirem respectivamente os colégios Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima, cujos estabelecimentos posteriormente foram construídos pelo Centro.

Não fora as verbas adquiridas pelo nosso deputado Leão Sampaio, principalmente, e um auxílio pelo Governador Raul Barbosa, teríamos muito demorado na realização desta meta centrista.

Em 1950, o então vigário, pe. Otávio Gurgel, projetou o 1.º Congresso Eucarístico Paroquial, testemunhado por 8 senhores bispos e encerrado por nosso arcebispo, D. Antônio Lustosa.

Na administração Argemiro Sampaio, nome que atualmente veneramos, torna-se realidade o ramal da Estrada de Ferro Juazeiro-Barbalha e a Praça Engenheiro Dória. Em seguida, o famoso governo municipal do cidadão Joaquim Duarte Grangeiro que por duas vezes ocupa a Prefeitura. Falecendo ele no segundo mandato, assume-o o substituto legal, o vice-prefeito José Duarte Grangeiro, que fundou uma clínica Odontológica para os alunos dos Grupos Escolares do Município sediados na cidade.

Sucede-lhe o farmacêutico Alfredo Corrêa de Oliveira que recebe a visita dos engenheiros da Paulo Afonso, 1.º passo que Barbalha dá para sua inclusão na C.H.E.S.F.

Este prefeito adquire uma das fontes de águas perenes, cujo manancial mantém parte da CAGECE atual.

Depois do governo de João Filgueiras Teles, médico, quando aparece a praça do Rosário, sucede o do cidadão Antônio Costa Sampaio, de metas avançadas, de infra estrutura. Neste tempo o Cariri recebe a comitiva que integra o projeto Morris Azimow o qual, embora teórico, sacode da inércia o potencial de indústria que dorme na região.

Fica deliberado que cada município explore o que lhe seja intrínseco. Em face do nosso calcário, obra-prima que

sente naufragar o último gesto de neurastenia no primeiro banho; despertou o senso turístico; cooperou ardentemente com o vigário, nas festas do Padroeiro, animando-as com parques de diversões e representações folclóricas; trouxe para cá o Patrimônio Histórico Nacional; em convênio com o D.N.E.S., construiu o Canal do Riacho do Ouro; atuou junto à CAGECE que está aumentando a rede de abastecimento de nossa sede; por fim, a Prefeitura, Escola-Modelo de Administração, inclui o Plano Nacional do Desenvolvimento Urbano.

Após a festa de Santo Antônio, em 14 de junho, sob o testemunho dos governadores do Ceará e Pernambuco, o diretor do Instituto do Acool, a Usina Açucareira do Vale do Salamanca soltou seu 1.º apito que ecoou vibrante no ar puro do nosso vale, nos cerros mais distantes e no exterior por intermédio da EMBRATEL.

Eis, ilustre e ilustrada assembléia, que me honrais com a vossa paciência, um pouco de Barbalha. Perdoai-me muito, pelo pouco que não soube contar-vos e, por tão pouco também que colhestes sobre o Município e esta Cidade Centenária, esta Barbalha invicta que queremos cada vez mais bela, mais simples, mais livre, vivendo em harmonia ao lado dos seus irmãos Crato, Juazeiro do Norte e as demais, Jardim, Missão Velha, as outras mais distantes, para que o Cariri, unido, mais útil seja ao Ceará, ao Brasil e mais agradecido a Deus.

## De Barbalha ao trabalhador de ontem

*Napoleão Tavares Neves*

O mundo inteiro hoje comemora a data internacional do Trabalho! É o preito de gratidão ao trabalhador, ao operário de todas as searas cujo suor fecunda a terra de onde, por caminhos vários, emana a subsistência da humanidade!

Todas as raças e todas as nações, todos os regimes e todas as religiões, todas as idades e todas as línguas hoje se congregam e se associam para entoarem hinos ao trabalhador anônimo, não obstante as profundas divergências que dividem o mundo e separam os homens que somente em datas como a de hoje encontram motivos para uma efêmera unanimidade de poucas horas!

É a gratidão do Universo ao homem trabalhador e ao Trabalho a ele vinculado indissolavelmente por sua própria natureza, trabalho que liberta o homem, trabalho governado pela razão e pela vontade, trabalho alavanca do progresso que transforma o universo e é a melhor expressão da atividade livre do homem sobre a terra.

O trabalhador é o homem sem títulos e que ninguém vê, homem sem face e sem história, humildade mansa que faz a grandeza dos povos sem esperar estátuas ou gratidão, sem aparecer em destaques, como a mais lídima afirmação do espírito de equipe e do esforço comunitário.

Todos sabemos que Fleming descobriu a Penicilina e o mundo inteiro lhe é grato eternamente pelos milhões de

óbitos que ele evitou. Mas ninguém percebe que entre a descoberta da Penicilina e o seu uso pelo homem milhares de gotas de suor e incontáveis horas de trabalho foram gastas pelo operário cujo nome não está escrito nos tratados ou nos rótulos do salvador medicamento.

Todos sabemos de cor os nomes dos valentes astronautas que desvirginaram a lua numa ousada epopéia da humanidade! Está bem recente na nossa retina a imagem que a televisão mandou com o homem deixando pegadas na estéril superfície selênica! Mas ninguém sabe de cor o nome de um só dos operários que, num trabalho surdo mas indispensável, tornaram possível o gigantesco Projeto Apolo da conquista da lua pelo homem até então longínqua e lendária musa dos músicos e poetas!

É que o trabalhador parece ter o destino das velas: consumir-se para iluminar os outros! E talvez por isto mesmo ele seja merecedor da nossa mais legítima admiração e do nosso eterno reconhecimento.

O operário é o combustível que produz os altos vôos da humanidade e como tal se consome totalmente sem deixar resíduos ou lembranças, escondendo os seus grandes feitos na horizontalidade da sua massificação.

Produzir sempre foi um imperativo dos séculos e hoje mais do que nunca este imperativo se torna quase desesperador porque as estatísticas mostram que a fome ronda as muralhas do mundo. O operário é a centelha da produção que gera o desenvolvimento, vale dizer, é origem das grandezas da terra!

Não é sem razão, pois, que o mundo hoje como um todo e de leste a oeste e de sul a norte, em uníssono canta louvores ao Trabalho em manifestações variadas conforme a formação étnica e os costumes de cada povo.

Barbalha faz coro ao resto do mundo nesta data tão significativa e para comemorá-la condignamente aqui se reúne pelo que tem de mais expressivo e através da sua atuante paróquia oferece à comunidade barbalhense "A Casa do Ancião", recanto acolhedor para aqueles que, de tanto

trabalharem, chegaram ao ocaso da vida sem família, sem teto, sem pão e sem meios materiais compatíveis com a dignidade humana e com a própria sobrevivência!

Para comemorar o dia do Trabalho não sabemos de maneira mais bela e mais coerente, oferecendo ao trabalhador de ontem, ao homem cansado e velho, e velho e inválido, e inválido e pobre, e pobre e sem família, um lar confortável e aprazível onde ele terá tudo o que a vida lhe negou: teto, pão, assistência médica e religiosa e tudo enfim indispensável a uma vida que se fina cumprindo o inexorável determinismo biológico ao qual ninguém jamais fugiu!

Após longa espera Barbalha terá afinal a sua "Casa do Ancião", não um simples abrigo, não um depósito de velhos inválidos, não um armazém de cabeças brancas, não um repositório de ilusões perdidas e desenganos acumulados, mas um verdadeiro lar que muitos nem tiveram ao longo da vida, um lar com alma de lar onde a dignidade humana será respeitada sob as tutelas das Ordens Beneditina e Salvatoriana às vistas do glorioso padroeiro Santo Antônio sob cuja égide a comunidade barbalhense haverá de levar avante esta obra monumental, de profundo alcance social e grande conteúdo humanitário, ancoradouro de todas as vidas humanas que a pobreza econômica ou as procelas da vida deixarem sem bússola no seu ocaso!

Esta aprazível, ampla e confortável mansão, erigida para o fausto de uma família abastada e nobre, por uma ironia do destino será o lar da velhice desamparada da nossa cidade e não sei de destino mais nobilitante!

Os seus bem cuidados aposentados receberão logo mais hóspedes de variadas procedências que só terão em comum a velhice, e, como se isto não bastasse, a velhice agravada pela pobreza econômica e pelo abandono familiar.

Aqui, na vizinhança de Santo Antônio e das freiras Beneditinas, engastados entre dois templos católicos, os nossos velhinhos terão um ocaso sem tanta escuridão e os seus passos trêmulos terão mais amparo, terão o bastão da fé e as

suas cabeças brancas pelo acúmulo de tantos anos terão um travesseiro acolhedor!

Cada um trará para cá a complexidade de uma vida certamente carregada de desilusões, com certeza cheia de lutas, canseiras e trabalhos. Uns tudo deram de si e da vida nada receberam, acumulando ao longo da existência sofrimentos e decepções!

Por tudo isto a “Casa do Ancião” merecerá de todos nós o máximo de respeito. Ao cruzarmos por ela deveremos nos descobrirmos e nos lembrarmos que as figuras alquebradas que a habitarão não programaram habitá-la no fim da vida e aqui foram trazidas pelos cordéis do destino, tangidas ao sabor das tempestades que a existência abriga!

O mistério insondável da vida nos faz indagar dentro de cada um de nós: quantos de nós não terá o mesmo destino? São divagações que a hora comporta e que servem para selar o nosso compromisso de fazer com que esta casa se mantenha sempre aberta com a nossa decidida ajuda por pequena que seja.

A paróquia tudo fez até aqui. Daqui para diante compete à comunidade tudo fazer para manter abertas as suas portas. Cada um, cada família deverá dar por mês uma contribuição compatível com suas posses para que a “Casa do Ancião” de Barbalha seja uma realidade a mais a comprovar o nosso nunca desmentido espírito cristão comunitário, força que tem cimentado todas as nossas grandes vitórias numa prova insofismável de que realmente a união faz a força.

Barbalha não cresce muito para crescer ordenadamente, racionalmente, medindo os passos, sem edemas sociais e ao fazê-lo se comporta como o pau-d'arco das suas chapadas: eleva a sua fronde na direção do infinito que é Deus e finca as suas raízes na consciência imarcessível dos seus deveres para evitar aberrações sociais.

Barbalhenses!

Trabalhadores de ontem e de hoje!

Ao saudarmos a Data Internacional do Trabalho, ao saudarmos o operário barbalhense, o trabalhador de todas



as naturezas e ofícios, o trabalhador braçal e o trabalhador mental, o operário comum e o operário especializado, o homem da cidade e o homem do campo hoje já grandemente amparado pela ação social do grande Presidente Médici através do FUNRURAL e do PRORURAL, eu o faço consciente da importância que ele representa para a sobrevivência do próprio gênero humano, para a grandeza da Pátria e para a segurança de cada um de nós! E ao fazê-lo eu me permito parodiar o grande Presidente Kennedy, afirmando à guisa de advertência para os presentes e para a comunidade em especial:

“Se a sociedade humana não puder fazer nada pelos poucos que são velhos, certamente não poderá também dar segurança para os muitos que são jovens.”

Salve o Dia do Trabalho!

Salve o trabalhador de Barbalha!

Salve o ancião barbalhense, operário de ontem, hoje dono de um lar condigno por milagre de Santo Antônio e por decisão dos barbalhenses de boa vontade em forma de apoio ao seu grande vigário, pe. Euzébio de Oliveira Lima S.D.S., a quem a nossa comunidade credita mais este grande empreendimento!

Meus senhores!

Ao inaugurar a casa do seu ancião e ao comemorar com isto o seu dia do Trabalho, Barbalha reafirma a sua profunda vocação nacional, aquela mesma vocação preconizada para o Brasil pelo inolvidável cearense Humberto de Alencar Castelo Branco:

“Vocação de nos transformarmos em um país grande e forte, capaz de eliminar a miséria do seu povo, ser um elemento de paz num mundo conturbado, respeitar os seus vizinhos, exercer o poder sem violência e conquistar a riqueza sem injustiças!”

Barbalha, 1.º de maio de 1973.

## Posse do escritor Mozart Soriano Aderaldo

Ocorreu no dia 9 de outubro de 1976, no auditório da Faculdade de Filosofia do Crato, a sessão de posse do novo imortal do Instituto Cultural do Cariri, o escritor Mozart Soriano Aderaldo, na cadeira n.º 19, da instituição, vaga com o falecimento do escritor J. de Figueiredo Filho.

A solenidade foi das mais brilhantes e contou com a presença de autoridades, intelectuais, professores universitários, alunos daquela Escola Superior, estudantes de outras escolas, sócios do ICC etc.

Presidiu os trabalhos, o Presidente do ICC, de então, jornalista J. Lindemberg de Aquino, que explicou, em rápidas palavras, a finalidade da reunião.

Ocorreu depois a saudação ao recipiendário, feita pelo Dr. Jéfferson de Albuquerque e Sousa.

A seguir, o novo sócio, depois de empossado em sua Cadeira, pronunciou seu discurso de praxe, versando sobre a figura, a vida e a obra de J. de Figueiredo Filho.

Após encerrada a sessão, o Instituto Cultural do Cariri ofereceu um jantar, no Crato Tênis Clube, ao casal Mozart Soriano Aderaldo e mais alguns convidados.

O que se segue foram as palavras pronunciadas na referida sessão.

## Palavras do Presidente do ICC

Aqui nos encontramos, senhor escritor Mozart Soriano Aderaldo, para dar-vos posse na Cadeira n.º 19, do Instituto Cultural do Cariri, que tem como Patrono o nosso inesquecível ex-Presidente, J. de Figueiredo Filho, e da qual sereis, pela ordem cronológica, o primeiro ocupante.

Numa admirável coincidência, ocupais a Cadeira 19, da Academia Cearense de Letras, que tem como Patrono, José Albano, Cadeira que vos chegou em vista da transferência do escritor Martins de Aguiar para o Quadro de Sócios Correspondentes da ACL, e onde fostes empossado, em noite memorável, a 29 de agosto de 1958, sendo saudado por João Clímaco Bezerra.

Outra notável coincidência, quando se dá a vossa posse neste Instituto, mais humilde, sem nenhuma ostentação ou academicismo vazio, é que a 29 de agosto se dera também o falecimento do vosso atual Patrono nesta Casa, mediando exatamente 15 anos depois do vosso ingresso na Academia.

E a continuarmos no roteiro das coincidências, vimos que foi João Clímaco Bezerra, que ali vos saudou, caririense ilustre de Lavras da Mangabeira, com formação humana inteiramente do sul do Estado, e hoje vos saudará o Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa, ilustre membro deste sodalício, e seu futuro Presidente, cunhado de J. de Figueiredo Filho.

---

(Palavras pronunciadas pelo Presidente do Instituto Cultural do Cariri, jornalista J. Lindemberg de Aquino, na Sessão Solene do mesmo Instituto, em 9 de outubro de 1976, na Faculdade de Filosofia do Crato, dando início à solenidade de posse do Escritor Mozart Soriano Aderaldo, na Cadeira 19, da mesma instituição).

Honra-se pois, esta Casa, em noite esplendorosa de sua história, em receber-vos, onde passareis a ser, de fato, um dos nossos, já que o éreis, por direito, de vez que acompanha, assiste, prestigia e estimula o nosso Instituto desde o seu nascedouro.

Aqui recebemos o cearense-maranhense (e não foi, por acaso, que saíram tropas do Cariri, sob o comando de Filgueiras e Tristão, para libertar o Maranhão nos idos de 1823), aqui recebemos o cearense genuinamente cearense, de espírito, corpo, alma, coração, cidadania, formação mental e humanística — aqui vos recebemos para gáudio desta Casa.

Já data de muito tempo a nossa admiração à vossa personalidade de escol. De escritor profundamente arraigado à temática universal, de fundamentados princípios cristãos, de preocupação dominante pelas cousas do Ceará.

Não sois um estranho, nem chegais, por certo, para o primeiro abraço. Vossa convivência mental e espiritual com o Instituto Cultural do Cariri data de longos anos. O estreitamento dos laços de amizade que vos une a esta Casa, que é também vossa, se deu há mais de duas décadas, quando, implumes, ensaiávamos, tímidos, o primeiro vôo do ICC na busca de seus largos horizontes.

Sede bem-vindo, e para vos saudar, apenas oficializando uma exigência estatutária, concedo a palavra ao eminente amigo, Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa.

## Recebendo Mozart Soriano Aderaldo no Instituto Cultural do Cariri

*Jefferson de Albuquerque e Sousa*

Há encargos árduos, mas, há, também, missões que nos agradam. Há, ainda, incumbências — como esta de que, agora, nos desobrigamos — que poderíamos adjetivar de *agridoces*.

Dizemos assim porque ao saudar MOZART SORIANO ADERALDO — crítico, ensaísta, historiador, genealogista e poeta — nos embarçamos, mas ao nos lembrarmos de que ele é, também, rotariano, companheiro de ideal — do Ideal de Servir — experimentamos sensação de euforia, mormente pelo muito de identidade que há entre nós.

O poeta e jurista (mais poeta que jurista), Faustino do Nascimento, nos diz que *“nesta existência incerta, erma e sombria, / só descobre um refúgio mais risonho / quem consegue andar sempre em companhia / desta trilogia — o Ideal, o Amor e o Sonho”*. Acreditamos nesta afirmativa e, nós, eu e MOZART, temos nesta companhia uma maior semelhança.

Em todos os seus trabalhos literários, no exercício de sua profissão como professor universitário, ou como participante da administração pública deste Estado, como pesquisador da história do Ceará, como poeta, como rotariano, como homem — MOZART SORIANO sempre foi idealista, sempre foi um cultor do Bem e do Belo, nunca deixou de sonhar com um mundo de compreensão, de amizade e em homens que, como ele, servem sem pensar em si.

A sensibilidade de MOZART exterioriza-se nos seus versos enfiados nos seus livros *Poemas e Apoemas*, na sua *História Abreviada de Fortaleza*, nas suas crônicas e ensaios, nos seus pronunciamentos como rotariano — quer no seu clube, quer em assembléias e conferências distritais.

A perspicácia que demonstra examinando fatos históricos, ou no estudo do folclore, ou tocante ao ensino, ou, ainda, opinando como consultor jurídico, faz MOZART ser notado e proclamado como dos melhores intelectuais de sua geração.

Nasceu MOZART SORIANO ADERALDO em Brejo, no Maranhão, mas o Ceará é que tem sido beneficiado por sua inteligência, por sua operosidade, por seu ideal de ser útil.

Cedo ingressou no Instituto Histórico do Ceará e na Academia Cearense de Letras. Em tempo foi eleito Governador Distrital de R.I. (Dist. 450).

Publicou, além daqueles livros de poesias: *ESBOÇO DA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA, LIVROS E IDEIAS* e, há pouco tempo, anotações ao *Esboço Histórico sobre a Província do Ceará* de autoria de Pedro Theberge.

Por seus atributos foi nobilitado com a MEDALHA JOSÉ DE ALENCAR, pelo Governador César Cals de Oliveira (1973); MEDALHA DO MÉRITO CÍVICO, da Liga de Defesa Nacional (1974); e, neste ano, com o título de ASSOCIADO PAUL HARRIS, de R. International.

MOZART, hoje, tem como afazeres “a ocupação mais honrosa e útil dos homens: trabalhar pela extensão das idéias humanas”. Isto o faz como escritor e rotariano. E o faz bem, pois sabe esmerilhar os temas escolhidos e, também, sabe ser exato sem enfastiar.

Senhores:

Em outra oportunidade, aqui no Instituto Cultural do Cariri, afirmamos que não tínhamos “nem cobiça” nem *saber-dizer*, nem tanto fôlego” para adotar o uso de longa oração ao ensejo de saudar a quem ingressa em instituição

como a nossa. Temos, sim, como agora, mais interesse de ouvir a mensagem que o ingressante nos traz.

Estas nossas palavras, MOZART SORIANO, tiveram e têm um sentido: dar maior ênfase ao nosso sentimento e à admiração que lhe temos, ao dizermos: — SEJA BEM-VINDO ao Instituto.

Crato (Ce.), 09.10.76.

## Discurso de posse no Instituto Cultural do Cariri

*Mozart Soriano Aderaldo*

Imagino aqui presentes, além de meus pais e parentes mais próximos, alguns amigos que decerto se estarreceriam, como aqueles, com as homenagens hoje prestadas ao menino irrequieto e buliçoso que conheceram em passados anos. Vejo D. Abrilina de Castro Rocha e seus filhos Brinulfa e João da Rocha Moreira, este emigrado para Recife em decorrência da Sedição de Juazeiro, por ele valentemente combatida, mas abraçando sua boa mãe vez por outra, vizinhos do lado leste de minha residência, na Avenida, então Boulevard Duque de Caxias. Vejo ainda as Uchoas, prendadas irmãs de Samuel, o grande higienista, residentes com sua velha mãe no casarão da esquina sudoeste da mesma Avenida com a Rua General Sampaio. Vejo “seu” Dedé Bezerra, morador em casa do lado oeste da minha, meu vero amigo, se amizade é possível entre um garoto ainda não iniciado nos estudos das primeiras letras e um venerável cidadão, oriundo de uma das mais respeitáveis famílias do Ceará, cujos ramos se estendem de norte a sul e de leste a oeste de nosso Estado. Vejo, mais, a lavadeira “siá” Maria Joana e “seu” Joaquim, botador de água em canecos de madeira e aros de ferro.

Anos depois, já aluno do curso primário no Colégio Cearense, dos Irmãos Maristas, e principalmente cursando o secundário no tradicional Liceu do Ceará, vejo os vizinhos



de minha nova residência, na Rua Barão do Rio Branco, antiga Formosa, já testemunhando o despertar de meus pen-  
dores para as letras, por via — quem sabe? — de provérbios  
muito bem postos por minha saudosa mãe a cada circunstân-  
cia da vida, e do incentivo que devo ao grande mestre Martinz  
de Aguiar, fazendo-me amar Camões, Alencar e Eça, depois  
de minha passagem, juntamente com os demais colegas de  
geração, pela literatura de capa e espada e pelos romances  
históricos de Alexandre Dumas. Os saraus literários, tão em  
moda na Fortaleza de antanho, também me sacudiram para  
o lidar literário, de que é magnífico exemplo aquele que me  
iniciou na bela poesia de José Albano.

O menino travesso e inquieto metamorfoseara-se. Pas-  
sara a ser o maior freqüentador da Biblioteca Pública do  
Ceará, então instalada nos baixos do prédio da Assembléia  
Estadual, lado oeste, enquanto a parte leste do andar térreo  
do belo edifício era ocupada pela gloriosa Faculdade de Di-  
reito do Ceará, que a reforma do ensino superior, recente-  
mente implantada, transformou em mero Curso de Direito,  
sem maiores compensações de ordem intelectual.

Estarrecidos ficariam todos aqueles velhos parentes, vi-  
zinhos e amigos se me vissem hoje, aqui, recebendo a maior  
das homenagens que esta terra caririense, dadivosa e boa,  
pode oferecer a um forasteiro — sócio efetivo do Instituto  
Cultural do Cariri.

E por que me dispus a aceitar tão elevada venera? Pri-  
meiramente, por ter partido a iniciativa de grande e bondoso  
contraparente meu, o General Raimundo Teles Pinheiro.  
Depois, por ter sido encampada por velho amigo, a quem a  
Providência quis que eu sucedesse nesta Casa de Cultura, o  
eminente folclorista, memorialista e historiador José de Fi-  
gueiredo Filho. Finalmente, por ter contado com a solida-  
riedade de quantos compõem, com zelo e amor, os quadros  
deste venerando Instituto.

Posta de lado a pequenez do homenageado, tão evidente  
que dispensa argumentos, encontro explicação para o gesto  
generoso em antiga e nunca desmentida vinculação minha

com o Cariri cearense. Por trama da Providência, inexplicável a nós outros, assisti à instalação solene desta Casa, privilégio de que somente eu e Raimundo Girão podemos nos orgulhar no Instituto do Ceará. No decorrer dos anos, eu me conectaria com muitos filhos ilustres desta gleba: — o já referido General Raimundo Teles Pinheiro, meu brilhante colega no Instituto do Ceará; José Denizard Macedo de Alcântara, meu amigo-irmão de longos anos, a quem recebi oficialmente em nome da Academia Cearense de Letras, evento que teve em mim e em Cláudio Martins os maiores entusiastas; Fran Martins, líder do Grupo Clá, a que me atrelei desde os primeiros passos na produção intelectual; Nertan Macedo, cuja evolução cultural acompanho com desvanecimento a partir de seu desabrochar, vindo a ser colega meu como Assessor do Governador Virgílio Távora; Aníbal Viana de Figueiredo, o mais brilhante colega que tive nos sofridos mas saudosos tempos do C.P.O.R. de Fortaleza; Luís Maia, o grande livreiro e generoso amigo, a quem me prende o sentimento de gratidão por homenagens espontâneas e imerecidas a mim tributadas; Jefferson Albuquerque, prestativo e dadivoso companheiro, antecessor meu na Governadoria de Distrito de Rotary International; pe. Antônio Gomes de Araújo, escafandrista da genealogia e história caririenses; e outros, muitos outros mais, sendo-me imperioso encerrar o longo rol com a personalidade imortal de José de Figueiredo Filho, *primus inter pares*, sol luminoso das letras caririenses, a quem devo suceder, mas nunca substituir, nesta benemérita Casa.

Imagino, também, que ele esteja ali, bem próximo, ouvindo atentamente esta minha louvação à sua personalidade inconfundível, a exemplo do que realmente ocorreu quando da realização de abreviado Curso de Literatura Brasileira por mim aqui ministrado a convite de José Newton Alves de Sousa, então Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato. Ou, ainda, quando proferi Aula Inaugural de ano letivo nessa já tradicional escola de nível universitário. Vejo-o, mais, em sua residência, por mim sempre procurada nas várias andan-

ças que fiz a esta terra, onde a fidalguia do trato, dele e de sua inteligente esposa, de par com a hospitaleira oferta de doces e bolos regionais, cativavam realmente os visitantes.

Que saudades! E como doi em todos nós a sua ausência!

Nasceu José de Figueiredo Filho a 14 de julho de 1904 nesta Católica Cidade do Crato, Cabeça de Comarca, Capital do Cariri, Coração do Ceará. Filho do boticário José Alves de Figueiredo, diplomar-se-ia em Farmácia, pelo que herdou de seu genitor o estabelecimento em que trabalharia anos a fio e de onde recolheria o precioso material de que haveria de servir-se para a edição das preciosas memórias intituladas *Meu Mundo é uma Farmácia*. As primeiras letras aprenderia ele nas escolas de D. Antoninha Teixeira Mendes e Helena Brígido dos Santos. No Colégio Diocesano do Crato terminaria o curso primário e faria o secundário, deslocando-se a Fortaleza para os estudos de Farmácia, concluídos no Natal de 1925, sendo o orador de sua turma. Num telurismo irresistível e irreprimível, voltou logo para junto dos seus, iniciando-se então a longa carreira profissional, de par com a mais brilhante trajetória de homem de letras de que se tem notícia no Cariri.

Sua bibliografia é numerosa e valiosa. Fez incursões pela prosa de ficção, com o romance *Renovação*. Mas seu pendor literário era bem outro, inteiramente voltado para a história, a genealogia, o folclore e a temática caririense em geral. Destarte, publicou o resumo histórico intitulado *Cidade do Crato*, edição do Ministério da Educação e Cultura; estendeu-se sobre a *História do Cariri*, em cinco autorizados volumes, por especial encomenda da Faculdade de Filosofia do Crato, de que era emérito professor; brindou-nos com o já referido livro de memórias *Meu Mundo é uma Farmácia*, publicação da Editora Ipê, de São Paulo; estudou os *Engenhos de Rapadura do Cariri*, sob o patrocínio do Ministério da Agricultura; pontificou sobre *Folguedos Infantis Caririenses*, em edição da Imprensa Universitária do Ceará; biografou um dos mais autênticos cantadores sertanejos, em *Patativa do Assaré*, publicação da Imprensa Universitária do Ceará; e, em colabo-

ração com sua dedicada esposa, D. Zuleika Pequeno de Figueiredo, publicou *No Asfalto e na Piçarra*, edição da Tipografia e Papelaria do Cariri.

Como pode ser facilmente comprovado, sempre foram objetos de suas lucubrações intelectuais o Cariri em geral e, de modo particular, o Crato de seus amores, que de suas obras saltam vivos e palpitantes, apresentando suas características, seus modos, seus encantos, sua riqueza material e humana, sua cultura, enfim, na melhor e mais ampla conceituação desse termo.

Foi ainda além o nosso Figueiredo. Da longa lista de suas conferências, discursos e palestras, pronunciados a convite das mais respeitáveis entidades culturais do país, resalta à primeira vista o tema de sua amável preferência — sua terra muito amada. Acrescentemos, mais, que, trabalhador infatigável, colaborou em todos os jornais que circularam no Crato e em quase todos os de Fortaleza e Recife. Escreveu no *Diário Carioca*, no *Jornal do Comércio* e na *Gazeta de Farmácia*, do Rio. Prestou, ainda, seu precioso concurso a revistas brasileiras do maior e melhor porte, como a de História, de São Paulo; a Brasileira de Medicina e a de Geografia, do Rio; a do Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico, de Pernambuco; a do Instituto do Ceará, *Aspectos*, *Valor* e a miscelânea intitulada *O Ceará*, organizada por Raimundo Girão e Antônio Martins Filho, todas de Fortaleza; e, finalmente, em sua *Itaytera*, que era toda dele, de seu afeto e de sua labuta, de seu idealismo e dedicação.

É a esse homem que ousou suceder, não por vaidade, mas em obediência à sua própria vontade, que me fez sócio efetivo desta Casa. E empossando-me na cadeira que o tem como Patrono, por escolha minha, medito naquelas sentidas palavras de Ribeiro Ramos, seu talentoso colega no Curso de Farmácia, vulto eminente do mundo cultural cearense: — “Com Figueiredo Filho desaparece, creio, o maior filho do Crato, terra e gente que amou desmedidamente, que engrandeceu com seu talento invejável, e que projetou e exaltou pela pri-

morosa inteligência que Deus lhe deu. Terra e gente que cantou em prosa amena e bela, enquanto lhe pulsou o grande e generoso coração.”

José Newton Alves de Sousa, outro cratense que honra a terra do berço, por sua vez salientou que “o profundo telurismo de seu universo emocional fê-lo um caririense de corpo inteiro, e um cratense de corpo e alma”.

Abelardo Montenegro, autor de lúcidos estudos sociológicos, não tergiversou em afirmar que não se pode analisar o povo caririense sem ler os estudos e livros de Figueiredo Filho. É que ele “trazia no sangue a paixão da pesquisa”, na expressão do pe. Azarias Sobreira.

Sua morte repercutiria, portanto, nos mais variados quadrantes de nosso país e nos mais distintos setores de nossas atividades mentais. Assim, o eminente Senador Wilson Gonçalves, diligenciando no sentido de que a Alta Câmara do País prestasse a Figueiredo Filho a sua autorizada homenagem, não obstante as poucas vezes em que, durante a vida, adotara atitudes políticas, disse dele que, possuindo “invulgar e nobilitante espírito público” sempre fora um “defensor incansável das reivindicações de seu povo, cujos problemas conhecia profundamente e para cuja solução trabalhava sem se poupar”.

O Ministro João Gonçalves de Sousa considerava-o a “figura número um, a figura humana mais representativa do Crato, de todo o nosso Cariri”. E é de outro caririense ilustre a evocação do Crato de antanho, com suas feiras, as festas natalinas, os sambas de pé-de-serra, os festejos da Padroeira, a banda cabaçal; as “peladas” da meninada, o pião e a cabeçolinha, os circos, os piqueniques nos sítios, os banhos no Lameiro, no Grangeiro e nos poços da Estrada ou do Jatobá... É esse o Crato de seu tempo e, mais ainda, do tempo de Figueiredo Filho, terra que corre o risco, gravíssimo risco de perder suas características, suas tradições, seu modo particularíssimo de viver e de falar, tornando-se igual às outras regiões do país e, o que seria pior, internacionalizando-se, por via, principalmente, do rádio e da televisão.

Aqui del Rei! É urgente salvar as tradições, é necessário preservar o pouco que ainda resta da herança ancestral! Socorrendo-me, neste ensejo, da imortal expressão de Shakespeare, ousarei dizer que um povo que perde as suas características e se torna igual aos outros dá sinais inelutáveis de que há algo de podre no reino da Dinamarca...

Amante de sua ubertosa terra, admirador de seu valente e generoso povo, necessariamente seria Figueiredo Filho o incansável defensor de suas mais antigas e nobre tradições, sentimento esse que se manifestaria até mesmo na volta ao seio amável da Igreja em que fora inscrito pelas águas lustrais do Batismo e na qual vivera pelo exemplo e pelos ensinamentos maternos até a mocidade. Os ventos agitados da quadra perigosa amainaram, voltando ele, depois, pouco a pouco, à Fé de seus antepassados, que foi a força moral sustentadora de suas campanhas nobilitantes, como declararia, de modo solene, no discurso de posse na Academia Cearense de Letras, proferido já no ocaso de sua proveitosa vida.

Vero humanista, o sentido do mundo não prejudicaria seu nacionalismo. Este, por sua vez, não impediria que o sentimento regionalista vicejasse, opulento, em seu coração de cearense, de caririense e de cratense. Foi por isso que Denizard Macedo, analisando essa interessante faceta da personalidade de Figueiredo Filho, em primoroso discurso pronunciado ao empossar-se, como seu sucessor, na Academia Cearense de Letras, acentuou que “o regionalismo foi a grande chancela da obra literária, da vida e da ação social de Figueiredo Filho, tão profusamente nacionalista pela sua brasilidade, tão universalista pela catolicidade de sua fé e de seus princípios éticos. Regionalismo que alçava sua voz pelo profundo apego ao Crato e ao Cariri e a tudo o que dissesse respeito ao sul cearense”.

A esta altura, convenço-me da necessidade de voltar às considerações iniciais destas minhas palavras, para lembrar que, não podendo substituir nesta Casa tão eminente personalidade da inteligência caririense, cabe-me, mais que

àqueles vultos que de princípio evoquei e que me acompanham desde a mais tenra infância, sepultando-se comigo no Último Dia, estarecido estou comigo mesmo pela ousadia da aceitação da imensa homenagem que o Instituto Cultural do Cariri me está prestando. Consola-me, todavia, a generosidade dos bons companheiros e do próprio Figueiredo Filho, em aqui chamando-me para esta festa, que Deus não permitiu fosse por ele assistida. Tranqüiliza-me, outrossim, a certeza de que, ampliados pelos óculos amigos de Jefferson de Albuquerque, generoso intérprete desta benemérita Casa, meus pobres méritos converter-se-ão, por obra alheia, em passaporte seguro para o convívio frutificante com tão generosos companheiros.

Muito obrigado.

## Dois Jubileus de 1976

*Venicius Barros Leal*

(Do Inst. Cultural do Cariri)

Duas personalidades do Ceará no século passado merecem, neste ano de 1976, uma lembrança dos que se empenham em oferecer aos coevos os exemplos dignificantes das existências vividas no afã do cumprimento do dever cívico e no esforço contínuo de superação dos óbices ao bem comum. Ambos tiveram datas jubilares neste ano. Antônio Rodrigues Ferreira, o Boticário, e o Dr. Leandro Bezerra Monteiro, o "Mirabeau católico". Alegremo-nos nos 175 anos de Ferreira e nos 150 do Dr. Leandro. As trombetas anunciem estas duas efemérides e na alegria de seus sons, o contentamento dos que hoje podem e devem levar aos que deles pouca notícia tiveram, as razões superiores de suas existências profícuas e modelares.

Ambos mostraram pontos convergentes na dessemelhança de seu diverso viver. Talvez, nunca tenha entretido qualquer relação de amizade por convívio ou aproximação, mas, foram conformes na analogia de comportamento e atitudes. Berços distintos na sorte do fácil alcance aos bens materiais, mas idênticos na oferta de princípios corretos da verdadeira formação, gerada no cultivo de valores transcendentais e eternos.

Trocaram suas províncias natais, suas situações e hábitos de vida para melhor servirem aos irmãos de outras



plagas. O primeiro, o Boticário, fluminense, deu quase toda a sua existência pela causa dos cearenses e o Dr. Leandro, cearense de tradicionais raízes genéticas fincadas no Cariri, levou à província fluminense o vigor de sua cultura e o ânimo da sua bondade. Ferreira veio primeiro e o Ceará retribuiu à terra sulina, ao câmbio da moeda evangélica.

Emigra o mais forte, aquele que, em seu *status* sócio-econômico, tem mais capacidade de sobrevivência fora de seu condicionamento físico e cultural. Dá prova de resistência e vitalidade na nova acomodação gregária, de destemor e audácia no bom êxito da adaptação alienígena.

Aos 24 anos aportava em Fortaleza aquele que, com sua influência desinteressada e benéfica, alteraria o rumo dos acontecimentos da primeira metade do século na província nordestina.

Atendendo ao convite do cônsul e comerciante português Manuel Caetano de Gouveia, conseguiu para si e o seu protetor o fado da sorte e a ventura da prestimosidade ao semelhante desvalido e miserável.

Era tempo de seca naquele recuado ano de 1825 e que, para maior infortúnio de todo o Ceará, coincidia com a desforra oficial e execranda contra os líderes da malfadada e efêmera República do Equador.

O lado ruim da alma cearense dava largas à bestialidade de falsos chefes, na repugnância das cenas de barbárie e sandices cometidas em nome da Lei, da Religião e da Ordem Pública. Da crueldade e da insensibilidade, isto sim. Julgava-se aniquilar o brutal com a violência, a incivilidade com a grosseria e o excesso com o desmedido. Aqueles, sob o império de um patriotismo chauvinista, inculto e caipira e estes, debaixo do manto da Lei constituída, embuçados nas dissimulações das legítimas prerrogativas de códigos fingida e hipocritamente interpretados. Uns, que ontem, no transitório triunfo apagavam divergências e procuravam a harmonia da Pátria dividida, eram, na derrota, desconformemente tratados pelos que, por certo, no caso contrário, dariam adesões ime-

diatas, no empenho do interesse próprio e da vantagem pessoal. Nenhuma reciprocidade no tratamento que receberiam daqueles que viram na quimérica vitória de suas forças o definitivo raiar da liberdade longamente sonhada. Ferreira pasmava ao pé do cadafalso na visão apavorante do gotejar do sangue generoso de seus novos patrícios inglória e injustamente sacrificados no patíbulo burlesco e odioso. Nada poderia fazer. Seria temerário, naquela ocasião, qualquer ato demonstrativo de condenação aos algozes, pesar ou condescendência pelos infelizes patriotas.

Outros também sofriam incruentamente: as vítimas da seca inclemente. Para estes, transferiu todo o seu entusiasmo cívico e cristão de bem servir. Abrindo farmácia na então Vila do Forte, encontrou a desejada oportunidade de desenvolver os seus dotes naturais de benemerência e compreensão pelo sofrimento alheio.

Encontrava-se o Boticário neste iniciar na vida prática, quando, no Crato, nascia, de pais profundamente cristãos, em um lar onde a religião era vivida e praticada na diuturnidade das fainas domésticas, uma criança que recebia o nome do avô paterno, o Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, personagem por demais conhecida nos anais da História da Província. Era o início de uma vida das mais proveitosas e dignas e que em seu longo prolongar, foi sempre uma perene demonstração de retidão, austeridade e honesto perseverar. Mais do que tudo isto, que soube guardar em toda a sua dilatada peregrinação terrena, o constante e permanente sentido da conservação e aprimoramento da nobreza de seu caráter íntegro e inatacável. Filho de bons, viveu para o Bem e pelo Bem. Teve sempre o verdadeiro sentido da Bondade, traduzido na benevolência de seus afetos, na benignidade de suas atitudes e na brandura de suas maneiras. Bondade e doçura sem danos, no entanto, para a exteriorização de posições firmes e enérgicas, decididas e determinadas que sempre soube demonstrar quando se deparou com atos praticados por outrem, capazes de manifestar contradição às suas idéias e opiniões acerca das doutrinas e pen-

samentos que convictamente defendia. Doutrinas e pensamentos bebidos nas mais ortodoxas fontes, escolhidas entre aquelas que melhor representavam as verdades contidas nas Escrituras ou esplanadas pela tradição e pela Hierarquia. Desaparecia toda a sua blandícia e condescendência, quando investidas injuriosas e ofensivas de inimigos da Fé procuravam macular afirmações dos Dogmas ou expressões legítimas e necessárias da Religião. A reação era imediata e precisa, fundamentada, decidida e de sólida doutrina. Ficou célebre a sua atitude perante Rio Branco no desenrolar da Questão Religiosa. Caráter sem dobrez, convicto da boa causa que abraçara, jamais deixou que, por uma inadvertência intempestiva, a sua profunda adesão à Fé fosse prejudicada pela malícia dos contestadores e malévolos. Vigilante e ágil nos debates, nunca foi encontrado descuidado e incauto.

A infância bem assistida e despreocupada preparou-o, com os primeiros estudos feitos no Crato e cidades vizinhas, para sua entrada na Academia de Direito do Recife, celeiro de grandes mestres e ponto de encontro das futuras lideranças do Brasil. Na época, começava uma certa efervescência intelectual de professores e alunos, na busca de novos pensamentos filosóficos, de teorias modernas que melhor explicasse as dúvidas do Eterno e do efêmero. Recife recebia da Europa as novidades mais recentes produzidas pelos cérebros mais pensantes da França e da Alemanha, nem sempre dignos de adesão imediata sem prévia e refletida análise de seus conteúdos. Na aparente clareza de suas explanações, muitas vezes, escondiam falsidades ideológicas contrárias aos princípios arraigadamente defendidos pela doutrina católica. Havia manifesta necessidade de uma crítica cuidadosa e penetrante da enunciação destas armadilhas para não se deixar cair no engano da anuência a uma teoria espúria, contrária aos princípios da Fé e da ortodoxia. Poucos foram capazes de passar incólumes pelas ciladas dos sofismas. Só inteligências superiores, ajudadas pela Graça e firmadas na prece quotidiana e sincera, ficaram livres das quedas perigosas e irremediáveis nas trilhas da verdadeira crença.

O Dr. Leandro demonstrou aí a evolução de seu espírito, o que comprova a superioridade de sua formação recebida na família e aprimorada no estudo e na reflexão bem orientada. Em 1851, terminava o seu bem feito curso jurídico, devidamente preparado para as lides da carreira que se iniciava com prenúncios de brilhantes vitórias, que, de fato, ocorreram.

Ferreira não teve essa fortuna dos estudos superiores e nem mesmo de um primário completo. Desde cedo trabalhando para o sustento próprio, não pode freqüentar colégio. Discricionariamente recrutado e preso, foi violentamente castigado pelas idéias liberais do patrão. Causas da época... O General Catete, seu freguês do balcão da farmácia onde trabalhava, ajudou-o a evadir-se, recomendando-o ao seu novo protetor, o português Manuel Gonçalves da Silva. Essa, foi a sua vida até aos 24 anos de idade. Trabalho improficuo atrás de balcões de farmácias, desconforto e pobreza. Em vista da impossibilidade de um aprimoramento intelectual, ou mesmo básico nas letras e ciências, nada pode legar aos pósteros que desse prova de seu talento tão bem manifestado na prática da condução dos negócios políticos e partidários. As atas da Câmara foram o repositório de sua sabedoria, pela prudência e moderação com que ali se portava. É certo, poderia ter transmitido ao papel ou ao prelo a abundância e ponderação de seu pensamento, mas, nele, o silêncio, considerado a ciência do tolo, significou o privilégio do sábio, por não se deixar medir pela fartura das palavras nem pela fatuidade da eloquência. Foi sóbrio e escrupuloso na manifestação de suas concessões. Sem fazer valer a sua opinião pela força da argumentação falaz, dirigiu com acerto, por longos anos, o Legislativo Municipal, sem maiores constrangimentos de correligionários e desafetos políticos. Teve a intuição do equilíbrio que se fundamenta na lei do "tanto quanto".

O Dr. Leandro, chegado à província fluminense, integrou-se, como Ferreira aqui também o fez, nas hostes do

Partido Conservador. Alcançou todos os postos da direção do seu grêmio, chegando à presidência da Câmara Municipal de Paraíba do Sul pela escolha de seus pares, que reconheciam nele as qualidades indispensáveis de um condutor de opiniões, capaz de dirigir os companheiros com discernimento e descortino. Antes, deputado por Sergipe, terra de sua esposa, teve a oportunidade de tomar parte saliente na mais inflamante questão do Parlamento Nacional, nas discussões em torno do comportamento dos Bispos do Pará e de Olinda, os ínclitos e santos Bispos D. Macêdo Costa e D. Vital. Atuou com destemor, vendo unicamente o dever de defender dois dos mais valorosos membros da hierarquia católica brasileira, injustamente levados ao patíbulo da opinião pública pelo crime de terem sido coerentes com as resoluções emanadas da reta razão e da jurisprudência canônica. Suas interferências mais firmes na contestação aos inimigos dos Prelados e da Religião, fizeram-no valer-se de toda a sua capacidade de expressão e convencimento. Tal sentido de persuasão emprestou a esses pronunciamentos, que lhe deram o epíteto de Fr. Leandro, o que não o aborreceu, antes, agradou, por que via nessa aparente zombaria, a certeza de que bem exercera a sua obrigação. E, por outro lado, correspondia ao exato sentir de sua alma cândida e evangélica, que antevia uma fraternidade universal na transparência de Cristo que cada irmão representava.

Deixou a vida pública no declinar do regime monárquico, certamente, por coerência com seus princípios e por solidariedade ao chefe do Poder que tanto o ajudou, direta e indiretamente, na efetivação de sua grandiosa obra de benemerência pela pobreza fluminense. D. Pedro sempre acolheu os seus pedidos de benefícios solicitados para atender à vaidade dos que impunham essa condição, clara ou veladamente, à dádiva de uma maior oferta para a Casa de Caridade. Nunca, entretanto, pleiteou nada para si próprio, apesar do prestígio que desfrutava junto à Corte Imperial. Deixou de ser o Barão da Piedade, título que, sem favores, bem lhe cabia. Achava ignominioso aqueles procedimentos, mas, era

obrigado a valer-se deles para poder prosseguir com a assistência aos seus queridos desvalidos.

O Boticário Ferreira, por longos anos, foi Vereador e Presidente da Câmara. Nos 18 anos de exercício da representação no Parlamento Municipal, 17 passou-os como sua maior autoridade. Entrando em 1842 nesse desempenho ocupou-o até à morte, influenciando como verdadeiro líder, timoneiro inteligente, perspicaz e ordeiro, conduzindo os negócios públicos nos mais perfeito equilíbrio e equanimidade. A sua botica era um verdadeiro parlamento-mirim, de onde saíam decisões e medidas de interesse do seu partido e dos correligionários. Ponto de encontro de quase toda a população culta e influente da pequena e atrasada cidade, era, pelos que acompanhavam outras correntes políticas, ferrenhamente criticada pelas colunas dos jornais da pérfida e inconstante imprensa provinciana. Dentre os que mais o feriam com a sátira mordaz e contundente, malévola e perversa, destacava-se o irrequieto e irreverente padre Verdeixa, com suas pasquinadas atassalhantes da honra e dignidade de seus antagonistas. Ferreira aparecia ali, como dos mais frequentemente atingidos pela pena ferina e fescenina do colérico e histriônico capelão da Santa Casa.

Superior a todas essas maledicências, o Boticário tomava, sim, suas medidas de defesa, rebatida através dos correligionários fiéis e prestimosos, mas, mantinha-se sempre numa linha de dignidade de homem de impecável proceder. Sem maiores ressentimentos ou rancores, apesar da nocividade e insolência dos julgamentos desavisados, evitava o revide agressivo, jamais rebatendo nesse tom o inimigo gratuito. Todo o seu tempo era empregado na prática do bem. Quando, no início da obra da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, foi o primeiro chamado por Pires da Mota para encarregar-se da sua administração. Só nele o ex-Presidente confiava a boa gerência do nobre empreendimento. Protegia os desfavorecidos, sacrificando, muitas vezes, o seu melhor conforto que os rendimentos de sua conceituada e movimentada farmácia poderiam proporcionar-lhe. Sistemáticamente

comprava, cada semana, 12 bilhetes da Loteria, para distribuí-los a 12 moças pobres, no desejo, de, com a ajuda da boa sorte, alcançar-lhes um dote apreciável para o casamento. Lastimava não ter tido filhos e por isso, perfilhou toda a pobreza desvalida da cidade.

O Dr. Leandro mereceu grande prêmio da Providência. Foi pai de 6 filhos, dois homens, que herdaram as qualidades paternas e nas profissões da Medicina e do Direito, continuaram a obra do genitor. O Dr. João Siqueira Bezerra de Menezes, conceituadíssimo clínico, e o Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, orgulho de sua terra, das lides jurídicas, dos filhos e demais parentes. É filho deste último o Dr. Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes, Ministro do Superior Tribunal do Trabalho, Professor e Jurista, Acadêmico e sócio efetivo, honorário e correspondente dos mais destacados grêmios literários e científicos do Brasil e do exterior. Legítimo legatário dos atributos mais valiosos dos seus maiores, vem, desde algum tempo, por esse Brasil afora, espalhando um pouco do seu muito saber e abalizada cultura na divulgação das sadias idéias de um melhor comportamento moral e cívico da população estudantil brasileira. Nessa pregação, que o fez conquistar a Presidência da Comissão Nacional de Moral e Cívica, por seus méritos reconhecidos e legítimos, tem percorrido diversas unidades da Federação e publicado obras de grande valor e do conceito universal. Prolongam-se nele as virtudes de uma ancestralidade em que nunca faltou a boa disposição para a prática do bem.

Nas palavras de Carlos de Laet, as quatro filhas do Dr. Leandro foram “angelicamente femininas e completaram o quadro do seu pacífico viver doméstico”.

O Boticário Ferreira, perfilhando os desamparados e desprezados de sua terra de adoção, compensou-se da falta dos continuadores de seu sangue. Ao morrer, legou um terço de seus bens aos afilhados desfavorecidos.

Como o Dr. Leandro, recebeu na última homenagem prestada pelos inumeráveis amigos, a consagração que merece uma vida dedicada ao bem do próximo e da Pátria. Aos

pósteros, legaram as suas maiores riquezas, que foram os exemplos de suas vidas, as lições que nenhum livro pode transmitir. O testemunho dos seus contemporâneos que sentiram as influências de seus caracteres bem distintos da maioria dos demais, dá a prova cabal do elevado conceito em que sempre foram distinguidos pelos coetâneos.

Não tive o prazer de contemplar uma fotografia do Dr. Leandro; mas de pessoas que com ele privaram recebi tais informações que me permitem traçar um perfil humano e espiritual do grande brasileiro. Harmonioso no conjunto, bondoso na expressão, sábio nas palavras, comedido nos gestos, agradável na placidez fisionômica e na manifestação de seus sentimentos. A personificação mesma da bondade. O seu amor pelas crianças fazia-o tornar-se também criança, quando no meio delas, e pouco diferia na alegria do encantamento que elas lhe ofereciam.

Neste esboço desprezioso, nota-se o paralelo de duas vidas, distintas e diversas nas contradições de seus nascimentos, no desacordo do desenvolvimento e evolução social, mas similares, irmãs nos efeitos de seus misteres e no alcance de suas aspirações. Fazendo e propugnando o bem, elevaram-se às alturas dos puros, dos mansos de coração, dos eleitos, dos que entenderam a vontade e a Mensagem do autor do Sermão da Montanha.

Os seus nomes, gravados hoje nas Praças e ruas das cidades onde operaram suas benemerências, são recomendações dessas duas personalidades que se tornaram meritórias da exaltação pública. Revivendo aqui algumas das mais destacáveis características do Boticário Ferreira e do Dr. Leandro Monteiro, o nosso desejo é de que tais exemplos sejam aplicados na formação dos jovens do nosso tempo, para que encontrem neles a razão da busca de um melhor proceder e de aperfeiçoamento de vida. Na dignificação pelo trabalho, no respeito à pessoa humana, na solidariedade mútua e desinteressada, ressurjam novos Ferreiras e Drs. Leandros capazes de exemplos que reergam, de ações que honrem e de gestos que sublimem.



NR — O Dr. Leandro Bezerra Monteiro é primo do General Raimundo Teles Pinheiro e seu Patrono na Cadeira n.º 12 do Instituto Cultural do Cariri e avô do Ministro Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes, ex-Presidente do Superior Tribunal do Trabalho e atual Presidente da Comissão Nacional de Moral e Cívica, bem como Professor Universitário.

(*TRIBUNA DO CEARÁ* — 27. Nov. 1976)

## No Centenário de Fernandes Távora

*Antônio de Alencar Araripe*

“Ficai na certeza de que é muito difícil ser, sempre, o mesmo homem” (Francisco Otaviano, em discurso na Câmara, em 11.12.1864).

A ampulheta do tempo registra, hoje, a passagem do século de nascimento, na Fazenda Boa Altura, de Jaguaripe, do notável homem de Estado, cujo nome parlamentar se acha enunciado na intitulação do presente bosquejo.

Como um dos mais antigos e dedicados amigos e admiradores, sobreviventes, de tão destacado conterrâneo, estimaríamos ter tido a oportunidade de nos pronunciarmos, pela imprensa, sobre seus méritos, atributos e atitudes, ao ocorrer o respectivo trespassse, a 23 de setembro de 1973, mas, infelizmente, devido à ausência desta capital, se tornou impossível satisfazer tal pretensão.

Atendendo à notoriedade da grande e recíproca estima, que há mais de meio século mantínhamos, poder-se-ia in-

---

(Trabalho do dr. Antônio de Alencar Araripe, inserido em O POVO, no dia do centenário de Fernandes Távora, e lido por J. Lindemberg de Aquino, a seu pedido, na Sessão Solene, do Instituto Cultural do Cariri, no auditório da Faculdade de Filosofia do Crato, em 12.05.77, quando o ICC comemorou o centenário de tão ilustre brasileiro.)

quinar de suspeito, pela relação do afeto, o depoimento que ora oferecemos, a propósito de alguns aspectos de sua gloriosa existência.

Vivemos num país, como observa o historiador José Honório Rodrigues, onde as considerações afetivas complicam a direção dos negócios públicos, e daí o filhotismo, o nepotismo, o genrismo e outras formas comuns de favoritismo ligadas aos personalismos.

Sobre o mesmo assunto, lê-se nos *Problemas da Política Objetiva*, de Oliveira Viana, "ser deplorável o pendor amigüeiro, parenteiro e camaradeiro, que influencia nossos homens públicos, a ponto de fazê-los agir em sentido contrário às graves razões de Estado, ao sentimento dos interesses coletivos ao dever de respeito à lei e à magestade da Justiça" (3.<sup>a</sup> edição, pág. 92/3).

Na hipótese em apreço improcede, a todo ponto, a idéia de suspeição de nosso desprezioso pronunciamento, ora vindo a lume, uma vez que se trata de exaltação de homem público, julgada, sem a mínima discrepância, por seus contemporâneos, como legítimo porta-voz das qualidades peculiares ao estadista do feitio moral de Feijó, quais sejam: consciência cívica, inteligência, firmeza de convicções, clareza, energia, honestidade, e, acima de tudo, um caráter ímpoluto, este, o primeiro e principal requisito para homem de governo.

A esta altura, é óbvio acentuar, inexistem novos aspectos a serem revelados, ao se traçar o painel da heráldica figura do autor de *Algo de Minha Vida*, de *Idéias e Perfis* e outras preciosas publicações.

Por isso, limitamo-nos a aludir a algumas circunstâncias, que, pelo menos, podem servir para dar maior clareza e expressão à história de sua existência.

Escreveu Fernandes Távora possuir "a consciência de nunca se haver desviado das normas da dignidade e do dever" (*Algo de Minha Vida*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 30).

O Senado da República, ao proclamá-lo, sem reservas, pela voz de um dos seus mais ilustres membros, o senador gaúcho Mem de Sá:

“exemplo feito para os Senadores atuais, para os Senadores que não de vir e para as gerações do Brasil”, atuais e vindouras, sem dúvida ratificou, implicitamente, a convicção íntima do parlamentar cearense, sobre sua retilínea conduta.

### O HOMEM DE BEM

Não se sabia, em Fernandes Távora, como se ignorava, em Silveira Martins, segundo seu biógrafo Pedro Jacques, onde acabava a vida pública e começava a vida privada, tanto aquela invadia e subjugava esta.

Os comentários, adiante transcritos, feitos a propósito do condestável gaúcho, aplicam-se ao estadista cearense em apreço:

“Durante quase meio século, a atividade particular do grande cidadão confundia-se com sua ação pública. O crítico encontrou sempre dificuldades em distinguir-lhe os atos privados dos atos públicos, tão intimamente ligados se lhe apresentam. Não conheceu, esse homem extraordinário, a ambição pessoal, o egoísmo. Nenhum outro interesse, que não o coletivo, lhe movia o pensamento e a atividade. Era eminentemente altruísta.” (*Gaspar Silveira Martins*, pág. 221).

Homens desse elevado porte, que se identificam quanto ao comportamento na vida pública e particular, raramente são encontradiços em nossas tradições históricas.

O que nelas, infelizmente, se registra, é o fato de apregoados guardiões da pureza do regime, em nome de sua qualidade de “homens de partido”, se entregam “às mais im-

prudentes concessões, para satisfazer às exigências da política”, consoante a observação feita pelo sociólogo Oliveira Viana, em suas *Instituições Políticas Brasileiras*, v. II, pág. 31.

Temos aí o evidente caso dos portadores de virtudes públicas, que não têm precedentes em virtudes privadas, e que, como tais, com o apoio de Saint Simon, chama Viana Moog, em seu livro, *Em busca de Lincoln*, de “virtudes de teatro” (pág. 60).

No que toca a essa duplicidade de caráter do político, chegou-se a indagar, no sul do País, como poderia um militar trocar a sua independência pela dependência das transações da politicagem, trocar a linha reta e indivisa, que a investidura militar traça ao soldado, pela triste linha tortuosa, que as ambições impõem às camarilhas sem programas e aos corrilhos sem bandeira, e trocar sua moral íntegra e firme, fundada no dever, na disciplina, na justiça, por essas duas morais paralelas da vida demagógica — uma moral no lar e na vida íntima e outra moral na vida pública, uma, condenando as traições na vida doméstica, e outra, aconselhando, tolerando e praticando todas as mistificações e todas as deslealdades na existência partidária. (Barbosa Lima Sobrinho, *Presença de Alberto Torres*, pág. 290/91).

Fernandes Távora jamais utilizou, nas atividades políticas, os habituais processos de mistificação, de insinceridade, de deformação da verdade, através do emprego de formas maquiavélicas, das promoções pessoais, mormente feitas à custa do Tesouro, de austeridade de fancaria.

Constituiu-se, realmente, a antítese desses “fariseus fascinados com a caiação dos seus sepulcros”, que tanto abundam na vida da República brasileira.

Foi ele sempre, em um ou outro campo de ação na tormentosa existência, o mesmo homem austero, adverso aos enredos e subterfúgios, e que invariavelmente agia sob a inspiração exclusiva do amor à Pátria, à causa pública, podendo, portanto, proclamar com as palavras com que tanto acerto lhe pôs nos lábios exímio biógrafo: “continuo como

comecei, acima de um meio político ávido e agoista em torno dos seus interesses pessoais e do poder, em que transigir e curvar-me eram imposição para sobreviver.”

## POLÍTICO IDEALISTA

Assinala-se que a política, no Brasil, é menos serviço público do que meio de vida privada. Nele se vive da política, e não, como ocorre em nações de maior desenvolvimento cultural, para a política; ali se disputa o governo para realizar idéias, aqui se faz para colher os proventos pessoais que proporciona.

Nossos homens públicos, alçados às cúpulas da administração, via de regra comportam-se de “forma disvirtuosa e aberrante”, porque se prendem aos interesses pessoais e de família, ou de clã, em vez de se inspirarem nas pretensões da coletividade.

Depõe, sobre o baixo nível da nossa vida partidária, Alcides Carneiro, brilhante parlamentar paraibano:

“Incursionei na política onde os homens me ensinaram o caminho do inferno e o estilo do diabo. Aprendi depressa, mas depressa enjoiei. Ela não é, senão para muito poucos, a arte humana de trabalhar pelos outros. De qualquer forma, para se vencer, politicamente, é preciso enganar muito e mentir outro tanto. No começo, há engulhos. Depois, o estômago aceita. A natureza é sábia e os homens sabidos.”

Essa política da nossa tão malfadada velha e nova República, caracterizada pela profunda vacuidade, falta de motivação coletiva de seus vultos mais representativos, jamais poderia constituir ponto de atração para homem do porte cívico e moral, como Fernandes Távora, que nunca dobrou a cerviz ou implorou misericórdia aos homens do poder,

apesar das “decepções e amarguras, perseguições e derrotas sofridas”.

Infenso às atividades da “pequena política”, tão abominada por Joaquim Nabuco, como esta, Fernandes Távora vivia da “política com P grande, que é história” e onde o partícipe sempre se envolve em algum “magnete moral” (*Minha Formação*, págs. 33/66).

Quem nunca foi visto, por seus companheiros de estreita convivência de meio século, “tergiversar ou mentir” (*Algo de Minha Vida*, pág. 35) é natural que agora se julgue ter deixado um exemplo “difícil de ser seguido” (*Aderbal Sales*, cit. pág. 41).

No Brasil, cada vez mais rareiam homens dessa felpa, a exemplo de que, Fernando de Azevedo, se honrem de proclamar: “o que eu queria era ser eu mesmo, sem dissimulações.” (*História de Minha Vida*, XIV).

Se outrora, entre nós, abundava a mentira oficial, a mentira ministerial, a mentira parlamentar, a mentira diplomática, a mentira pública e a mentira privada, conforme o testemunho de Tavares Bastos (*Cartas do Solitário*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 321) hoje é certo que a mentira campeia com a maior desenvoltura, mormente nos círculos oficiais.

Não foi comum, ao meio em que viveu, a forma pela qual aquele vexilário da firmeza de ação e da verdade ditou seu comportamento, nas diversas fases das alternativas de sua militância na vida partidária. Afirma-se que a ação do político é meritória à plenitude da vida do Estado, mas como o centro da gravitação das atividades dos partidos deve ser o das idéias, jamais o das pessoas ou dos postos, torna-se indispensável que os políticos tenham crescente autoridade moral, ganhando, irrestritamente, a confiança pública.

Não se envolveu o magno filho de Jaguaribe na política partidária, porque lhe ignorasse os vícios e mazelas de que, no País, se revestem suas atividades, ou porque dela esperasse qualquer proveito pessoal.

Juízo acertado sobre os danosos efeitos da política, já emitira em memorabilíssimo ensaio intitulado “Eternos Su-

pliciados”, inserto na *Folha do Povo* de 14.07.1914 e em *O Povo* de 15.04.72, onde se lê:

“A política, essa devassa barregã sem entranhas, de ventre estéril, que entre nós nada constrói e tudo devassa, sempre nos foi maior calamidade que todas as secas, culminando com esgarras de feroz impudícia, os nossos infortúnios.”

Escreveu ele que “não sentia qualquer propensão para a política”, onde sempre se sentiu “um corpo estranho pela dificuldade de adaptação, e nela entrou, atendendo, tão-somente, às razões do coração, e que, na mesma enredado, “sofreu as conseqüências de um ambiente adverso e daí a série imensa de obstáculos e contrariedades que o torturaram por mais de meio século”.

Para se ter uma lembrança da repulsa que provocava a política então exercitada no País, rememoremos conceitos emitidos por Rui:

“Nossa política é cada vez mais mesquinha e imprevidente. Só as questões de bairro nos movem e apaixonam. Toda a seiva de nossa inteligência e de nossa energia se esvai, nos combates de personalidades, toda a atividade de nossa administração no manéio dos expedientes, toda a capacidade dos nossos estadistas na intriga, na astúcia, na cabala, na vingança, na inveja, na condescendência com o abuso, na salvação das aparências, no desleixo do futuro. Dos problemas econômicos ninguém cuida seriamente. Dos morais, seria risível esperá-lo. Funciona cada vez mais franca a mentira eleitoral, para entregar o governo, em todos os graus de sua jerarquia, às incapacidades mais notórias, é o que se quer. Na defesa do país, ninguém pensa.”



Damos nosso testemunho pessoal, como partícipe em várias lutas em que se envolveu Fernandes Távora, na defesa dos direitos de seus correligionários, sobre a forma destemida com que enfrentava os arreganhos dos donatários absolutos do poder.

Vivíamos, antes do evento de trinta, sob disfarçado regime ditatorial, que, por “eufemismo intolerável”, se cognominava de “legalidade”.

As eleições, feitas a bico de pena, não passavam de mero simulacro.

Os homens da situação trancavam as urnas e forjavam, a bel prazer, as atas falsas, em que só se davam como eleitos os adeptos do situacionismo.

Lutar na oposição, sem garantia para os sufrágios, era nadar contra a correnteza, sem nenhuma esperança de conquistar o Poder.

Foi em meio a essas dificuldades, a bem dizer, irremovíveis, que Fernandes Távora entendeu de percorrer, quase sempre a cavalo, grande parte do interior, convocando os homens de boa vontade e de amor à Pátria, para reunir forças e combater a usurpação dominante.

Organizou um partido político, montou jornal para dar combate aos usurpadores das posições, estimulou protestos e representações contra a violência e a fraude, e apresentou-se até na Comissão de Verificação de Poderes, do Rio, no intuito de evidenciar as ilegalidades praticadas em um pleito, e clamar pela cessação de tal estado de cousas.

Seus amigos tinham todos os direitos negados, a cada instante. Assassínios, desacatos pessoais, violências, espoliações, tudo praticavam contra seus correligionários, mas o chefe ali estava sempre, de viseira erguida, para condenar os desmandos e imputar a responsabilidade aos governantes.

Luta tenaz, impávido, sustentou Fernandes Távora contra os usurpadores do poder, naqueles remotos tempos, de que só nos libertamos com a instituição, sob a égide da Revolução de Trinta, da Justiça Eleitoral.

## O LÍDIMO PATRIOTA

No rápido período da gestão governamental (8 meses) nos mandatos políticos (Assembléia, Câmara dos Deputados e Senado da República) no desenvolvimento da ação partidária, em todos esses setores da vida pública, Fernandes Távora revelou-se, invariavelmente, o patriota da melhor estirpe, consagrado, antes e acima de tudo, aos altos interesses da comunidade.

Combateu denodadamente os desmandos e as malversações da Pátria velha, da ditadura getuliana e dos maus governos, que se têm sucedido no poder, em nossa Pátria.

Elevado ao poder, em algumas oportunidades, no exercício das funções que lhe foram cometidas, revelou excepcionais aptidões. Deputado eleito para as Assembléias Nacionais Constituintes de 1934 e 1946, coube-lhe participar, nas mesmas, como um dos principais líderes da memorável campanha para a redistribuição das rendas nacionais, de modo que os Estados e Municípios interioranos delas viessem a participar, saindo da situação de penúria financeira em que se debatiam.

Sua atuação, nesse tocante, em defesa dos interesses das aludidas edildades, foi de inestimável relevância, conforme se pode constatar, consultando os Anais das citadas Assembléias.

Discursos e emendas, bem fundamentadas e convincentes, ali se encontram, evidenciando a afirmativa. Por sua vez, o ruidoso caso da Itabira-Iron, que envolvia altos interesses da Nação, e o problema da libertação do Nordeste dos efeitos da seca, mediante o represamento e a utilização das águas pluviais, mereceram seus constantes e frutuoso cuidados.

Isso indica que não foi desarrazoado o aparte do Senador Jefferson de Aguiar, quando lhe atribuiu "ardor patriótico" em todos os momentos de sua atividade parlamentar, de modo a se constituir "um exemplo raro no parlamento brasileiro".

Li, algures, que os grandes homens públicos, por sua reputação, constituem o patrimônio moral de uma Nação, e que seu culto constitui uma virtude.

Diz-nos melhor Belmiro Valverde, nos *Aspectos da Vida do Brasil*, pág. 323:

“Os pensadores e moralistas nos diziam que o nome e a memória dos grandes homens são o dote de uma Nação”, e Smiles nos repete:

“O espírito de um grande pensador, permanece durante séculos na lembrança dos homens e acaba por fazer parte de sua vida e dos seus hábitos.”

Aqueles que fizeram da liberdade — uma religião; do patriotismo — um culto; da verdade — um evangelho, como os ínclitos conterrâneos com que o Município de Jaguaribe dotou o país: Manoel, Joaquim, o Tiradentes da Revolução, Juarez, Ademar e Fernando do Nascimento Fernandes Távora — pertencem, incontestavelmente, a essa gloriosa plêiade de homens públicos, que merecem o nosso profundo respeito e calorosa admiração.

É muito difícil ser sempre o mesmo homem, como sustenta Francisco Otaviano, estadista de relevo no regime passado, mas, na realidade, Fernandes Távora nunca diversificou, na prática dos atos de sua vida pública e particular: conservou-se, invariavelmente, íntegro, franco, leal e sincero”.

## Dr. Távora e o Crato

*J. Lindemberg de Aquino*

Quando o Ceará e o Brasil festejam, neste 21 de março de 1977, o primeiro centenário de nascimento do senador Fernandes Távora, Crato também se associa a essas comemorações. E com muito orgulho. Em determinadas fases de sua vida, ele esteve ligado a nós aqui, estudou, aqui exerceu suas funções de médico, aqui veio muitas vezes em pregações políticas de nobres ideais.

Fernandes Távora tinha especial adoração pelo Crato, e do Crato diria, certa vez:

“Em dois séculos de vida autônoma, muito já fizeste, cidade honrada e valorosa, pelo teu progresso e pelo bem da Pátria. No passado, lutaste bravamente pelo ideal de justiça e de liberdade, pelo qual se sacrificaram alguns dos teus melhores filhos. E se, naqueles tempos, núbilos, só te coube o quinhão de lágrimas e sangue, vingado foste pela História, perenizando em suas páginas tua glória imortal!”

Coube-lhe saudar Filemon Teles, quando o velho cacique da política cratense completou 80 anos, e recebeu consagradoras homenagens de todo o Ceará. Disse, então, entre outras cousas:

“Correligionário e amigo indefectível, nos dias felizes ou nubilosos, é sempre com orgulho de desvanecimento que te vejo ao meu lado, nas pugnas incessantes pelo bem da nossa terra. Nesses momentos em que nosso espírito procura atin-

gir as alturas supremas em que pairam os destinos da Pátria, ressurgue aos meus olhos a figura encarnada de honra e de bondade daquele que te ensinou a ser também honrado e bom, que foi teu Pai.”

Coube a ele saudar Nilo Peçanha na sua visita de candidato Presidencial ao Ceará, e di-lo J. C. de Alencar Araripe: “a oratória política tem entonos de rara beleza na saudação a Nilo Peçanha, quando de sua visita ao Ceará”.

Homem de uma fortaleza de corpo e de espírito realmente admiráveis, já morreu perto dos 100 anos.

Médico, jornalista, deputado estadual, interventor do Ceará, deputado federal, senador da República, viu o filho Virgílio ser ministro, participou de três gerações, pois tanto atuou na campanha civilista de Rui Barbosa, como na de Paulo Sarasate, há poucos anos.

Nunca se ouviu, de qualquer dos adversários, mesmo no calor dos embates violentos da política, qualquer expressão de despreço à sua pessoa ou de diminuição ou amesquinha-mento de sua honorabilidade. Em tudo e com todos se conduziu com aprumo e com galhardia, honrando o clã dos Távoras, família que deu ao Ceará e ao País muitos vultos ilustres.

Intelectual dos mais brilhantes, sua presença na Academia e no Instituto do Ceará foi marcada pela beleza de suas produções, discursos, artigos, estudos, análises. Uma dessas ficou célebre; foi sobre o estado psíquico do padre Cícero Romão Batista. Sua tese em Medicina foi sobre Telepatia, avançando, em anos, o estudo dessa área científica ainda hoje pouco conhecida.

Enfim, um homem completo, sob todos os aspectos, e que, na lhaneza do trato e na fidalguia do relacionamento, tinha especial destaque, estivesse onde estivesse. Um homem que honrou sua grei familiar e política e seus coestaduanos cearenses.

Conheci-o ainda forte e lúcido. De uma jovialidade encantadora. Cabelos brancos a cobrirem-lhe a cabeça alta e desempenada. Porte erecto de deus grego, palestra de conta-

gigante beleza. Era, para todos os efeitos, o “Dr. Távora”, que os cratenses mais antigos, da geração que me precedeu e da outra anterior, conheceram pelos laços de ligação que tinha com o Crato. Nosso conhecimento foi em plena luta política, quando ele ajudava, como podia, na campanha de Edgar de Arruda ao Governo do Estado, campanha que redundou em insucesso devido ao rolo compressor da simpatia e do dinamismo que representavam a imagem de Raul Barbosa, afinal, ganhador do prêmio.

Dr. Távora e Edgar de Arruda eram amicíssimos, e, creio, foram até colegas de Faculdade. Edgar, depois, fora eleito deputado e senador, e, do campo político ao Távora, onde estivera, voltou à antiga e sólida amizade que somente a morte de Edgar iria interromper.

De Edgar diria Dr. Távora, ao tomar conhecimento do seu falecimento:

“Como advogado, foi um belo exemplo de competência e correção; como político, logrou atravessar, incólume, essa área perigosa, sem ser atingido pelos salpicos de lama que constituem o triste ornamento dos que se omitem na defesa imprescindível e constante da honra e da dignidade, sempre visadas pelos que nelas não crêem e vivem a insultá-las.”

Belas palavras, que se aplicariam, também, ao seu autor!

Fernandes Távora, em todos os aspectos que se possa analisar, de sua multiforme personalidade, extravasou os conceitos de correção, de dignidade e de nobreza. Como estudante, foi exemplar, no Seminário do Crato, dizia Dom Quintino, que fora seu reitor naquela Casa de ensino, e, depois, primeiro bispo do Crato.

Como médico, um homem devotadamente dedicado à sua profissão, e Crato muito se honra de, nesta nobre e augusta cidade, que ele tanto amava, haver iniciado aquela carreira.

Sua irmã mais velha, Benigna, era casada com o cratense Augusto Bacurau, o mesmo Augusto Bacurau que, ferido de morte, numa serenata, pelos sicários da polícia particular do cel. Belém, foi atendido e medicado pelo Dr. Tá-

vora, no seu consultório, altos do edificio onde hoje funciona a loja Dolores Tecidos. Távora teve parte discreta nessa luta, para derrubar o oligarga e prepotente Prefeito do Crato, que se eternizava no poder...

Como médico, curou e assistiu a dezenas e dezenas de pessoas do Crato antigo, deixando fama de homem sábio e competente.

Depois, vieram as viagens à região do Amazonas, as excursões ao exterior, os cursos, depois, a Política, que ele abraçou com todo o amor dos corações inflamados pelas nobres causas, e soube honrar, e soube dignificar, dela saindo com menos ilusões, é certo, mas com um naipe de belas vitórias.

Era esse o Dr. Távora — Manoel do Nascimento Fernandes Távora — cujo centenário estamos a comemorar. Poucos cearenses terão sido tão dignos e retos, e cultos e nobres, como ele o soube ser. Deus o tem no seu santo regaço.

## O Sono

*Pe. Antônio de Alcântara*

A pesquisa que ora empreendemos é das mais difíceis. Temos de abordar algumas facetas do problema, cautelosamente. Analogicamente direi que pisarei neste terreno, como os primeiros astronautas pisaram o solo da Lua: apalpando.

### *Noções gerais*

O Sono, o Sonho e a Insônia constituem a mesma família. Aqui nos fixaremos apenas no SONO.

Freud se celebrou pelo estudo dos SONHOS. Considerou-o como uma liberação das energias *idistas*, forças instintivas aquarteladas no *id* e projetadas através de símbolos no campo onírico.

A *insônia* nada mais é do que a dificuldade ou a impossibilidade de dormir. O estudo dos Sonhos e da Insônia virá noutros capítulos.

Quanto ao SONO, tem sido difícil dizer o que ele é. No entanto será dele que pretendemos falar aqui.

Para não pensarem que nos limitamos a fuçar num monturo ultrapassado, queremos apresentar uma pesquisa recente de Beechan, que anunciava, em 1975, uma "Nova Ciência do Sono Natural".



Lemos atentamente seus três primeiros fascículos e não conseguimos ver aonde o autor queria chegar.

Em resumo, dizia:

a. — “o sono, em geral, foi e é considerado como função normal do corpo e tão importante quanto a respiração e o comer”;

b. — “apesar de todas as especulações através dos séculos, o Sono ainda permanece um mistério”;

c. — apesar dos esforços e pesquisas dos cientistas, “muito falta ainda para proporcionar uma melhor compreensão da natureza do sono”;

d. — “parece impossível acreditar que saibamos tão pouco do que acontece durante este período de repouso”;

e. — afinal, uma observação curiosa: “duas pessoas não têm o mesmo tipo de sono”.

Depois de analisar estes cinco itens, pudemos concluir que resultaram inúteis os esforços de Beechan por abrir novos caminhos à pesquisa sobre a cousa do sono, apesar da sua manchete: — *Nova ciência do sono normal*.

Não encontramos nada de novo, nada de positivo sobre o momentoso problema. O cientista fez um grande esforço por atingir seu objetivo. Empregou a técnica e seus conhecimentos da bioquímica. Traçou esquemas complicados, que pareciam esquema de um grande sonho. Jogou com as siglas REM e não — REM, no louco intento de vislumbrar uma pista do sono normal. Falou de parâmetros, de ondas *alfa*, da família das ondas *beta*, *gama* e *delta*. Jogou também com as complicadíssimas siglas EEG, EOG, BRAC etc. Falou das aminas, da serotonina, da noreplepsia, numa maravilhosa demonstração de técnica dos conhecimentos matemáticos, geométricos, químicos e bioquímicos. Deixou muita gente em jejum quanto ao significado da *norepinefrina*. Nada me pareceu esclarecer a causa do sono normal.

Beechan disse, num ligeiro esboço histórico, que há três teorias empenhadas no assunto:

1.º — *teoria neuronal*, baseada na descontinuidade anatômica dos neurônios, na sinapse e na retração dos dendritos (como veremos);

2.º — a *teoria da Isquemia cerebral*, baseada na fadiga dos centros motores, melhor vasomotores, com a conseqüente dilatação dos vasos periféricos, mecanismo responsável pelo sono;

3.º — *várias teorias químicas*, cuja evidência merece contestação, apesar de se fundarem na depressão verificada no córtex cerebral.

### *Aparelhos técnicos*

Na coleção *Saúde Física e Psíquica* (I), 6 psicólogos afirmaram que, para os fenômenos do sono, inventaram um aparelho denominado encefalógrafo, que funciona com o auxílio de *eletrodos* fixados em determinadas zonas do cérebro, para registrar as delicadas correntes elétricas, produzidas pela atividade do cérebro durante o sono.

Outros cientistas falam de um aparelho russo, crismado de cefalógrafo, ou posturômetro, destinado a registrar as oscilações do estabilímetro (2).

Como quer que seja, estes aparelhos se limitam a verificar os fenômenos que se passam no homem, enquanto ele dorme, mas nada dizem da causa do sono.

A descoberta da causa do sono permanece envolta no mistério. E o que é mais cabuloso é que se trata de um fato comesinho, do dia-a-dia, de todo o mundo.

### *Estágios, espécies e qualidades do sono.*

Os aparelhos acima indicados registram 5 estágios, 2 espécies e 2 qualidades de sono.

## 1. *Estágios:*

a. — 1.<sup>o</sup> sonolência, cochilo, posição intermediária entre o sono e o estado de vigília; os músculos se destendem, as palpitações do coração se abrandam; a pessoa fica flutuando: é o estado hipnóide, caracterizado pela atenuação dos processos intelectuais e pelo obscurecimento da inteligência e da consciência;

b. — neste 2.<sup>o</sup> estágio, o aparelho descreve uma linha plana, apagando os vestígios do 1.<sup>o</sup> estágio como na fita do gravador; os olhos ficam semi-fechados, embora a pessoa nada enxergue e, se acordar, tem a sensação de não ter dormido;

c. — neste estágio, os músculos ficam inteiramente relaxados, o coração bate cada vez mais brandamente; a temperatura baixa e a tensão arterial desce (eis porque alguns cardíacos, por vezes, morrem à noite); então aparecem os sonhos e a pessoa fica a caminho do sono reparador e profundo;

d. — neste estágio, a pessoa fica inteiramente inconsciente e quase insensível aos ruídos, e, para despertar, é preciso um choque mais forte, ou provocar um novo ambiente, por exemplo, abrir uma porta, fechar o quarto, acender uma luz, derramar um perfume mais forte no quarto ou ligar um rádio etc.

e. — este estágio se confunde facilmente com o anterior, pois entre ambos a diferença à apenas de intensidade; chegamos assim ao sono profundo, ao repouso completo, necessário à restauração das forças e de todas as energias psicossomáticas e térmicas.

Em conclusão: reputo verdadeira estupidez afirmar: cada noite você joga fora 8 valiosas horas de sua vida. (3)

As oito horas de sono do adulto constituem 1/3 do dia destinado ao sono. São horas preciosas, indispensáveis à conservação da vida, da saúde e das forças físicas e intelectuais. Todos os psicólogos estão de pleno acordo. Quem vive 60 anos, dorme 20 anos. Quem vive 90 anos, dorme 30 anos etc.

## 2. *Espécies de sono*

a. — aquele sono que refreia o psiquismo, deixando-o como inativo, conservando o tonus muscular no mesmo ritmo enquanto os glóbulos oculares ficam imóveis; esta primeira espécie de sono ocupa cerca de 70% do tempo que dormimos;

b. — caracteriza-se esta segunda espécie por um movimento aparentemente desordenado dos olhos; ocupa cerca de 30% do resto do tempo do sono.

Estas duas espécies se alternam durante o sono; daí o tal de sono REM e não REM de que falou Beechan.

Surgem, então, duas opiniões. Uns dizem:

*O sono mergulha a gente como em água cristalina, espelhando a areia branca do fundo.*

Outros dizem: — o sono é como um mar tormentoso, açoitado, continuamente, pelas ondas psíquicas, arremessadas do mais profundo do inconsciente, indo e vindo à tona, em intervalos irregulares.

Mas parece que estes dois conceitos de sono não correspondem à verdade, porque aquilo que se destina ao repouso e restauração de forças, não pode perturbar o psiquismo, cansando a alma.

## 3. *Qualidades de Sono*

Há um sono ruim e um sono bom. Quem dorme mal, fica mais perto da vigília. Quem dorme bem, repousa profundamente e sente em si mais saúde. A alternativa entre o bom e o mau sono revela certa instabilidade da saúde mental e física.

A tensão nervosa responde por estas alternativas.

A sensibilidade ferida dói mais do que qualquer ferimento corporal.

A dor do espírito é mais pungente, mais inquietante e dolorosa.

Pior ainda é que a dor do espírito, por ser interna, ninguém pode testemunhá-la e o sofredor fica a se aguentar sozinho. Não tem com quem se desabafar.

Quem dorme parece morto. Mas todos procuram dormir e, quando o sono demora, procuram tomar um *drink*, outros um copo de leite, ainda outros, um chá ou um banho frio.

Uns dormem na escuridão completa, outros ao bruxulear de uma luz fraca. Ajuda muito a dormir bem ouvir uma música romântica, fazer uma boa leitura.

Contrastando com estes caracteres, há outros que dormem no meio do barulho ensurdecedor, perto de uma estação de ferro, ouvindo apitos de máquinas, ruídos de locomotivas em manobra num ranger estridente e áspero de vagões, atracando uns nos outros. Há quem durma perto de um aeroporto, ouvindo o estridor atroante de aviões a jato, ao decolar e aterrissar.

Tudo isto acontece durante o sono, conforme o temperamento, a estrutura nervosa e o grau de saúde da pessoa. Deve-se levar em consideração a constituição física e psíquica de cada um. Não somos todos iguais. Impossível é especificar as condições do bom e do mau sono.

Depois destes estudos preliminares e de todas estas considerações, que configuram as diversas situações em que se verifica o sono, perguntamos:

Que é cair no sono? É dormir de repente, dentro de poucos minutos, pelo afrouxamento dos nervos, dos olhos e de toda a sensibilidade, bloqueando os sentidos internos e externos, embora as funções fisiológicas fiquem inalteráveis. O coração, os pulmões, o pâncreas, os rins, a digestão e demais atividades corporais continuem seu trabalho na quimificação dos alimentos, na propulsão do sangue, e nada se perca do grande laboratório das glândulas de secreção interna e externa. Aquele que parece morto, está vivo.

## CAUSA DO SONO

Agora vamos mergulhar no âmago da questão. Este mergulho não pode ser feito de repente. Ainda temos alguma coisa digna de consideração.

O sono é o gênero, pois temos o sono natural e o sono induzido.

O sono induzido é artificial, produzido por drogas, entorpecentes variados, produtos neurolépticos, como as anestésias. Tanto a anestesia geral, como o "raque", provêm de um agente externo. O sono natural não precisa disto. Ele vem naturalmente, conduz a pessoa ao repouso gostoso do metabolismo orgânico e de todas as funções psíquicas, mais conscientes. Este é o sono de que falamos.

Só agora fiz a distinção entre estes dois tipos de sono. Julguei mais oportuno fazê-la aqui, quando ia tentar pesquisas *a causa do sono natural*, sono suave e salutar, sono saboroso e necessário, sono que dá alegria de viver.

Vamos devagar. Urge dedicar ainda algum tempo à consideração do sono induzido, porque entre ele e o sono natural, há muita diferença.

No sono induzido, o mais importante não é a pesquisa da causa, mas dos efeitos.

Segundo testemunha de anestesistas, eles, como técnicos, aplicam seu produto no organismo do paciente, desconhecendo o motivo do sono. Só lhes importa é saber quais os centros nervosos que bloqueiam com suas drogas. A técnica do anestesista é ter conhecimento exato dos efeitos das drogas, sem se incomodar com por que de tais efeitos.

Numa anestesia, os agentes neurológicos ou químicos embotam a sensibilidade, bloqueando os centros nervosos... O anestesista aplica seu produto, ignorando, por vezes, as razões dos seus efeitos hipnógenos.

O anestesiado pode sentir a primeira picada da agulha, depois dorme profundamente, estirado na mesa de operações. O médico corta à vontade, indiferente à sangueira, certo de que seu paciente nada sente.

Eu já fui anestesiado duas vezes. A primeira foi uma anestesia geral e a segunda foi um “raque” (de raquidiano). Esta, apesar de parcial, tem seus inconvenientes. O anestesiado fica meio acordado e o operador não deixa seu paciente ver nada, colocando uma tela diante dele. Depois da operação, fiquei chateado. Via meus pés e minhas pernas. Apesar de meus, não conseguia governá-los, enquanto não passasse a ação psicoléptica da lidocaina. Vivamente impressionado, quis ver na anestesia um roteiro para descobrir a causa do sono (1).

### *Valor do sono*

Nada mais agradável do que dormir bem. A falta do sono nos deixa esgotados; sentimos o organismo deprimido; emagrecemos rapidamente e a saúde periclita. Este depauperamento chega a ponto de não ser mais possível resistir.

O sono, portanto, fica entre os fenômenos vitais, isto é, ou dormimos, ou morremos. O sono sem fim se encontra com a morte. A eterna vigília tem o mesmo efeito.

Vejo, no motor da geladeira, uma expressiva analogia com a articulação do sono no embalo da vida. Assim como o motor precisa de desligamento automático, para descanso, assim também o corpo. Ele precisa do desligamento dos fios da sensibilidade e da corrente emocional, para poder suportar a vida. E o sono, não somente descansa todo o organismo, como refaz as energias psicossomáticas e mantém um ritmo saudável nas calorias.

### *Metabolismo orgânico*

Na enciclopédia *Livro da Vida* lê-se a seguinte descrição das maravilhas do nosso organismo:

— “as unidades básicas do organismo, especialmente do cérebro e do sistema nervoso são as células nervosas, batizadas de neurônios.” (Ib. vol. 3, pp. 66-71).

Passa em seguida a esta belíssima comparação do cérebro com os computadores:

— “um computador, com seu equipamento, pode ocupar várias salas, com algumas centenas de milhares de peças, além de outras tantas instalações elétricas. Tem capacidade para realizar mais de 4 milhões de somas só com 36 algarismos em um só segundo. Uma equipe de matemáticos levaria séculos resolvendo problemas complexos quando, em apenas alguns segundos, apresenta uma solução (exata). Entretanto a maneira pela qual as fitas magnéticas de um computador podem gravar e “memorizar” milhões de informações é para o homem algo perfeitamente explicável. O cérebro humano, criador desta máquina fantástica, tem o tamanho aproximado de um abacate, pesa menos de quilo e meio e é bem mais misterioso, complexo, versátil do que o computador. Mas se o homem sabe exatamente como trabalham milhares de peças da máquina, pouco pode explicar sobre seu cérebro... As extraordinariamente complexadas conexões entre 10 bilhões ou mais de células nervosas cerebrais, ou como a memória se lembra de que 4 é produto de 2-|-2, são fenômenos ainda ininteligíveis.”

“Com a dissecação do corpo, os primeiros anatomistas aprenderam muitos detalhes físicos sobre a área do cérebro. Observaram que os nervos ligam o cérebro aos olhos, aos ouvidos e a outras partes do corpo. Não compreenderam, porém, como o cérebro podia ser, de algum modo, responsável por outras atividades do corpo humano.”

A esta altura, a enciclopédia faz ligeira alusão ao tratado de frenologia de Framz Joseph Gall (alemão) que pretendeu localizar, em diversas regiões do cérebro, algumas atividades mentais. Fisiologistas e neurologistas renomados determinaram as linhas gerais da Frenologia, descobrindo padrões complexos dentro do cérebro e fizeram conjecturas sobre a inteligência do homem, de acordo com o tamanho do cérebro. Mas a experiência e os fatos desmentiram as hipóteses, como, por exemplo, o cérebro de Anatole France, um grande escritor, era menor do que a médio do cérebro masculino. Entre-



tanto Anatole era um gênio. Ficou, porém, certo que o cérebro da mulher é menor do que o cérebro do homem.

Mas estas curiosidades ficam fora do nosso intento.

O capítulo intitulado “Sistemas de comunicações” é muito interessante. Então as células são descritas com notável exatidão: — “elas variam de forma e de tamanho. Alguns neurônios são redondos, outros ovais ou em forma de fuso e têm o comprimento médio de 25 microns (milésimo de milímetro). Cada neurônio possui enorme série de ramificações finas e delicadas, (os dendritos). Estes se unem a outros neurônios, formando uma cadeia nervosa. A cada neurônio segue-se uma estrutura em forma de aste, chamada “axônio”, que chega a alcançar 90 centímetros de comprimento. Os nervos do corpo humano . . . são reuniões de alguns milhares de axônios. O complexo sistema de comunicações do corpo humano é composto de mais de 13 milhões de neurônios, e destes, cerca de 10 milhões ficam no cérebro. Este sistema é perfeito e suas comunicações, ininterruptas. Até durante o sono, mais de 50 milhões de mensagens nervosas, por segundo, são transmitidas e recebidas pelo cérebro. Elas vão de diversas partes do corpo e voltam a elas, garantindo a continuidade das palpitações do coração; os pulmões distribuem oxigênio, purificando o sangue e mantendo a temperatura normal. O cérebro trabalha enviando correntes elétricas das células nervosas, espalhadas pelo corpo. Delas partem também correntes elétricas para o cérebro.

Cada neurônio tem uma pequena carga elétrica no seu interior. Esta carga é produzida pela diferença química entre o interior da célula e os tecidos circunvizinhos.

Tanto o tato, como o paladar provocam uma alteração no equilíbrio químico e térmico, determinando variações elétricas chamadas eletro-químicas no interior do neurônio. Uma mudança eletro-química dentro do neurônio, acarreta toda uma série de mudanças semelhantes ao longo dos nervos. A corrente elétrica, num só neurônio, determina modificações eletrônicas em diferentes partes do organismo, como diz a enciclopédia. Assim se estabelece uma corrente contínua.

Quando a mão toca algo muito quente, seja ou não o cérebro informado, instantaneamente vem ordem de retirá-la pelo impulso dos músculos.

Estes impulsos constituem a proteção natural do crânio juntamente com o líquido raquidiano ou cefalorraquidiano. Este líquido envolve o cérebro e a espinha dorsal, por onde passa a maioria absoluta das mensagens de ida e volta entre o cérebro e todo o corpo. (3)

Prossigamos as citações da enciclopédia:

— “O cérebro possui, no seu interior, uma espécie de prateleira óssea, em que se apoia a massa principal do cérebro. Através de um buraco nesta prateleira, passa o tronco cerebral, semelhante a um cordão. No interior do tronco, ligam-se diversos neurônios de diversas partes, ao neurônio vizinho. Este complexo contexto de tecido em forma de rede, chama-se sistema reticular. (ib.).

Acredita-se que do sistema reticular saem as decisões mais importantes do cérebro... Este sistema age, pois, como censor. A seleção feita por ele é tão rigorosa, que de 100 milhões de impulsos elétricos emitidos, apenas algumas centenas alcançam o cérebro. (ib.).

### *Cerebelo*

O cerebelo é uma área pregueada, presa à parte posterior do tronco... Divide-se em dois hemisférios: direito e esquerdo. A camada superficial é bastante pregueada, formando as circunvoluções cerebrais, com milhares de milhões de neurônios. Cada dobra tem, mais ou menos, 25 milímetros de profundidade. As circunvoluções cerebrais são de tal maneira, a permitir que o cérebro e seus neurônios (cerca de 10 milhões), ocupem o menor espaço possível dentro do crânio. Se fosse possível inflar o cerebelo como um balão, desfazendo as dobras da parte superficial, seu tamanho chegaria ao tamanho de uma bola de futebol. Logo acima das orelhas, encontram-se duas faixas de neurônios, separadas por um

sulco profundo. A face ântero-motora controla a ação dos músculos, enquanto a área sensorial térmica que distingue o frio do calor, distingue até uma picada de alfinete e o corte de uma faca.

### *Área silenciosa*

Este termo um pouco irônico designa o Tálamo e o Hipotálamo. A ambos dá-se o nome de área silenciosa porque não passa atividade alguma elétrica.

Na base craniana encontram-se os ventrículos, que são pequenas massas do tecido cerebral: o Tálamo. Este se divide em dois lobos como uma espécie de escritório de classificação preliminar das mensagens. Os fisiologistas acreditam que o Tálamo responde pelos estímulos ou sentimentos de bem-estar e pelas primeiras informações de conforto e de dor.

Nesta área fica um instrumento crismado de “relógio biológico”, destinado a medir o tempo e regular aquela sensação de paragem que sentimos quando dormimos. Um estudo detalhado deste relógio poderá descobrir o segredo da estranha sensação de quem dorme e até de quem viaja de um hemisfério a outro, quando há diferenciação de tempo, pois entre muitas partes da Europa e das Américas a variação oscila entre 5 e 8 horas, e entre o Brasil e o Japão, cerca de 12 horas.

“Se, por exemplo, uma pessoa viaja da Inglaterra aos Estados Unidos, de avião a jato, chega, praticamente, à mesma hora em que partiu, em virtude da diferença de fusos horários” (revista *Ego*, vol. 7, pág. 98).

Na mesma revista vem um estudo interessante sobre o momentoso assunto. Como quer que seja, os fusos horários divergem do relógio biológico, pois aquele rege o tempo e este rege o nosso organismo. Quando os dois relógios desencontram, precisamos de um dia completo, para recuperação de cada hora de diferença, entre os dois relógios.

Por este relógio, temos a sensação de paragem do tempo, quando dormimos. É uma sensação estranha, impressio-

nante. Quando se dorme bem, fica-se com a sensação de termos acordado na mesma hora de termos-nos deitado. Tem-se a impressão de termos estado fora do tempo. Quando dormimos mal, o tempo parece elástico e as horas sem fim. Precisamos de um relógio ao lado para nos desmentir.

Abaixo do Tálamo fica o Hipotálamo. Este é uma pequena massa de tecidos nervosos, controlado pela glândula-mestra do corpo, a pituitária. Esta glândula governa a ação dos hormônios provenientes da tireóide, além de ser importante na secreção dos hormônios sexuais.

Devido ao vínculo existente entre o hipotálamo e esta glândula, os fisiologistas modernos acreditam numa íntima relação entre os distúrbios glandulares e os processos mentais.

### *O relé*

Eis a mola-mestra do segredo do sono: o relé. É um aparelho biológico que funciona dentro da arborização dos dendritos neurônicos. Serve para abrir e fechar o circuito energético dos centros nervosos. Este aparelho que o Criador colocou dentro de nós, liga ou desliga as nossas emoções, venham de onde vierem. Fica ele na hanga do organismo humano, como chave do sistema nervoso, controlando o estagônio, que, no dizer de Périon, como de Rémy Collin, figura como receptor primário periférico, ligando e desligando a corrente nervosa de todo o metabolismo orgânico. Quando o elo desta corrente sofre qualquer interrupção, ficamos sonolentos ou dormimos de verdade. A ligação dos neurônios se faz pela arborização filifórmica de uma delicada filigrana, colocada na ponta do cilindro-eixo (axônio). É ali que fica o misterioso relé.

A este aparelho ficam sujeitas as mensagens de fora para dentro e de dentro para fora, isto é, das mensagens centrípetas e centrífugas. Só ficamos excitados, quando a corrente elétrica liga os neurônios. Interrompida a corrente, ficamos em estado hipnóide e dormimos.

Igual aparelho parece funcionar também no íntimo da medula espinhal, juntamente com o neurônio internuncial de Lepique.

Os agentes neurológicos se pareceriam com os psicópticos que embarçam o passo às emoções conscientes e de toda a sensibilidade perfeita.

Quando atua um anestésico perfeito e poderoso, caímos no sono instantaneamente.

Como os neurônios não são iguais, difícil é conjecturar suas reações no organismo. Daí a dificuldade de ajuizar, com precisão, qual venha a ser a causa do sono.

As células nervosas articulam-se de muitos modos e ninguém pode ajuizar da multiplicidade dos impulsos elétricos. Por isto, torna-se difícil atingir com segurança a causa do sono. Mas ela não fica muito distante do relé. Quase diria, que fica afeta a ele, que é sua causa.

Importante é que uma só corrente elétrica pode levar efeitos diversificados na arborização terminal.

Mais ainda: a hipófise mantém, com uma das endócrinas, estreita relação com o sistema nervoso e exerce notável influência nas atividades instintivas e afetivas.

É durante o sono que a hipófise bloqueia a consciência e entrega o psiquismo às escamotiações dos cegos instintos. Então surgem os sonhos mais estapafúrdios que se possa imaginar.

Os sonhos não explicam o sono, mas sem o sono não há sonhos.

Notável é que, tanto no sono induzido, como no sono natural, dormimos mesmo. Mas entre um e outro a diferença fundamental é que nunca sonhamos no sono induzido. Por que? Porque os produtos tóxicos bloqueiam os sonhos.

E tudo quanto vemos, sentimos e apalpamos durante o sono, parece natural, aceitamo-lo espontaneamente quando dormimos. Nesse estado onírico as cenas correm normalmente, ainda que vejamos um homem se transformar em animal e vice-versa.

No sono aceitamos tudo aquilo que o pudor e a ética rejeitam quando acordamos. Mas, em que pese à nossa formação religiosa e moral, as imagens oníricas são admitidas para a lembrança quando acordamos. O *id* aproveita o desatender depois. Feliz ou infelizmente muitos pormenores escapam à lembrança quando acordamos. O *id* aproveita o desaparecimento da censura e toma conta da casa que proclama absoluta independência aos instintos.

## CASOS

1 — No Sanatório de Messejana (Ce.) deu-se por volta de 1970, um caso curioso. Testemunhou-o a religiosa Maria Eclésia Nunes Fraga, da Congregação das Irmãs de Caridade. Naquele hospital, um homem foi operado e recebeu anestesia geral. Depois de operado, ficou dormindo durante um mês. Pulsava-lhe o coração, funcionavam os órgãos de todo o organismo. E o paciente dormia placidamente. O anestesista alarmou-se de sentir-se impotente para acordá-lo. Que teria acontecido? Um leigo no assunto, quebrando o mutismo cabuloso, conjecturou: — a anestesia deve ter atingido o nervo do sono. Nervo do sono? Existe este nervo? O médico não sabia o que dizer e muito menos o que fazer. E o paciente continuou dormindo e foi dormindo que morreu.

2 — Outro caso de situação oposta, deu-se na Porciúncula, Casa de Formação das Irmãs de Caridade, em Fortaleza (Ce.). Ali, uma freira se operou de um câncer no seio. Acordou e ficou sem dormir mais. Depois de algum tempo, começou a sentir forte dor-de-cabeça e pôs o médico em polvorosa. Suspeitava de um tumor maligno no cérebro e temia anestesiá-la. Aquela intolerância a qualquer anestesia dificultou tudo. E a pobre freira continuou acordada, de dia e de noite. Seus olhos eram arregalados, como dois focos de carro. Angustiava-se, desvairava, sem pestanejar, que seus olhos fossem de vidro.

### *Diagnóstico:*

1.º Caso. — Segundo acabamos de ver, em resumo, aquele homem que não acordava teria sido vítima de um relé aberto. O anestesista não conseguiu fechá-lo e o paciente se esgotou e morreu.

2.º Caso. — A freira sofreu um efeito contrário, isto é, seu relé fechou e ninguém conseguiu abri-lo. E aquela dor-de-cabeça poderia ter sido sintoma de uma ancefalite cancerosa, reflexo da operação do seio.

Este o quadro clínico dos dois casos.

Não se pode condenar o médico anestesista ou operador. Há casos em que uma intolerância escapa ao controle dos exames preliminares.

Mas, tanto o anestesista como o operador, devem ter profundo sentimento de humanidade numa intervenção cirúrgica. Devem examinar a situação dos rins, do coração, do sangue etc., antes de cortar o paciente.

### *Conclusão*

Posso ter caído n'algum paralógismo. No entanto raciocinei prudentemente, sem dogmatizar conclusões apressadas, procurando sempre ir ao encontro dos dados científicos, ou, pelo menos, das probabilidades.

Pisei cautelosamente as ribanceiras da somatotopia. Poderá estar este estudo imperfeito por falta de técnica no analisar o *neuroquantum*, as delicadas fibras de cada função nervosa. Faltava-me capacidade para escalpelo da cerebrologia, da intrincada arborização neurônica dos dentritos e do acênio. Poderia ter alcançado o centro do desligamento do relé, quando fecha e abre o circuito energético, porquanto reputo estar nesse manejo a causa do sono.

Se não consegui tudo, penso que andei perto de atingir meu objetivo.

Alguém poderá ficar como os teimosos judeus que esperam o Messias que já veio...

## Instituto Histórico dá posse a Nertan Macedo

O escritor cearense Nertan Macedo tomou posse, às 21 horas de 22.10.76, como membro do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás. A solenidade, que contou com a presença do governador Irapuan da Costa Júnior, realizou-se no Auditório Gilson Alves de Souza. Ela foi presidida pelo professor Colemar Natal e Silva, presidente do Instituto, com a mesa formada pelo governador Irapuan Costa Júnior, vice-governador José Luiz Bittencourt, ministro Aquino Porto; Gonçalves Bezerra, representante do Ministro do Trabalho; deputado Juracy Teixeira, representante da Assembleia Legislativa, e jornalista Jaime Câmara, diretor de J. Câmara e Irmãos.

O professor Colemar Natal e Silva, ao abrir os trabalhos, ressaltou as finalidades do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, suas metas e o processo de elaboração nos caminhos históricos do Estado. Em seguida, o professor Ático Vilas Boas Mota saudou o escritor Nertan Macedo, o Ceará, suas obras poéticas, folclóricas e históricas, dando-lhe as boas vindas a Goiás, como o mais novo membro do IHGEG, e augurando-lhe sempre sucessos nos seus empreendimentos literários. O governador Irapuan da Costa Júnior, ao fazer uso da palavra, também enalteceu a personalidade de Nertan Macedo, situando-o como um dos mais fecundos historiadores de nossa



época, confessando sua alegria em ter o seu nome vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e conseqüentemente a este Estado. A reunião foi prestigiada por numerosas autoridades, representantes do mundo intelectual e convidados especiais.

## DISCURSO EXALTA GOIÁS NA FORMAÇÃO BRASILEIRA

Chamando a atenção para a importância do Planalto Central no que ele representa como região de encontro dos brasileiros e traçando paralelos culturais entre Goiás e o Nordeste, onde nasceu, o escritor Nertan Macedo situou no seu discurso de posse o papel do Estado na formação brasileira.

“Euclides da Cunha tinha razão: o sertão é o homizio. E Goiás é o homizio do meu coração profundamente agradecido”, disse Nertan ao concluir seu pronunciamento.

“O sertão é o homizio”. Esta curta, seca definição, aprendida há tantos anos em Euclides da Cunha, tem soado aos meus ouvidos pelo tempo afora como a mais patética, sinfônica, autêntica, pura síntese do papel que, em nossa formação brasileira, exerceram ao longo de quatro séculos os vastos e desertos plainos interiores deste grande País.

*Senhores:* — Um cearense do Crato, que viu a luz primeira às brandas flutuações dos canaviais do seu longínquo vale do Cariri, encravado nas lindes dos *sertões de dentro* do Nordeste, vem de longe, de tão longe, abrigar-se hoje à sombra ilustre deste Instituto Histórico, que aninha em seu seio o que de mais egrégio, sóbrio e intelectualmente responsável esplende na jovem cultura goiana — tão antiga e tão moderna — para repetir aqui uma imagem literária muitas vezes já mencionada.

Goiás é uma das primeiras, fortes, recônditas lembranças da minha infância.

Eu era menino, no Crato, quando ali chegavam as boiadas de zebu, tangidas daqui à minha província, através da

Bahia e do Piauí, a fim de racear o nosso rebanho, ainda muito dominado pelo “pé-duro” dos tempos coloniais. Então, na pracinha da Sé da minha cidade natal, um simples campo em forma de quadro, coberto de capim, areia e algumas mangueiras, eu ouvia, com os olhos deslumbrados, a história desse gado e desses vaqueiros que haviam atravessado centenas de léguas e vinham de tão longe para revigorar a mais antiga e nobre atividade do sertanejo cearense — a pecuária — fundamento de toda a civilização coureira que a minha raça, o meu pobre e grande povo plantou, para sempre, naqueles magros desertos, que Deus pincelou de cinza e azul e fez brilhar sobre eles um sol igual ao tão forte e belo como o que vejo nas manhãs e tardes deste Planalto Central.

Sol que é de Goiás e do Ceará. Que ilumina o meu coração nas horas de tristeza, alegria e, também, de sonho e saudade. Sol todo meu, a retemperar minha alma e esse corpo já um tanto cansado, mas não curvado, pelas agruras e decepções da vida.

Eu diria: Goiás é um dos remotos da minha vida. E outra recordação aqui me obriga — e de que muito me orgulhava na meninice — era uma vaga alusão a uns meus parentes do lado paterno, os Alcântaras, que tinham vindo do Ceará e fincado raízes em Goiás (em Catalão, se não me engano), nunca mais retornando aos pagos natais. Assim uma reminiscência de infância e uma migração familiar atçaram em meu espírito curiosidade e carinho por esta terra. E essa curiosidade e esse carinho não me têm abandonado, porém sido antes acrescidos, desde que vim morar em Brasília, como servidor público, há cerca de dois anos e meio.

Sou um enamorado da geografia goiana. Poucas porém, quase nenhuma, e assim confesso, ligações históricas pude estabelecer, nas minhas pesquisas, entre o Ceará e o vosso grande e rico Estado.

Goiás, ao sul, é, pelos seus rios tributários do rio Paranaíba, formador do Paraná, integrante da bacia platina. Confluentes no extremo, dois outros grandes rios gêmeos, o Araguaia e o Tocantins, fazem-no também integrante da bacia

amazônica. Existe, aliás, uma diferença bem nítida entre o Goiás do Sul e do Norte. O Goiás sulino termina na Chapada dos Veadeiros, na Serra do Paraná, nas cabeceiras do Tocantins. E o mais rico, o mais densamente povoado, berço histórico do Estado, do Goiás antigo, com maior número de cidades. Campos cerrados e formações matosas dão seu *fácies* botânico. Seus rios procuram o Paranaíba, o Paraná, o Prata.

Já o Goiás do Norte é marcado pelas terras que se estendem do bellissimo Araguaia, com quem tenho alguma intimidade, à Serra Geral de Goiás ou do Espigão Mestre, pela Chapada das Mangabeiras, e que o separa da Bahia e do Maranhão, tendo ao meio a espinha dorsal do Tocantins, este (como o Araguaia) com dificuldades do aproveitamento à navegação — devido às *corredeiras, itaipavas* do tupi: trechos altamente declinados desses rios, águas escachoando entre pedras ou mesmo por pedras d'água, cachoeiras numerosas; população esparsa, pouco densa, também poucas e pequenas cidades — o Goiás do Coronel Abílio Wolney e dos seus jagunços. Transmuda-se aí a fisionomia da paisagem vegetal. Passa-se dos cerrados aos cocais os babaçuais que o iguala ao Maranhão e parte do Piauí, pela presença maciça dessas palmeiras, cuja exploração extrativa é uma das suas riquezas.

O que fraterniza na verdade Goiás com os sertões nordestinos, tanto ao Norte como ao Sul, é o pastoreio.

O início do povoamento pelo sul coube ao bandeirismo paulista. Aos dois Bartolomeu Bueno, pai e filho, um dos quais, segundo a lenda, e a fim de forçar os índios a dizer onde encontravam pepitas de ouro, queimou um pouco de aguardente — e os selvagens assombrados logo ficaram intimidados, julgando que ele poderia da mesma maneira queimar a água dos rios — lenda a que se liga o apelido de Anhanguera. Pertencia à Capitania de São Paulo, dela destacada como Capitania Geral em 1744, com capital na antiga Vila Boa, o simplesmente Goiás de hoje, elevado à cidade juntamente com Cuiabá, em 1818. Foram as duas últimas cidades criadas no Brasil pelo colonizador português, antes de 1822, da separação de Portugal, tendo sido governadas por altos e

emproados fidalgos lusitanos. De um deles, que figura na nobiliarquia brasileira, com o título de Marquês de São João da Palma, consta ter ficado numerosa descendência bastarda em terras goianas. A informação é do Visconde de Taunay em seu livrinho intitulado *Goiás*.

Recordo agora um grande presidente de Goiás ao tempo da Guerra do Paraguai. Foi Ernesto Ferreira França, a quem se deve a organização de uma brigada goiana, que se uniu aqui aos mineiros e paulistas que marchavam para Mato Grosso, coluna esta que chegou até Laguna poucas léguas a dentro do Paraguai e daí bateu em retirada, dando origem ao episódio militar de que se ocupou em livro famoso o mesmo Visconde, Alfredo d'Escragnolle Taunay, então jovem oficial de engenharia e participante da referida coluna.

Os bravos goianos incorporados ficaram, em conseqüência das perdas que sofreram, reduzidos ao 20.º Batalhão de Infantaria, comandados por um valente e imperturbável baiano, o Major Joaquim Ferreira Paiva, que terminou seus dias de vida tranqüilamente na poética cidade de Ilhéus, terra de Jorge Amado e sua Gabriela. E berço natal de Crispiniano Tavares, o iniciador do conto literário em Goiás, segundo pesquisas do nosso eminente colega Basileu Toledo França.

Seria bom chamar a atenção para o significado do Planalto Central, no que ele representa, de *encontro dos brasileiros*, talvez o exemplo mais marcante a ser apontado no contexto nacional. E ressaltar a presença de troncos familiares portugueses que aqui também vieram frutificar: os Távoras e os Frotas. Gostaria de chamar a atenção para a figura de José Manuel Antunes da Frota, cirurgião-mor, o primeiro a escrever uma Memória Estatística de Goiás (parte publicada em *O Patriota de Lisboa*), ligado ao mesmo tronco genealógico dos Frotas de Sobral (e seus primos que estão arrolados como os primeiros povoadores de Meia Ponte (hoje Pirenópolis).

O mesmo se diga da presença da literatura cearense, traduzida, sobretudo, na figura de José de Alencar, acentuando

a influência que a produção alencariana exerceu sobre várias gerações goianas. Bastaria atentar para o levantamento bibliográfico do antigo Gabinete Literário de Goiás, já realizado, o que testemunha o grande prestígio de que desfrutou o autor de *Ubirajara*, não somente durante o período romântico, mas pelas décadas a fora, numa demonstração convincente do quanto se apreciou e se aprecia ainda o que em tão boa hora nos transmitiu a sensibilidade nordestina, através de seus melhores porta-vozes, ou seja, os seus escritores.

Aqui gostaria de rememorar um cearense: Lourenço Alves de Castro Feitosa. Filho dos sertões dos Inhamuns, de uma das mais poderosas famílias patriarcais da minha terra, era acadêmico de Direito no Recife quando rebentou a Guerra do Paraguai. Empolgado pela vibrante propaganda de Castro Alves, alistou-se como voluntário. Dizem que sem o consentimento paterno. Lourenço, pelos azares da vida militar, acabou incorporado ao 17.º Corpo de Voluntários da Pátria, um batalhão de mineiros. O jovem acadêmico muito se distinguiu na campanha do Paraguai, ascendendo a alferes e a tenente comissionado. Jogado nesse batalhão de mineiros, o estudante aventureiro seguiu até a Vila das Dores do Rio Verde, a antiga Vila das Abóboras, hoje a importante cidade de Rio Verde, capital regional do sudoeste. Dali foi incumbido de seguir para Cuiabá, o que o impediu de tomar parte na Retirada da Laguna. É ele o único dos meus conterrâneos que se rastreia historicamente perto desse fato. Reza a tradição familiar dos Feitosa que Lourenço, ao retornar à casa paterna, nos Inhamuns, levou uma surra do pai, a despeito das suas façanhas, por haver se alistado e feito a guerra sem o consentimento prévio do velho patriarca. Deliciosas coisas do tempo. . .

E, curioso destino: essa coluna vinha de São Paulo, sob o comando do Coronel Manoel Pedro Drago. Em Uberaba uniu-se à brigada mineira, que vinha de Ouro Preto, sob o comando do Coronel José Antônio da Fonseca Galvão, de troncos rio-grandense do norte, pernambucano e alagoano. José Antônio era tio de Deodoro da Fonseca, irmão do pai do

Proclamador da República. Sabem mais quem era esse mesmo José Antônio? Está nos curiosos registros do grande historiador e polemista cearense, João Brígido, patrono da cadeira que tenho a honra de ocupar no Instituto Cultural do Cariri, sediado na minha cidade do Crato e que há anos edita regularmente uma das melhores revistas culturais do sertão brasileiro — a revista *Itaytera*.

Era esse mesmo José Antônio o famoso major Pastorrinho, que 40 anos antes, em 1824, prendera Frei Caneca e outros rebeldes da Confederação do Equador, remetendo-os para o Recife, onde foram supliciados.

Quando Drago se retirou, José Antônio comandou a coluna e foi morrer em Mato Grosso, na travessia do Pantanal, junto ao Rio Negro. Seus filhos, ambos oficiais — generais do Exército Imperial, foram o Barão do Rio Apa e o Visconde de Maracaju. Este o último ministro da Guerra do Império, a quem Deodoro saudou corretamente, ao entrar na sala do Ministério, no dia 15 de novembro de 1889, com estas breves e amáveis palavras: “Como vai, primo Rufino?” — Naquela sala estava reunido o último gabinete de Pedro II, o gabinete Ouro Preto.

Taunay é quem nos revela ainda outro nordestino, um rio-grandense do norte, cujo destino se ligaria também a Goiás. Falo de Antônio Florêncio Pereira do Lago, que, banhado de elogios pelo visconde-escritor-soldado, vai, depois da Guerra do Paraguai, explorar o Tocantins e o Araguaia. Traçou o visconde a biografia desse seu colega e companheiro de armas. Publicou também o excelente relatório de sua exploração dos rios mencionados, considerando-o tão notável neste campo quanto o de Couto de Magalhães, que desceu o Araguaia quando exercia a presidência de Goiás. A proteção do Visconde do Rio Branco, em 1872, fez de Antônio Florêncio, aos 29 anos de idade e moço, capitão de engenharia, deputado geral por Goiás. O fato é narrado por Taunay em suas memórias, dizendo da emoção de Antônio Florêncio no dia em que tomou posse do mandato. Foi após a missa de praxe, rezada naquele tempo, a chamada missão do Espírito Santo,

velha tradição herdada das Monarquias européias com que se abriam as Cortes, os Estados Gerais, as Dietas das Monarquias Católicas, extinta depois do cataclismo revolucionário de 1789.

Permitam-me, nesta altura, uma palavra sobre o Instituto do Ceará — o Instituto Histórico Geográfico Antropológico do Ceará — ao qual tenho a honra de pertencer, na qualidade de sócio correspondente. Faça-o com o simples intuito de torná-lo melhor conhecido deste plenário ilustre, que me acolhe tão distintamente. Foi fundado — 12 foram os seus fundadores — em 1887. E a chamada Casa do Barão de Studart. Do notável erudito Guilherme Studart, filho de um inglês e uma cearense, barão pela Santa Sé, e que foi o maior escavador de documentos na história regional de todo o Brasil. Sua herança à posteridade cearense: 30 mil documentos, que a família deixou estragar, e dos quais o Instituto do Ceará logrou salvar 6 mil. O Instituto do Ceará, irmão deste de Goiás, publica ininterruptamente, desde 1887, notável revista, cujo índice foi paciente e beneditinamente organizado por esse brilhante e severo historiador brasileiro, meu amigo José Honório Rodrigues. Dentro de 13 anos, a Revista do Instituto do Ceará completará 100 anos. Minha província natal é assim a que tem a sua história mais bem aprofundada no Brasil, sob todos os aspectos: política, militar, administrativa, econômica etc.

Consintam-me outra breve palavra sobre a Academia Cearense de Letras, com suas 40 vagas, e da qual sou titular da número 7, cujo patrono é Clóvis Beviláqua. Fundada a 15 de agosto de 1894, é a mais antiga do País, anterior mesmo à Academia Brasileira de Letras, com uma revista que já está com inúmeros tomos.

## Uma carta sem resposta

*José dos Anjos Dias*

O título que encima este trabalho feito sem salitração intelectualista, porque o autor não possui o cabedal que diz respeito às letras, não tem junção com fato amoroso por não ter conseguido a reconciliação de quem o esqueceu, ou propensão para um desabafo.

Pelo contrário, tem em mira a boca-de-fogo da arma elucidativa e aclaradora representada pelo tema a versar, para disparar no alvo que até então tem sido ponto contestativo por quem lê exclusivamente numa cartilha e despreza as demais úteis repletas de assuntos sadios.

Tem autenticamente estabelecida com estabilidade de coração a crença na existência de Deus, como também nas revelações científicas.

Se Deus não existisse, não seria possível o avanço acelerado concernente às ciências, que seguidamente em curtos espaços de tempo vêm trazendo novas descobertas científicas, assinaladoras das verdades manifestantes das descobertas dos sábios, por liame preternatural.

A ciência não surgiu para produzir inimizade contra Deus, práticas religiosas e crenças. Porque Deus é a causa primária da sabedoria, distribuindo-a aos homens com a finalidade de afastá-los da ignorância da origem das causas.

Rixar em nome de Deus é tornar-se anti-cristão, porque Ele é amor purificante, está ao mesmo tempo de permeio em todas as religiões.



As doutrinas religiosas são caminhos convergentes à felicidade celeste, que excede às demais venturas. São oportunas ao indivíduo como apoio para conhecer-se a si mesmo, reter na memória que é uma partícula natural do criador do Universo, após a morte física herdará o céu, onde terá eutímia eterno.

As religiões e a ciência surgiram com expressividade de: — aquelas cada vez mais afastar o humanal das ações contrárias ao bem. E a ciência com sua sabedoria inigualável, dar conhecimento ao homem dos produtos das causas, preservá-lo das mazelas e curar-lhe as enfermidades, prestar-lhe conforto e bem-estar.

Através da fé, a religião oferece aos seus adeptos: luz para a clarificação da alma e meios de aproximação às deidades, a quem devemos prestar veneração sem mescla de fanatismo.

Não se deve vendiar os olhos e privar a audição, a fim de não enxergar a imagem da ciência nem ouvir a sua voz beneficiadora, como muitos fazem e repudiam suas revelações.

AS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ e congêneres do protestantismo reprovam as descobertas sensacionais do método do C-14, dizem que a verdade está com a Bíblia, e as revelações daquele carbono vão de encontro, não acreditam que antes de Adão tenham existido seres humanos na face da Terra.

Dão a Adão 6 000 anos, os fósseis de restos humanos encontrados em diversas partes e testados no C-14, este revelabilidade superior à de Adão. Recentemente encontraram restos dum ser humano pré-histórico com dois milhões de anos.

Fundamentado naquela conveniente disposição dos meios para obter os fins, encaminhei uma carta ao programa de crônicas — “E NÓS PARA ONDE VAMOS?”

O referido programa é executado diariamente na rádioemissora de Juazeiro-Bahia, pela locutora e escritora de conhecimentos invulgares, que é a Sr.<sup>a</sup> D. Martha Luz. Entretanto, a minha carta não logrou o alcance que merecia, isto é, nenhuma referência lhe foi feita.

EI-LA:

Juazeiro-Bahia, 18 de maio de 1974

Sr.<sup>a</sup> D. Martha Luz

Respeitosos cumprimentos

Sabemos que a ciência é o conjunto de conhecimentos coordenados relativamente a tudo que se oferece à vista ou ao espírito.

O sistema de crenças e práticas relativas a cousas sagradas, mormente as denominações evangélicas, estão em desacordo com as revelações científicas.

A ciência vem provando que o gênero humano não se originou de Adão e Eva, isto é, que aquele casal não teve a primazia de ser o primeiro a ocupar a face da Terra, antes a esfera terrestre possuiu seres humanos.

Então, os crentes dizem que a ciência quer pôr por terra os ensinamentos bíblicos, de modo geral acham que têm razão e a ciência não. Vejamos que o próprio Jesus vaticinou o progresso da ciência, quando pronunciou a frase seguinte: — **“E A CIÊNCIA SE MULTIPLICARÁ.”**

Os crentes afirmam categoricamente que o primeiro homem da Terra foi Adão; completará 6 000 anos em 1975.

A ciência, através dos fósseis encontrados e submetidos ao teste do C-14, revela com precisão incontestável a idade da matéria.

Paleontólogos franceses encontraram recentemente parte de um crânio dum homem pré-histórico, que viveu duzentos mil anos atrás, descoberto no leste da África.

Em Java, paleontólogos encontraram restos de um homem pré-histórico com dois milhões de anos. Até mesmo aqui, perto de Juazeiro-Bahia, na “GRUTA DO PADRE”, em escavação feita pelo arqueólogo Valentim, este encontrou partes dum esqueleto humano fossilizado, enviou amostras à América do Norte a fim de serem examinadas, o C-14 patenteou que datavam de 7 500 anos. Portanto, mais antigo do que Adão; como se explicar isso?

O sentido desta carta é completamente antagônico a qualquer polêmica, a finalidade é conseguir localizar a verdade.

Observo na senhora cultura e conhecimento geral das cousas, por isso, dirijo-me à ilustre Professora, na certeza de que irá dar a Deus o que é de Deus, e a César o que lhe cabe.

Indago-lhe sem menosprezar os ensinamentos bíblicos: com quem está a verdade? A ciência, com relação ao que afirma, está cometendo perjúrio?

Assino-me respeitosamente.

(a) José dos Anjos Dias

1.º Ten. R. Rm

Com imparcialidade própria ao meu modo de apreciar, assim acho que nenhum membro de qualquer religião não deveria acoimar o C-14 antes de tomar conhecimento íntegra da sua impoluta e excêntrica singularidade.

Formar juízos, contra-sensos é pretender obscurecer a verdade. Esta é luz inapagável, que jamais extinguir-se-á a labareda inspirativa e recuperadora da ausência do princípio certo.

Não se faça ao C-14 assim como classificou-se de erro a verdade exposta por Galileu, que muito sofreu por ter declarado a realidade e exteriorizado a inexatidão da idéia do geocentrismo, e isso concorreu para ser levado à presença dos tribunais da Inquisição, por um triz não foi queimado na fogueira da "SANTA INQUISIÇÃO", por ter afirmado que a Terra gira.

Anos depois da repulsa que sofreu, imposta pelos que se julgavam os donos da verdade e inerrantes, a sua tese que tinha entrado por um ouvido e saído pelo outro dos componentes mantenedores do lume da lareira do "SANTO OFÍCIO", mais tarde fora admitida por intermédio de Copérnico.

O Monge Nicolau Copérnico passou a examinar, com toda aplicação cuidadosa, o que a clerezia havia considerado execrável, o ideativo de Galileu por insuflação divina.

Então, aquele anacoreta polonês chegou à conclusão de que a Igreja de então estava fora do conhecimento exato e o direito consistia ao falecido Galileu.

Sem relutância do corpo de doutrina clerical, demoliu a idéia do Geocentrismo, passando a prevalecer o que Galileu havia anunciado, isto é, o sistema Heliocêntrico. Cabendo a glória a Copêrnico e a Galileu o esquecimento.

O sistema geocêntrico já estava tão enraizado no espírito daquele povo, que não procurava dar crédito na revelação de Galileu e voltar-se ao estudo da mecânica celeste. Pois, o referido sistema geocêntrico considera a Terra como centro dos movimentos dos astros, introduzido cerca de vinte séculos antes, pelos egípcios ou sistema de Ptolomeu.

Assim também está acontecendo ao C-14, que veio desvendar o mistério que perdurava sobre o aparecimento do homem, não sendo este de pouco tempo ou de origem recente, assim como dizem as TESTEMNHAS DE JEOVÁ e demais denominações evangélicas.

Julgar com pressa irrefletida sempre traz prejuízo a alguém, vejamos a bucha engolida por Galileu, coberto de razão e acusado de acometedor de heresia.

A Igreja Católica ou universal ainda não se pronunciou correspondente à exatidão referente ao C-14, mostrando-se cautelosa para não lhe suceder outro caso anfibológico, assim como aconteceu ao homem que mostrou que a Terra gira.

Peço que me seja perdoado por intrometer-me num assunto de natureza tão delicada, pela maneira como alguém agia na execução de atos opostos conforme aos ditames do Evangelho, que até então o tempo não conseguiu imergi-los no imo do oceano do esquecimento, formado pelo escoamento do próprio tempo.

A própria Igreja reconhece isso, pois, assisti ao discurso breve feito por Dom Thomaz, no qual abordou de modo superficial os erros cometidos pela Igreja do passado, arrematou dizendo que não cabe à Igreja do presente responsabilizar-se pelo que não exercitou.

Dom Thomaz está coberto de razão, porque a Igreja de então não faz mais o que a do passado fazia; só prevalecia o que ela ditava e ninguém tinha vez.

Efetivamente vem tornando-se luz expletiva para o preenchimento do amor e da harmonia, onde há escassez daquelas virtudes.

Mudou de opinião para com as demais religiões, deixou de hostilizá-las e apedrejar os templos dos crentes e centros espíritas são de cristãos e não do diabo, como os considerava até há pouco tempo.

Tanto assim que, por meio do convite atraente que fez para reunir em um todo ou em um só corpo todas as religiões, demonstrou desejo sincero para unir-se com amizade íntima e afetuosa aos co-irmãos doutros conjuntos de práticas e princípios, que regem as relações entre o homem e a divindade.

Quão bela manifestação, digna de permanecer para sempre na história das religiões. O que é bom deve ser sempre lembrado e os agravativos perdoados.

Pelos achados por paleontólogos discriminados em minha carta transcrita, e outros que tomei conhecimento que os deixo de citar, a fim de não alongar este trabalho, podemos concluir sem titubeação que a espécie humana é muito antiga, Adão e Eva são de ontem.

Mesmo assim, solicito aos leitores consentirem-me tacitamente que os narre algo importantíssimo que o tempo e o descaso o fez esmaecer.

Parece-me que foi no município de Acari, no Rio Grande do Norte, mais ou menos em 1920, encontraram um fóssil. O referido fóssil foi achado por cassacos de estradas-de-ferro, quando abriam uma abertura no solo deparando-se com um gigante petrificado.

Ignoravam o valor daquele achado, não o pouparam, despedaçaram-no com suas picaretas, exceto a cabeça com o maxilar inferior danificado.

A notícia daquele objeto precioso chegou ao Juazeiro e, comunicada ao saudoso pe. Cícero, este pediu aos romeiros que arrandassem algo do gigante para ele.

Levaram-lhe dois incisivos e alguns pedaços dos ossos fósseis, um negativo fotográfico da cabeça do gigante e um documento escrito descrevendo com minúcias o tamanho e demais particularidades do referido gigante.

Na época daquele evento eu era curumim e possuía 12 anos de idade. Os referidos negativo fotográfico e o documento escrito citado acima, foram cedidos pelo padre Cícero ao mestre Pelúzio que era dono do cinema mudo — CINE IRACEMA, a fim de exibi-los após a sessão cinematográfica aos espectadores.

O ossário e os dentes ficaram com o pe. Cícero, que os guardava como objetos de estimação, porque sabia o valor daquele acérvulo da pré-história.

A cabeça daquele homem pré-histórico era um pouquinho menor do que uma zabumba, os dentes mediam três polegadas de tamanho cada um, sua estatura tinha cinco metros e a abertura da boca cerca de três palmos.

Depois do falecimento do pe. Cícero, o conjunto dos objetos referidos acima desapareceu; ninguém é capaz de dizer quem o levou. Um dos dentes, um padre apossou-se dele, todavia, não sei seu nome e o fim que ele deu, conserva-se ca-ladinho.

Os homens componentes da ciência desconhecem esse caso pertencente a uma raça dum período remoto, faz-nos presumir que tenha sido coetânea dos animais da fase secundária da Terra, motivado pelo tamanho que possuía assim como os animais daquele tempo.

Aquele gigante teria tido origem de Adão e Eva? Está visto que não. O maior em estatura que a Bíblia cita é Goliath de Gath, media 4 côvados e um palmo de tamanho, sua estatura era insignificante em relação à do gigante potiguar.

Quanto sentimento sinto por causa do indiferentismo dos indiferentes, não procuram interessarem-se por fatos dessa natureza.

Vejamos que, em Juazeiro do Norte, somente três pessoas são conhecedoras do caso citado; o restante da população desconhece por completo.

As três pessoas são: — José Geraldo da Cruz, mestre João, morador à rua Santa Cecília, e este rabiscador.

## Noite de penitente

*Jefferson Jr.*

No céu muitas estrelas e uma lua crescente a clarear. Quaresma. Na sala dois candeeiros de flandres a lumiar os rostos duros, mas simpáticos, dos homens que se moviam num trabalho atento de preparação para um ato comum nesta época do ano. Nas paredes, emolduradas com alguns toques de santuários, as imagens do Coração de Jesus, São Francisco, Santa Luzia, Santo Antônio, São Pedro, Sagrada Família, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Santa Hóstia, e um Cruzeiro cheio de fitas coloridas. Em cada imagem uma história junta com muita fé. Alguns santos são mais reverenciados e também estão presentes em pequenas e médias estatuetas, ao lado de Cristo Crucificado dentro de um oratório antigo e simples; fora os santos, numa pequena televisão de vidro, fotografias do padre Cícero ao lado do frei Damião, e, entre ambos, uma visão da matriz de N. Sr.<sup>a</sup> das Dores de Juazeiro. Ao lado do oratório, na mesma mesa, algumas lâminas amarradas a uma correia de couro, são as *disciplinas*. Algumas estão sendo afiadas por homens já vestidos com paramenta preta, com cruz e listas brancas, cruzando-se. As lâminas ficam tão afiadas como uma “gilette”, e com muito carinho.

Sítio Cabeceiras — entre a Chapada do Araripe e Barbalha. Cariri, residência do “Seu Joaquim Mulato”. Uma



casa um pouco antiga e simples, porém uma casa grande, branca, no meio de um terreiro limpo e bem cuidado; nela residem, além do Seu Joaquim, algumas mulheres já idosas, todas com exceção da mais velha que já se encontra cansada da vida no seu corpo, com pouco movimento e visão fraca. São pessoas ativas, trabalham em alguma lide caseira, mas no momento não estão presentes à sala. Estas senhoras já residem há muito tempo com ele. A mais velha é sua madrinha e praticamente foi quem o criou e o fez herdeiro da casa e de um pedaço de terra, que cuida com zelo. Tem liderança entre os outros companheiros, além de dar toda assistência moral e espiritual aos que o cercam. De seu rosto marcante, emana muita fé nas coisas divinas e procura ser justo dentro de seus padrões estritamente católicos, de mistura com arraigado misticismo e moral religiosa nos padrões de um passado remoto mas que se faz presente no mundo de meio Nordeste místico. Tudo no seu Joaquim reflete bondade ao lado da firmeza de ação, dos seus conhecimentos e conceitos do universo, tirados do dia-a-dia. Agora, ele retira o grande cruzeiro que estava na parede e o coloca, transpassada nos seus raios, uma toalha de algodãozinho branco e com rendas.

Sentados, ou acorados pelo chão, esperam a chegada de outros companheiros, os homens de bata preta e capuz branco na cabeça. Alguns papos sobre o inverno que até agora ia indo bem, mas já mostrava uma estiagem que preocupava a alguns pela situação de suas roças. No capacho que cobria a cabeça de cada um, uma cruz preta contrastava com o brilho do branco luar. Nenhuma mulher por perto (elas não podem ver o rosto de quem vai participar de uma penitência). Estão espalhados pelo calçadão da casa, no terreiro, quando um sino toca avisando do início das funções. Todos entram na sala e se ajoelham a rezar o “creio em Deus Pai...”, “Ato de Contrição...” “Glória ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo”...

Nas suas vozes se entrepõe cantos e contra-cantos...

“Pequei Senhor...  
“Pequei Senhor...  
“Tende misericórdia, Senhor...  
“Tende misericórdia de nós  
“Pecador. Pequei...  
“Guiai-nos meu Deus.”

De pé. Cantam. Os sinos tocam. Fazem reverências diante do oratório, se perfilam e saem com o cruzeiro à mão. Atrás, o *decurião* tocando a sineta. O *decurião* deste grupo é o Seu Joaquim, é dos que vão puxando o canto e garante a sobrevivência dos penitentes das Cabeceiras. Afastam-se pelos caminhos da noite, mata adentro. Em casa, sai à porta uma senhora. As vozes se afastam chorosas, vão sumindo e se espalhando noite afora.

Quase vinte e quatro horas. Cães ladram e, longe, mui distante, vozes tomam conta da noite. Aproximam-se. Vozes tristes e, a um tempo, bonitas. Uma música que vai lá dentro do coração. Andam muito rápido e logo chegam, chegam a nós que havíamos adiantado muito o caminho, vindas pela estrada de barro, esperar e sentir, de longe, estas vozes misteriosas que imploram perdão e cantam louvores a Deus. No caminho, o *decurião* vem tirando as rezas e os outros respondem com vozes mais altas. Junto à voz do *decurião*, outra a cobre em tom mais alto, mais agudo.

Caminhada na estrada. Duas filas. O sino tocando de vez em quando. No caminho, casas de taipa com terreiros limpos. Casa-de-farinha movida a animal e, nas margens daquele, plantação de milho e feijão. Saem da estrada e entram nas roças até um cruzeiro grande, entre o milharal. Ajoelham-se. Novamente rezam o “creio em Deus Pai”, o “Ato de Contrição”. Cantam. O sino toca. Ficam de pé...

“Dai-me Senhor, eterno descanso,  
“Pai Nosso, que estais no céu...  
“Repouso eterno.  
“Ajudai, Senhor.

“A luz perpétua respondi.  
“Pelo sinal da Santa Cruz,  
“Livrai-nos Senhor  
“Amado Jesus. Maria, Joaquim e Ana.”

As vozes saem com eco e se perdem por entre as cruzes dos túmulos de barro, cobertos por algum capim ou uma flor. O Grande Cruzeiro marca a existência de um cemitério abandonado no meio do mato. Os sons se misturam com os mistérios da noite enluarada. São arrancados da profundidade da alma de cada um destes homens tão misturados de natureza e fixos na paisagem por onde circulam. Ajoelham. Pegando o crucifixo com as mãos fortes, Severino canta. Os outros, com ele, cantam a mesma estrofe:

“Ouve Mãe de Deus  
“Nossas orações  
“Toca o nosso peito  
“O coração Seu  
“Sede meu favor  
“Virgem Soberana  
“Livrai-nos do inimigo  
“Nosso Senhor.”

Alguns se afastam para o mato e, entre túmulos, em lugares diversos, se auto-flagelam. Nas costas. No peito nu. O tilintar dos ferros das *disciplinas* e o som de sua batida no corpo, depois de um movimento forte no ar, se misturam com os das vozes cortantes como as lâminas. Batem até sair sangue do corpo. Sangram e cantam a um só tempo. Seus rostos se aproximam do êxtase. Fé e crença no que fazem.

Não são todos os que se açoitam. O *decurião* já faz tempo que não se martiriza, o que se pode interpretar como já ser um homem mais íntegro em relação ao que admitem ser pecado.

Os cânticos continuam a se misturar com o tilintar das lâminas. E, lentamente, vão parando de intensidade...

“Eu vos peço chorando,  
“Ôi filho não se açoite mais.  
“Pequei Senhor Deus,  
“Pequei, misericórdia . . .”

Vão se arrumando. Limpam-se do sangue com folhas e capim. E em nenhum momento suas vozes param. Ali, na Cruz das Almas, um velho cemitério dos tempos de peste, elas atingem o máximo em seus clamores e imploram a Deus salvação.

O céu está limpo e lindo, mas dele vem a incerteza das chuvas nos próximos dias, na mesma intensidade da fé de cada um que se põe no caminho de volta a suas casas, onde tomarão um banho de água com sal. No entanto, antes de retornarem às suas casas, fazem algumas paradas em cruzeiros que encontram no caminho e rezam sempre cantando.

A porta de uma casinha se abre. De dentro, uma mulher chama o *decurião* e o convida a entrar e rezar na sala. Todos entram. Cantam. Ajoelham-se e rezam enquanto, na cozinha, algumas mulheres que se foram chegando, preparam um café tropeiro. Por um momento, os homens param de cantar e se chegam à cozinha onde, numa mesa cheia de chécaras, um bule de café e um prato cheio de bolachas, lhes são oferecidos. Beberem, comem e voltam a rezar. Da sala não vão saindo sem antes se ajoelhar diante da profusão de imagens de santos na parede de taipa da pequena casa.

Voltam à estrada. Caminham. Cantam. Param noutro cruzeiro e rezam. Prosseguem pelo caminho. Suas vozes vão se perdendo como seus passos, e desaparecem na noite.

### 3 Poemas de Jefferson Albuquerque

#### RELIGIÃO

A religião do nosso homem do campo,  
da gente do Cariri,  
é uma fusão de crença e credices,  
do que a Igreja doutrina,  
do que o pagé incutiu,  
do que o negro infundiu.

Uma de suas várias demonstrações de fé,  
de externar devoção,  
é na sua casa entronizar um quadro do Sagrado Coração,  
enfeitando-o,  
depois,  
de fitas,  
de flores,  
de papel reluzente,  
muito ao gosto dessa gente.  
(Não é raro encontrar, ao lado daquele quadro, um retrato  
[do pe. Cícero Romão].)

Outra,  
muita vez comovente,  
é um certo dia do ano,  
num ritual singular,  
fazer a *renovação*:  
loas entoando,

melopéias cantando,  
um rosário rezando,  
em seguida servir um jantar alentado,  
para o qual foi sacrificado  
um cabrito ou um cevado,  
um peru,  
e outras aves também.  
Uma constante,  
facilmente se nota,  
nesta festa a Deus dedicada,  
a Ele glorificando,  
mercês agradecendo,  
benefícios implorando:

o sacrifício,  
a oração,  
o cantochão,  
comuns às origens de sua ingênua religião.

Cra-Ju-Bar, dez. 76

## SEMPITERNA ESPERANÇA

Paz,  
ambição minha,  
desejo seu,  
nosso sonho comum.

Paz,  
muitos a buscam,  
só alguns a encontram.  
E para encontrá-la,  
quanto andar,  
quanto lutar,  
quanto, até, matar...

E quantos sonharam alcançá-la  
sem lida,  
sem dor,  
sem lágrima.

Paz.  
Todos a pedem,  
todos a esperam,  
nem todos a alcançam.  
Nem hoje.  
Nem nunca.

Mesmo assim,  
muitos continuam pedindo,  
muitos nela crêm.

Paz.  
Para uns, quimera,  
para a maioria,  
sempiterna esperança.

Cra-Ju-Bar, dez. 76

## FELICIDADE

Pela estrada,  
os vejo transitar,  
ou os encontro — nos caminhos dos sítios ou nas veredas da  
[serra —  
os homens simples,  
os homens francos (alguns inté, ainda puros de idéias...)

São homens do campo,  
que ainda fazem lavoura, que vivem da terra.

Muita vez os vi passar,  
sorridentes,  
alegria demonstrando,  
por levar,

no lombo dum burro,  
uma singer pra mulher,  
ou outra coisa qualquer,  
para utilizar no seu lar.

Ah!...

Quase que deles tenho inveja  
— mesmo morando numa casa melhor,  
inda andando de carro,  
novo,  
do ano,  
— porque a felicidade,  
a maior,  
a alcançamos de coisas simples,  
a encontramos na singeleza de um gesto,  
prestando um pequeno serviço,  
no sorriso que alguém que passa nos dá.

Cra-Ju-Bar, nov. 76  
Jefferson Senior



## Poesias

*Dandinha Vilar*

(Bernardina Vilar de Alencar Costa)

### CENÁRIOS

*(Para minha filha Maria Rita, falecida).*

Lá fora o pranto intenso da neblina  
Batendo na vidraça da janela!...  
Dentro da sala onde a mudez domina  
Eu vejo apenas o retrato dela!

Prossigo então na dor que me alucina  
E me seduz a chama de uma vela!  
Minh'alma genuflexa ali s'inclina  
E acha num túmulo a morada dela.

A angústia medra no meu peito ardente,  
E eu rezo e choro dolorosamente  
Evocando em visões lembranças dela...

Meu amor cresce, a dor se me agiganta,  
E eu faço do meu peito a arca santa  
Aonde escondo as saudades dela.

## SAUDADE

Saudade é tudo aquilo que guardamos  
De algo bom decorrido em nossa vida;  
Recordações de amor que vigiamos...  
Lembrança de um olhar na despedida!

Retalhos do passado que avivamos  
Num suspiro que vem da alma partida!  
O sibilar de um grito que escutamos...  
O silêncio da tarde enlanguecida!...

Saudade é o jasmineiro perfumado  
Soltando flores murchas no canteiro  
Qual pranto a esgarçar desconsolado!

É o galho do espinheiro recurvado  
E a juriti chamando o companheiro  
Vendo o ninho vazio, abandonado!

## SAUDADE

Saudade é folhear o album da vida  
E achar em cada folha uma lembrança.  
... Um bilhete deixado em despedida,  
Um brinquedo do tempo de criança!

É a essência por nós tão conhecida  
Lembrando uma visão que em nós descansa.  
... É escutar a música, preferida  
De quando tudo em nós era esperança!

É olhar um retrato desbotado  
Suspenso na parede, e que padece  
Do abandono a severa acerbidade

Saudade é ver morrer um filho amado  
Que a gente sofre a perda e não esquece!...  
Chorar por ele: Isto é que é saudade!

## HORAS

Decorre o tempo dividido em horas  
Desfiadas, quais contas de um rosário.  
Marcando hoje, amanhã, antes, agora,  
Da vida o compassar do itinerário.

Horas que não são boas, mas que embora  
Mal não registram em nosso calendário;  
Horas de amor, de paz, e afinal, horas  
Retidas das lembranças no sacrário.

Horas silenciosas que a saudade  
Veneramos num culto apaixonado  
Fazendo de uma dor, voz que acalenta.

Horas de desespero e ansiedade...  
Onde o rosto de lágrimas banhado  
Transforma nossa vida em morte lenta.

## NUNCA MAIS

*(Para minha filha Maria Rita).*

Nunca mais eu te vi, e tristemente  
Sorvo da tua ausência este amargor  
Recordações que eu guardo docemente  
Servem pra contristar a minha dor.

Nunca mais vou te ver, e amargamente  
Sentindo agigantar-se o meu amor  
Julgo te ver, te ouvir, dolosamente,  
E engolfo neste sonho o meu torpor.

Lembrando-te constante eu vivo crente  
De que por te perder tenho a certeza  
Que a tristeza e a saudade são iguais...

Só um consolo acorre-me na mente:  
Sem ti não morrerá minha tristeza  
Nem passa esta saudade nunca mais!

## MEUS CANTOS

Aos pés de Deus, humilde, por momentos  
Fiz um canto de mística oração;  
Juntando a voz das águas e dos ventos  
Fiz desse coro um hino, uma canção.

Divulgando com ardor meus pensamentos  
Cantei das aves, doce entonação;  
Do mar ouvindo lúgubres lamentos  
Cantei das ondas a acre solidão.

E cantei mais: o hálito das flores...  
Da noite escura téttricos negros,  
E a transparente alvura do luar...

Mas quando quis cantar meu desencanto,  
Ao em vez de cantar eu chorei tanto  
Que mais nada jamais pude cantar.

## O CISNE

Ele veio de longe, o vôo alçando  
Sobre as matas em flor, sobre as campinas,  
Nas suas brancas asas carregando  
Das ninfas o mistério das ondinas.

E através do espaço a voz soltando,  
Como entoando música divina,  
A saudade dos seus chegou cantando  
Na voz traíndo a dor que lhe alucina.

E no espelho das águas, majestoso,  
Mirando-se imponente e vaidoso  
Desliza em semicírculos a nadar.

Como quem de uma dor vem se escondendo,  
Vai pensando, a si mesmo prometendo,  
As lembranças nas águas afogar.

## Trovas

*Ildebrando Sísando*

Deus também é trovador  
e a Mulher é sua trova.  
Quem no peito sente amor  
facilmente isso comprova.

Em noite silente e calma,  
deslumbrante de luar,  
ao céu se eleva a minha alma,  
depois de um beijo te dar.

Tu choraste, comovida,  
quando os teus lábios beijei.  
Falar-te de amor, querida,  
de outra maneira não sei.

Passei a noite chorando,  
amanheci quase louca,  
se tu estás viajando,  
sinto saudade na boca.

A velhice que não tem  
de um filho amparo e carinho,  
encontra mais que ninguém  
pedras soltas no caminho.

Tu achas que foi um crime  
o beijo que te roubei,  
mas o coração redime  
a falta que pratiquei.

A minha noiva querida  
me beija com muito ardor,  
enche de luz minha vida  
e o meu coração de amor.

Tenho sede, sinto fome  
dos teus beijos e carinhos.  
Este amor, que me consome,  
não tem flores, só espinhos.

Acompanhando uma flor  
vou mandar-te uma canção.  
Ela só fala em amor,  
é a voz do coração.

De bom grado trocaria  
pela luz do teu olhar  
a claridade do dia  
e mais ainda a do luar.



O sorriso é amizade,  
porém o beijo é amor.  
Hoje em dia a mocidade  
Não faz distinção de cor.

Quando Deus fez a mulher,  
recomendou logo a Adão:  
afague-a como quiser,  
mas beijo tira a razão.

Sonhei contigo, querido,  
com nosso alegre noivado.  
Tu jamais foste esquecido,  
até em sonho és beijado.

De ti guardei um sorriso,  
com ternura e gratidão.  
Se algum dia for preciso,  
dou-te em paga o coração.

Saudade durante a noite,  
quem neste mundo não sen-  
[te?

Flagela como um açoite  
batendo na alma da gente.

Como nos encanta o amor  
na primavera da vida,  
ao morrer é só a dor  
que nos assiste à partida.

Quando você for à Lua  
cuidado com a selenita.  
Ela por lá anda nua  
e por isso mais bonita.

O caminho dos amores  
a teu lado percorri,  
nele havia lindas flores,  
mas somente a ti eu vi.

## TREM LATINO

*A. Rosemberg*

O trem tem gosto de povo,  
mãos calejadas de operários,  
olhos miúdos de velhos que fumam  
sei lá que desencantos.

O trem tem gosto de povo,  
um cego tocando no realejo,  
um bolero esquisito,  
numa tristeza de morte.

O trem às vezes parece bicho brabo  
se estrebuchando pelas serras,  
pelos ventres destes vales violados.

Aqui, acolá,  
uma velha cruz na estrada,  
uma alma Tupy  
ou um gemido Inca.

O maquinista ouvindo  
seu radiozinho de pilhas  
e namorando mulatas  
nas pedras das estações.

O povo inquieto,  
um cheiro azedo de cachaça, de tequila, de vinho,  
miséria cheia de graças,  
poltronas de tábuas lascivas,  
muito calor e cio... ave!

Crianças chorando cinzentas,  
bebendo em seios magros  
estranhos sonhos de condor.  
Rodas de aço esmagando  
ferrugem e sangue  
de bacamartes abandonados.  
O trem tem gosto de povo  
e vai espalhando neste meio mundo  
um caminhar latino,  
latindo baiões e tangos  
ou toadas ingênuas:  
“passa boi, passa boiada”.  
O trem tem gosto de povo,  
não tem nenhuma pressa  
e eu sonhando que o trem  
chegue ao seu destino,  
para cair nos braços da amada,  
latinamente apaixonado.  
— Ora, este trem não tem destino,  
tem feridas abertas!  
Este trem...  
Eita, Manoel Bandeira,  
nem café com pão e bolacha não!

## REALÇANDO CAMÕES

(Às celebradas sogras que fizeram  
jus à fama dos triunfos que tiveram...)

### SOGRA MINHA

*Por Petrarca Maranhão*

“Madrasta o diabo arrasta”  
(Ditado popular)

“Deus tem mais para dar do  
que o diabo pra tirar”  
(Provérbio)

Sogra é mãe às avessas...  
*P. M.*

Sogra minha “gentil” que te partiste,  
tão tarde desta vida descontente  
Reposa lá no inferno eternamente  
e viva eu cá na terra nunca triste.

Se lá no escuro Averno onde caíste  
memória desta vida se consente,  
não te esqueças daquele agravo ardente  
que já nos olhos meus tão fero viste...

E se achares que pode merecer-te  
alguma coisa o bem que me ficou  
de graça sublimada de perder-te,

pede ao Demo que os anos te alongou  
que tão tarde de cá me leve a ver-te  
quão tarde de meus olhos te levou...

## O Sapo do Cariri

(Versos populares)

Este pequeno romance popular foi coligido por Sílvio Romero e publicado nos seus *Cantos Populares do Brasil*, cuja segunda edição data de 1897. Deu o ilustre folclorista como fonte Sergipe, mas ouvi dizer que *O Sapo do Cariri* apenas era também conhecido aí.

Pelo título, acredito que o mencionado romance pertença mais à região caririense do que a Sergipe.

(*J. de Figueiredo Filho*)

### O SAPO DO CARIRI

No sertão do Cariri  
Havia um sapo casado,  
Na seca de oitenta e nove  
Quase que morre torrado.

Determinou a mudar-se  
Levando consigo a Gia,  
Descendo cabeça abaixo  
Em procura da Bahia.

É certo que vai pejada  
Dona Gia de Meneses,  
Que já vai a completar  
A conta de nove meses.

E deu no pé de uma serra  
Nos mares de Aracaju,  
Logo ali à tardezinha  
Deu na casa do teiú.

Bateu na porta do dito:  
“Deus vos guarde, meu Senhor,  
Vosmicê, por caridade,  
Dá-me um rancho por favor.”

— Não senhor, não pode ser,  
Pois a casinha é pequena,  
Por isto vá desculpando,  
Não havemos de caber.

Ao demais, pelo que vejo,  
Parece que não vem só,  
Pelo trem que vem trazendo  
Também traz a sua avó.

“Não senhor, a minha avó  
Há muito que já morreu;  
Esta que trago comigo  
É a mulher que Deus me deu.

Disto mesmo me arreceo  
De andar a riba e abaixo  
Com medo qu'ela não pára  
Antes que chegue ao riacho.”

— Visto isto, meu senhor,  
Entre vosmincê p'ra dentro,  
Recolha-se àquele quarto,  
Faça lá seu aposento.

E precisa-se saber  
Da senhora D. Gia  
Se nos promete sossego,  
E não muita gritaria,

“Sim senhor, senhor teiú,  
Também sabemos da solfa,  
Mas não usaremos dela,  
Porque a casa não é nossa.”

Desce o teiú as escadas  
P'ras camarinhas de baixo;  
Dão dores em D. Gia,  
Que pare um sapinho macho.

“Marido, você não sabe,  
Que por direita razão  
Deve o teiú ser padrinho  
Deste nosso rapagão?

“Bom, muito bom discurso,  
Minha mulher, D. Gia,  
Hei de fazer o convite  
Assim que amanheça o dia.”

— Bons dias, Siá D. Gia,  
Como se foi de dormida?  
“Eu, bem, amanheci parida  
De um menino mui perfeito,  
Que pelo chorar parece  
Ser solfista de preceito.”



“Não lhe servindo de incômodo,  
E nem também de enfade,  
Quero que vosmincê seja  
O bom do nosso compade.”

— Eu só para o seu serviço  
Muito gostoso me acho;  
Mas é preciso saber  
Se o menino é *feme* ou macho.

É machinho, meu senhor,  
E p'ra cantar minuete  
Por músicas e solfesos  
Ele é todo sem defeito.

A comadre não precisa  
D'alguma ama de leite,  
E também dum panicum  
Onde este menino se deite?

Meu senhor, ama de leite,  
Isto não lhe dê enfade,  
Que quando faltar o meu  
Suprirá o seu compade.

— Oh! comadre, e o meu compadre  
Tem peito que nem mulher?  
— Batendo nas costas dele,  
Dá leite como qualquer.

— Vasmincê, me dê lieença,  
Que o sol está esquentando,  
E vou aqui pela estrada  
Dar um giro passeando.

— Vasmincê manda e não pede,  
Responde a gia e o sapo.  
Deus o livre do cedelo  
Que o deseja pôr no papo.

Sai o teiú por ali  
Ligeirinho se arrastando,  
Escutando com bem medo  
Alguém que andasse caçando.

Deu logo com um vaqueiro  
De muito certa jornada,  
Que lhe deu com o rastinho  
Muito fresco da estrada.

Escutou e fez sentido,  
Atrepou depois num pau,  
E tocou a sericória  
Parecendo birimbau.

O cachorro quando ouviu  
Que o tom era do senhor,  
Botou-se por ali afora  
E num instante chegou.

Mestre sapo mais a gia,  
Que estavam cantarolando,  
Não sabiam do barulho  
Que o teiú estava arrançando.

Mas o cachorro danado  
Dá com o sapo cururu,  
E endireitou-se p'ra ele  
Julgando que era o teiú.

A gia saiu à frente  
Dizendo: "seu presumido!  
Não me mate meu marido,  
Tenha pena dum sapinho,  
Que lhe faltando seu pai  
Morre à míngua, coitadinho.

"Eu não o mato, senhora,  
Não é por dó dele ter,  
É por nojo dele haver,  
Que um diabo como este  
Só se levando a cacete,  
Pois tem a pele tão grossa  
Que por ela verte azeite."

Assim sucede a quem anda  
Por casa que não é sua,  
Mesmo sendo de compadre  
Anda com os quartos na rua.

O sapo de grande susto  
Ficou meio adoentado,  
Não disse nada ao teiú,  
Mas ficou desconfiado.

"Marido, este seu mal  
Parece ser perigoso;  
Precisa tomar purgante  
De raiz de fedegoso."

"Mulher, lá nos Cariris  
Entendia alguma coisa?"  
"Marido, nos Cariris,  
Em mim tinham sua fé,  
Depois que curei de olhado  
O formoso jacaré.

“Faça seu apontamento  
Em seu juízo perfeito,  
P’ra depois eu não ficar  
Embaraçada e sem jeito.

“Mulher, por meu testamento  
Não lhe bata este papinho,  
Deixo as solfas p’ra você,  
A boceta pro sapinho.

“E marido, o seu enterro?  
“O meu enterro, mulher,  
As formigas e urubus  
O farão como quiser.

Saiu a gia p’ra fora  
Caçar remédio pro sapo,  
Encontrando os urubus,  
Quase caiu no buraco.

Marido, era verdade  
O que você me dizia,  
Perto do buraco estava  
Reunida a clerezia;

O que digo não é peta,  
Todos de chimarra preta  
Crivada de diamantes,  
E por uma banda e outra:

Sessenta e dois estudantes,  
E aonde há um abade  
Do tamanho dum peru,  
Que é o Félix do Pedrão.

— Félix do Pedrão, mulher,  
É homem muito mofino,  
Que nem que veja dinheiro,  
Não pega em corda de sino.

Tendo o sapo melhorado  
Foi-se embora com a gia,  
Com medo doutro barulho  
Que o teiú trazer podia.

Nisto o teiú aparece:  
— Deus vos salve, meu compadre;  
Cá pela sua casa  
Houve alguma novidade?

E o meu afilhadinho  
Já toca solfa no coro?  
Vasmincê naquele dia  
Fizeram praça ao cachorro.

O sapo quando isto ouviu,  
Qu'era uma babulage,  
Aqui mesmo foi descendo  
O surrão da matalutage,  
Foi levando mãos à riba  
Puxou pela parnaíba.

“Ah! seu cão, seu pé de gancho,  
Este é o pago que me dá,  
De ter lhe dado o meu rancho?  
“Ah! cão, ah cara de fome!  
Atira, atira seguro,  
Que tu atiras em home.

“Acuda, Siá Dona Gia,  
Não seja tirana, ingrata,  
Veja bem que estou por baixo,  
O cão do teiú me mata.

“Marido, que mofineza!  
Puxe a faca da maneira;  
Não se esqueça onde ela está  
Eu botei na algibeira.

“Esta mulher D. Gia  
É mulher muito faceira,  
Sempre anda se lembrando  
Da pequena da maneira.

E puxou a mão da faca,  
Saiu o teiú ferido.  
A Gia ficou com queixa  
De o não matar o marido.

Foram tratar de fazer  
Morada de pedra e cal,  
Mas sem cuidar de saber  
Que isto era pra seu mal.

Caiu a casa  
Como esparrela.  
Morreram todos  
De dentro dela.  
Saiu o sapinho  
Por um buraquinho.

## Apresentamos O Homem e alguns Homens

*Edith Mendes da Gama e Abreu*

A perene transformação de idéias e sentimentos, ao ritmo das épocas, é desafiada por imensidade dos que subsistem imutáveis, como a contínua sucessão de nomes que a morte vai apagando no quadro da humanidade é interrompida pelos que permanecem, radiosos e inolvidáveis, na memória dos pósteros sensíveis à Beleza e ao Bem.

Daí sua evocação quando a quando, mesmo corridos séculos e, até, milênios.

Assim, não estranha que ao receber o convite do meu modelar ex-discípulo, hoje colega ilustre e sempre dileto amigo, José Newton Alves de Sousa, a apresentar seu recente livro *O Homem e Alguns Homens* em cerimônia de lançamento, me volvesse à mente uma frase de velha leitura da *Oração da Coroa*, de Demosthenes: "... é próprio da natureza humana ouvir complacentemente injúrias e acusações a outrem e indignar-se contra os que a si mesmos se louvam".

Mas a distinção dos ouvintes aqui ora reunidos não lhes permitiria aquela complacência nem aquele constrangimento. Formam exceções que não desmentem o sábio ou não destróem a regra...

Aliás, não vai alguém enaltecer-se neste ambiente, porém ser enaltificado.

Louvores sem provas são vazios de mérito, já o disse em outro ensejo. E o mérito do que vou fazer a José Newton Alves de Sousa, acentuando-lhe o talento e a cultura realmente primorosos, ei-lo em prova evidentíssima, que poderia dispensar outras, tantas e tantas, acessíveis a quem quizer buscá-las: este livro — *O Homem e Alguns Homens*.

O tempo já poderia ir começando a amortecer-me a força de reviver o passado em reminiscências nítidas. Mas não começou... Então, estou a ver, através de longa série de anos — com que amarga saudade! — minha sala de aula na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal e lá, na última fila de carteiras, um estudante em singularidade de quietude e atenção, para reproduzir depois o assimilado das exposições da mestra, enriquecido por sua contribuição individual, em trabalhos escritos deveras excelentes.

E logo depois, sem surpresa para mim, que o previra e lhe assegurara, chegavam-me produções daquela pena jovem, embebida no sentimentalismo do poeta e reveladora das iniciações do cientista.

Encanta-nos o lirismo ressumante em *A Dança dos Ve-  
leiros Brancos*, de onde apanhei estes versos:

“Palpita em tudo uma canção de paz.  
Colado aos trilhos vai o trem correndo.  
E pelas margens vão os olhos lendo  
O poema verde dos canaviais”.

E ainda:

“Mas vê, árvore seca e solitária,  
que se nas outras bailam quentes ninhos,  
em teus galhos também as aves cantam.  
E vê que o rio, espelho das estrelas,  
também teus galhos tétricos reflete.”



Entre as primeiras publicações poéticas e o livro hoje lançado andam inúmeras páginas de educação, de civismo, de sociologia, de ética, a distribuir valiosos ensinamentos, dignas preceituações.

Estas últimas, que apresento com orgulho — os grandes alunos orgulham os mestres — trazem o sinal de luminosa ascensão no âmbito da cultura. Mantém em tom mais alto, ainda, o precioso desígnio educativo, não só pelo processo de argumentação vigorosa, fulgurante, insofismável, como pelo do estudo de personalidades insignes.

Mais que processo, método milenar maravilhoso, de subsistência confirmadora das minhas afirmações do início. Plutarco, nos esplendores da Grécia e os biógrafos atuais de magnas figuras humanas equivalem-se como educadores beneméritos.

As grandes vidas dão lições incontestáveis a realentar o idealismo dos que pregam a possibilidade do aperfeiçoamento humano. Nelas, os heroísmos não são de lendas, mas de feitos; as virtudes não são de imaginação, mas de realidade.

Os máximos pensadores concordam com Laroche-foucauld na suma importância de estudar-se o homem, que José Newton, com eloquência, assim define: "*Somaticamente, é pó; psiquicamente, é vida*". *Vida semelhante a Deus*, ao seu e nosso entender.

A exaltação da Antropologia Filosófica por ele deixada neste magnífico ensaio não poderia ser mais oportuna.

*Estamos a viver a era da técnica.*

Cumpramos aos pregadores da verdade persuadir do seu erro quantos sobrepoem a técnica à filosofia da vida e, pois, ao poder do espírito, que a criou, como criou a ciência, como criou a arte, como criou a moral.

Os tecnicistas unilaterais semelham os ingratos, que transfazem os benefícios recebidos em armas contra os benfeitores.

A técnica não surgiu por geração espontânea. Proveio da ideação, da reflexão, da comparação, do cálculo, poderes do espírito, que tudo cria, tudo rege, nas limitações mar-

cadadas pelo Criador Supremo e que tem por instrumentos soberanos, exatamente o pensamento filosófico e a palavra falada e escrita.

A Moral, maior diferenciação do homem entre os animais, nasceu desse pensamento, com ele evoluindo até sublimidades, qual a do Amor, seja do par humano, que transfere o instinto de conservação da espécie em magnitude sentimental, seja dos grupos sociais, onde a confraternização vem substituindo os ímpetos naturais de egoísmo e vingança primitivos.

Não perturbam a validade desta afirmativa a remanescência do antropófago de outrora nos combates guerreiros e ideológicos da atualidade.

Os filtros depuradores dessas taras de maldade ancestral ainda as retêm em grande parte. De tal modo, livros como este, que ao lado de uma dialética, cintilante em defesa do estudo do homem, das investigações de suas raízes ontológicas para sublimação de seu destino, da carência de sua religiosidade para conquista de sua felicidade, merecem o aplauso dos que não queimaram na pira do ceticismo as esperanças de um mundo melhor.

À plêiade dos eminentes perfis biográficos com que José Newton exprime o pendor vocacional para educar não faltou um nobre convertido, em mostra, por certo, da concretização de que nem todas as grandes vidas foram isentas de máculas.

O caminho do mal não prende irresistivelmente os passos do caminhante. Dele há notáveis desvios para o do bem. Quem não sabe por que se imortalizou a estrada de Damasco? Dela, como do pátio de Pilatos, saíram culpados que se redimiram pela excelsitude do arrependimento e multiplicação das energias para o adorável serviço daquele que um perseguira e outro negara.

E das cenas em que figurou Jesus nas paragens escolhidas para sua evangelização nenhuma o comoveu como a da cortesã de Magdala, caída a seus pés divinos, em súplica de perdão feita de lágrimas que os molharam e protestos de amor, enxugando-os com seus cabelos de ouro.

José Newton Alves de Sousa, quer analisando cientificamente o homem, quer sugerindo-lhe os meios de adequar-se à grandeza de seu destino na terra e de seu rumo para o céu, é sempre o mesmo, na segurança da dialética, no acerto da exegese, na elevação da linguagem, na estética do estilo.

É um missionário oculto no sociólogo.

É um mestre transfundido no amigo.

É uma altitude acurvada à modéstia.

Mas um conquistador de louros através do que escreveu neste livro — *O Homem e Alguns Homens*.

Cidade do Salvador, 19 de junho de 1974

*N. da R.* — As palavras supra foram proferidas pela ilustre sócia da Academia de Letras da Bahia, professora Edith Mendes da Gama e Abreu, por ocasião da solenidade, realizada no Instituto de Música da Universidade Católica de Salvador, de lançamento do livro *O Homem e Alguns Homens*, editado pela Universidade Federal do Ceará e de autoria do nosso conterrâneo prof. José Newton Alves de Sousa.

## Um certo carnaval em Crato

*F. Monteiro de Lima*

Em 1935 passei o Carnaval no Crato.

Após a capital cearense, nunca vi, em minha vida de viajante comercial, em quatorze Estados, um povo tão divertido. Ali, dança-se todas as noites. A sociedade cratense trabalha de dia e brinca de noite. Os viajantes comerciais todos os dias recebiam convites para os clubes e associações. Em Fortaleza, nos clubes, no carnaval, “pegava-se o sol com a mão”. No Crato, não, mas a cousa mais rara seria se deixar de dançar uma noite. Povo divertido ao extremo. Gente boa, amiga e nobre.

1935. Eu fui desta vez hospedar-me em Crato, no Hotel do Hermes.

Era um moreno muito camaradão, bom até a última gota, como um bom café.

Tudo para o “NEGO HERMES”, como nós intimamente o chamávamos, estava bem. Só fazia apreciar a patuscada dos viajantes e cuidando dos regabofes, passava rindo por nós, fosse o que fosse o que estivéssemos fazendo; é claro, ninguém, como gente educada, passaria dos limites, dada a elegância da própria educação de cada um de nós, pois ele tinha filhas dando conta do recado, na luta para que todos fossem bem tratados e bem atendidos.

Eu chegara da capital, com duas novidades: dois discos para abafar no Carnaval, músicas e letras desconhecidas.

Combinei com alguns colegas, em número de 30, e contratamos uma boa orquestra para “treinar” a semana toda e no sábado de Carnaval apresentarem as grandes novidades: “UMA MARCHA DO BLOCO DOS VIAJANTES e um SAMBA”, cuja letra haveria de ficar muito conhecida, ali, e que dizia:

Que vantagem Maria tem  
É boa!...  
Como é que Maria vive  
Atoa!...  
Com quem é que Maria mora  
Comigo!...  
Onde é que Maria mora  
Não digo...

Não digo porque tenho a certeza,  
Certeza que a minha Maria,  
Não vai com a cara do homem  
Que tem a falinha macia...

Que vantagem Maria tem  
É boa... etc.

Não digo porque tenho a certeza  
Certeza porque sou escolado  
Mulher é negócio de lado  
Amigo é melhor separado...

Decorria a semana cheia de preparativos para o BLOCO DOS VIAJANTES sair galhardamente e abafarmos. No entrevero da animação, participava conosco para tudo, inclusive os ensaios, a personalidade de Reginaldo Varandas, do Banco do Brasil, que já naquele tempo estava preparando os detalhes para a fundação do BANCO DO BRASIL em Crato.

Criatura guapa, alegre e risonha, ria com a turma à vontade e afirmou que sábado o almoço seria uma baca-

lhoad a à portuguesa, feita por ele, pois era exímio MESTRE CUCA naquele prato, bem acebolado, um pirão bem gostoso etc. que excedeu à expectativa geral e que nos foi oferecida.

O que mais "ASSOMBROU-SE" e "ANIMOU-SE" de uma maneira incrível foi o "nêgo ZÉDOUTÔ", empregado do Hermes. Gostava de uma cana... e trabalhava "puxando um certo fogo". Eram dois andares. O térreo era o Café de um amigo nosso, o Zé Eurico.

A portaria ficava no primeiro andar. Ao pisarmos no salão, éramos recebidos e tínhamos que passar perto de um papagaio, que dizia alguns palavrões "JÁ VEM, NÉ, SEU..."

"Tenha vergonha, seu papagaio salafráfio" ... Ah... ah... ah. "ESPERE AÍ SEU..."

Depois vinha o Hermes, para se encher o cartão de hóspede, ou mesmo a Palmira, sua filha.

— O tratamento lá dentro é igual à recepção? — perguntava um cidadão que nunca havia se hospedado ali.

— Melhora um pouco, dizia o Nêgo Hermes...

Ao chegar quinta-feira, os pandeiros de couro de raposa (30) já estavam prontos, tinindo, e iniciávamos com a orquestra os primeiros ensaios das duas músicas que eu trouxera.

Os músicos já estavam bem ensaiados em casa de um deles, onde havia uma vitrola, e eles, quando chegaram ao Hotel do Hermes, já tocavam para nós acompanharmos cantando. Quando a orquestra começou a tocar QUE VANTAGEM MARIA TEM... É BOA! — eu com o apito, comandando, chegou o Zédoutô, que havia subido e ouvira lá da rua; apressara os passos, e ao subir a escada o papagaio lhe disse: "É BOA!" O nêgo já vinha "puxando fogo". Zédoutô "bêbo" só dizia: "É boa... é boa..." Ficou doido pela letra do samba. Todos os viajantes e o Varandas cantando, quando todos diziam "É BOA!", o Zédoutô continuava "É boa... é boa... é boa..." Ele era um negro engraçado, então a turma não aguentava; ficava na maior gargalhada.

O Delegado era o célebre TENENTE ZÉ ANTÔNIO, aquele que disse certa vez: — “Quem foi o animal que levantou os dois pés?”

Eu havia dito: Zédoutô, você vai ser o PORTA-ESTANDARTE do nosso bloco. O Zé Antônio disse: — SEU MONTEIRO, SE ISTO ACONTECER, EU PRENDO O BLOCO TODO, todos os dias em que Zédoutô tiver como Porta-estandarte. . .

— O Sr. teria essa coragem, tenente?

— Teria, não, tenho!

— Então, o Sr. iria prender os representantes do comércio de Fortaleza em peso e mais o gerente do Banco do Brasil?

— Querem ver, experimentem!

Quando chegou a hora de sairmos, três horas da tarde de sábado, ele aguardava a nossa deliberação, para prender o bloco todo. Saiu um outro com o nosso estandarte, um nosso colega.

Antes de descermos as escadas do hotel, lá embaixo, era tanta gente que as duas ruas estavam superlotadas. Só com o último ensaio.

Eu no comando e no apito, tudo bem fantasiado, foi um sucesso de quatro dias, de fechar o comércio. Passávamos por uma praça, de um lado, então o povo que estava vendo o Carnaval, do outro lado, passava-se todo para o lado de cá, onde íamos, e debaixo de palmas. Grandes correrias para verem os viajantes. A cana comendo no centro, a música bem ensaiada e bem cantada por todos. . . E Zédoutô, atrás, e nego bêbado, só dizia:

— É BOA. . . MARIA É BOA, É SENVERGONHA DE BOA! O povo ria de escangalhar. . .

O povo ouvia a música já conhecida, e ao passarmos já pelo outro lado da Praça Siqueira Campos, a correria enorme fechava os passeios, numa folia estonteante.

Na terça-feira de Carnaval, o Hermes oferece um almoço ao nosso bloco, comparecendo até o Delegado Zé Antônio, da Polícia, que nos parabenizou, pois ele era, também, hóspede do Hotel Hermes.

— Estou gostando da orientação de vocês. Se colocassem o Zédoutô no Estandarte, seria um escândalo!... Gente fidalga, seguindo um estandarte nas mãos desse nêgo safado... (e apontando para o tal, que respondeu).

— Tenente, a MARIA É BOA!

— Se você beber demais, vai parar no “xilindró”, hoje, nêgo safado! Mas dizia em tom de prosa.

— Tenente, a MARIA É BOA, o Zé Antônio acabava rindo, no nosso meio, todos se divertindo muito. O Reginaldo Varandas afirmara: “O Monteiro havia dito por brincadeira, somente para ver sua reação...”

O almoço decorreu em plena orgia, a orquestra tocando o nosso hino e afinal, QUE VANTAGEM MARIA TEM... Então a alegria transbordou.

Lá embaixo, só em ouvir as nossas músicas, o povo enchia as ruas, na esquina do hotel, aguardando a nossa última saída no último dia do Carnaval. O sucesso havia sido enorme, todos, grandes amigos do comércio local, sobretudo eu, que havia morado em Crato no ano de 1929 e namorava a pequena mais querida da cidade, de uma das mais distintas famílias locais.

O bloco saiu novamente às 3 horas da tarde. As ruas transbordavam. Blocos, troças, caboclinhos, muitos papangus nas ruas, davam uma graça ao conjunto geral do carnaval cratense. Os bares vendendo bebidas à vontade, para não esfriar a animação, até onze horas ou meia noite.

Na quarta-feira de cinzas acordamos já perto da hora do almoço, todos ressacados, então ninguém viu o Zédoutô. Interpelei os presentes:

— Cadê o Zédoutô?

— Não vimos mais ele passar. Então os viajantes perguntavam às meninas, à cozinheira... A resposta era uma só: “Não sabemos”. Eu desci com alguns colegas ao quintal. Será que o “Nêgo” está “Bebaço”? Será que está lá em baixo? Descemos. NADA.

Tive a idéia de olhar a cacimba, dar uma olhadela. Tinha a boca grande, mas era muito comprida e ia afinando para



ficar muito estreita lá no fundo, com água. Quando olhei bem, o Zedoutô disse: “É BOA, A MARIA É BOA!”

— Mas Zedoutô, você aí! — alarmei.

E desceu todo mundo pra ver. O Hermes disse:

— Esse nêgo teve muita sorte... está vivo?

— Está é cantando QUE VANTAGEM MARIA TEM!

— Não sei como não morreu!

A trave de trilho com uns três metros, no centro da cacimba, havia arriado, ninguém ficou sabendo como Zedoutô não morreu, não sei como essa trave não matou Zédoutô...

O corpo do negro, bêbado como uma raposa, ao puxar água no carretel, a corda quebrou-se, e ele emborcou na cacimba, caiu com a frente, a barriga na trave de ferro, e deu uma virada, mergulhando bem no fundo. Por sorte não “levou a breca”. Cousa de bêbado, mesmo... Deu um mergulho de cabeça para baixo...

O Hermes foi buscar um cabo grosso, que colocou no carretel, e eu e o Varandas gritamos:

— TE SEGURA, NEGO!, enquanto puxávamos a grossa corda. Chegou em cima.

— Zédoutô nasceste hoje! gritou o Varandas, e eu, com muito jeito, segurei o NEGO, puxando-o para fora. Estava gelado. Completara três horas lá no fundo estreito da cacimba, e sempre dizendo “MARIA É BOA... É BOA...” Estava, ainda, no efeito do álcool... Repetia — É BOA!

Saiu pela porta do quintal, ao lado da Rua da Califórnia, entrou no Bar do Zé Eurico e fez aquilo que “todo besta que bebe” e é tarimbado, “é General no assunto” e executa: (exceto os viajantes que levam horas e horas de chuvas torrenciais, salvando-se de uma pneumonia dupla, mas... por necessidade) Zédoutô mandou encher o copo de cana do Lamieiro e virou todinho, dizendo: É BOA!

(Do livro de Memórias *O Viajante e o Nordeste*).

## ÍNDICE

Mais um Número de Itayera .....	3
Empossada a Diretoria do Instituto Cultural do Cariri .....	5
Encerrando o mandato no Instituto Cultural do Cariri .....	7
Autoridades enaltecem ICC .....	12
Circular distribuída pelo Instituto Cultural do Cariri comunicando a sua nova Diretoria .....	13
Assumindo a Presidência do ICC ( <b>Jéfferson de Albuquerque e Sousa</b> ) .....	15
Relatório ao Sr. Ministro da Educação e Cultura .....	19
Relembrando Figueiredo Filho ( <b>Pedro Gomes de Matos</b> ) .....	25
II Seminário Para o Desenvolvimento do Sul do Ceará .....	29
Os Militares do Instituto do Ceará ( <b>Gen. Raimundo Teles Pinheiro</b> ) ..	49
Pe. Pita — Apóstolo da Educação ( <b>José Francisco de Matos</b> ) .....	57
Alexandre Arrais ( <b>Raimundo de Oliveira Borges</b> ) .....	61
Reminiscências do Pereiro ( <b>Antônio de Alencar Araripe</b> ) .....	67
Conotações Históricas de Barbalha ( <b>Antônio Marchet Callou</b> ) .....	79
De Barbalha ao Trabalhador de Ontem ( <b>Napoleão Tavares Neves</b> ) ....	92
Posse do Escritor Mozart Soriano Aderaldo .....	97
Palavras do Presidente do ICC .....	98
Recebendo Mozart Soriano Aderaldo no ICC ( <b>Jéfferson de A. e Sousa</b> ) ..	100
Discurso de Posse no Instituto Cultural do Cariri ( <b>Mozart S. Aderaldo</b> ) ..	103
Dois Jubileus de 1976 ( <b>Venicius Barros Leal</b> , do ICC) .....	111
No Centenário de Fernandes Távora ( <b>Antônio de Alencar Araripe</b> ) ....	121
Dr. Távora e o Crato ( <b>J. Lindemberg de Aquino</b> ) .....	131

O Sono (Pe. Antônio de Alcântara) .....	135
Instituto Histórico dá Posse a Nertan Macedo .....	151
Uma Carta sem Resposta (José dos Anjos Dias) .....	159
Noite de Penitente (Jefferson Jr.) .....	167
3 Poemas de Jéfferson Albuquerque .....	172
Poesias (Dandinha Vilar) .....	176
Trovas (Ildebrando Sisnando) . .....	183
Trem Latino (A. Rosemberg) .....	185
Realçando Camões (Petarca Maranhão) .....	187
O Sapo do Cariri (J. de Figueiredo Filho) .....	189
Apresentamos O Homem e Alguns Homens (Edith Mendes da Gama e Abreu) . .....	198
Um Certo Carnaval em Crato (F. Monteiro de Lima) .....	203

---

Composto e Impresso na Imprensa Universitária  
da Universidade Federal do Ceará, Avenida  
da Universidade, 2932 — Fortaleza - Ceará

---





